



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

“ME(I)A CULPA, CRESCER SEM LIBERDADE”

UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DA
EXPERIÊNCIA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO NUM
CENTRO EDUCATIVO

INÊS SOUSA COUTINHO O. PEREIRA

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTOR VÍTOR AMORIM RODRIGUES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTOR VÍTOR AMORIM RODRIGUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
Prof. Doutor Vítor Amorim Rodrigues apresentada no ISPA –
Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre
na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Vítor Amorim Rodrigues, por todo o apoio, incentivo e rigor científico ao longo deste ano tão difícil e pelas palavras certas e motivadoras para que tudo “chegasse a bom porto”.

Ao meu pai e à minha mãe, pela oportunidade que me proporcionarem para tirar este curso que tanto gosto, por me darem o empurrão que precisava para o terminar, por me ajudarem nas maiores dificuldades e, acima de tudo, por serem uns pais “galinhas” que tanto se preocupam comigo.

Às minhas avós, à avó Tereza por estar sempre pronta a ajudar e à avó Miná pela preocupação, interesse e por rezar por mim

À minha irmã, Teresa, pelo apoio e ajuda ao longo destes anos todos, pela boa disposição e animação, por me ouvir e por estar sempre comigo quando preciso. Melhor irmã que podia pedir.

À Patrícia, por ter sido o pilar fundamental que nunca me deixou cair, por estar sempre ao meu lado, seja a descontraír e conter as minhas ansiedades, seja a incentivar. Por acreditares em mim incondicionalmente. Obrigada por tudo.

À Lecas pela preocupação constante e por palavras de motivação. Perto ou longe nunca deixou de acreditar em mim.

À Chica, por ajudar, de uma maneira diferente, tornas esta fase menos tensa, por todas as brincadeiras e descontração.

À Vera por se preocupar sempre comigo, por ao longo destes anos todos ser a voz da consciência e por mostrar sempre interesse nesta fase da minha vida.

Às Marias por toda a amizade demonstrada, por tantos anos juntas e por me nunca abandonarem.

À Maggie por, apesar de ver sempre o lado mau das coisas, conseguir pôr essa visão de uma maneira de amizade verdadeira.

À Mafa pelas tardes de estudo, tão intensas e divertidas, pela companhia essencial e por me fazeres rir e ajudares com tudo.

À G Pires por todas as palavras sábias, maturidade, descontração e amizade tão grande que cresceu num piscar de olhos.

Ao Martinho por todo o humor necessário numa fase destas, pela amizade e por ter estado comigo até ao fim, conseguimos!

Ao Zé, por todo o apoio (e procrastinação) mutuo e pela descontração que consegue transmitir.

À Inês Chica por estes cinco anos sempre lado a lado, por uma amizade que foi crescendo e tornou-se enorme e por conseguirmos, juntas, passar esta fase.

Ao Zequinha pelo “já volto” inconstante mas por uma amizade constante.

Ao Tony, Sofia, Sr.º Rúben, Amílcar, Sr.º Reis e Patrícia (da biblioteca) por, durante estes cinco anos, serem sempre uma companhia, todos os dias, e às vezes até noites, por me tratarem sempre bem e por terem confirmado que fiz a escolha certa ao escolher o ISPA.

Aos participantes, por se terem disponibilizado e, pelas suas confidências, tornarem esta dissertação mais rica.

Ao Centro Educativo, por, com horários tão preenchidos e trabalho tão intenso, se terem disponibilizado e, de maneira tão afável, terem tornado esta dissertação real.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo descrever, explorar e compreender a experiência subjetiva dos jovens delinquentes institucionalizados, num regime de internamento, em Centros Educativos. Assim, é através da visão e dos sentimentos dos adolescentes institucionalizados, que se visa investigar o sentido da experiência deste fenómeno. A metodologia aplicada insere-se numa investigação qualitativa de natureza fenomenológica, pelo que é utilizado o método fenomenológico de Amedeo Giorgi, no sentido de se alcançar uma descrição final com os constituintes essenciais e invariáveis desta experiência subjetiva. A amostra é constituída por cinco participantes, do sexo masculino e feminino, com idades compreendidas entre os 16 e os 19 anos. Os participantes encontram-se em regime de internamento aberto e semi-aberto, no Centro Educativo. Os resultados deste estudo indicam a perceção de uma influência negativa, tanto social como familiar, para a delinquência e uma consciencialização do motivo pelo qual os jovens foram institucionalizados, apesar de não terem claro o sentimento de justiça face à medida que lhes foi aplicada. Na vivência do internamento, a privação da liberdade conduz a uma vulnerabilidade emocional e os sentimentos de arrependimento, mudança, adaptação e gratidão face ao Centro são perceptíveis. Por outro lado, é sentido pelos jovens, na experiência de institucionalização uma contestação quanto às regras do Centro. Assim, compreende-se que este fenómeno é bastante complexo e afeta várias dimensões do sujeito.

Palavras-chave: Delinquência Juvenil, Institucionalização, Adolescência, Justiça Juvenil, Fenomenologia, Experiência Vivida.

ABSTRACT

The present study aims to describe, explain and understand the subjective experience of institutionalized juvenile delinquents in a Correctional Facility. Thus, it is through the vision and feeling of institutionalized adolescents, that is investigated the meaning of the experience of this phenomenon. The methodology used in this study is based in a qualitative research of phenomenological nature and, in that way, the phenomenological method by Amedeo Giorgi is used. This method aims to achieve a final description with the essential and invariable constituents of this subjective experience. The sample consists in five participants, male and female, aged 16 to 19 years of age. The participants are incarcerated in open and semi-open conditions, at a Correctional Facility. The results indicate a perceived negative influence, both social and familiar, for delinquency and an awareness of the reason of why they were institutionalized, although they don't have clear sense of justice towards the measure which they were sentenced. While incarcerated, the deprivation of freedom leads to an emotional vulnerability and, it is noticeable, feelings of repentance, change, adaptation and gratitude towards the Facility. On the other hand, it is felt, by the institutionalized juvenile, an unpleasantness headed towards the Facility's rules. Thus, it is understood that this phenomenon, of the experience of juvenile institutionalization, is very complex and it affects multiple dimensions of the subject.

Key-words: Juvenile Delinquency, Institutionalization, Adolescence, Juvenile Justice, Phenomenology, Lived Experience.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	3
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
Adolescência	3
Delinquência Juvenil.....	4
Fatores de Risco e de Fatores de Proteção da Delinquência Juvenil	6
Pelos Caminhos da Lei – Enquadramento jurídico face à delinquência juvenil.....	7
Institucionalização.....	9
O impacto da institucionalização nos jovens delinquentes	13
CAPITULO II.....	19
METODOLOGIA	19
Participantes	20
Material	21
Procedimentos	22
CAPITULO III	24
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	24
Descrição da Estrutura Geral de Significados nos 5 participantes.....	24
Constituintes Essenciais da Estrutura Geral de Significado e Variações Empíricas	25
CAPÍTULO IV	42
DISCUSSÃO	42
Diálogo com a literatura.....	42
CAPÍTULO V	48
CONCLUSÃO	48
Considerações Finais.....	48
Limitações do Estudo e Propostas de Investigação e Intervenção.....	49
Referências Bibliográficas.....	51
ANEXOS	58
Anexo A – Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico de P1.....	59
Anexo B – Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico de P2.....	81

Anexo C – Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico de P3.....	107
Anexo D – Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico de P4.....	137
Anexo E – Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico de P5.....	183
Anexo F - Questionário Sócio Demográfico	236
Anexo G - Requerimento/Pedido de Autorização Formal	237
Anexo H – Consentimento Informado.....	238

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Evolução mensal da lotação e do número de jovens internados 2014 – 2015.....	11
Quadro 2. Jovens internados em centro educativo por tipo de crime.....	12
Quadro 3. Jovens internados em centro educativo por idade	12

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Descrição da Estrutura Geral de Significados nos 5 participantes.....	24
Tabela 2- Análise dos Constituintes Essenciais e das Variações Empíricas	39

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Relação dos Constituintes Essenciais da Experiência de Institucionalização	47
--	----

INTRODUÇÃO

São poucas as pesquisas que possibilitam dar voz aos jovens institucionalizados em Centros Educativos. Através da execução de medidas privativas de liberdade, aplicadas aos jovens considerados como desviantes, dá-se a tentativa de impor o objetivo de reabilitação e reintegração dos mesmos, pelo que os Centros Educativos, segundo Goffman (1999), são espaços estigmatizantes e estão sob um sistema de autoridade em que os indivíduos percebem toda a sua existência.

Nesse sentido, o principal objetivo deste estudo é a descrição e compreensão da experiência subjetiva dos sujeitos que se encontram institucionalizados num Centro Educativo, pois verifica-se como é fundamental entender como os jovens institucionalizados experienciam o clima institucional, e não apenas através do ponto de vista da instituição, já inúmeras vezes estudado.

Este é um estudo realizado no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida – sob a leitura fenomenológica à luz do método de Amadeo Giorgi e é no contexto de uma investigação qualitativa que o presente estudo está enquadrado. Verifica-se, então a importância de analisar, de um modo fenomenológico, a experiência vivenciada por estes jovens com o propósito de entender a essência dos significados subjetivos associados ao fenómeno em questão.

Considerando as particularidades deste estudo, afigurou-se imperativo construir um enquadramento teórico, no Capítulo I, abrangente e sustentável, havendo a necessidade de realizar uma revisão bibliográfica com base nas temáticas da Adolescência, da Delinquência Juvenil (e os seus fatores de risco e de proteção), do Enquadramento Jurídico em Portugal, da Institucionalização, bem como dos Impactos da mesma.

De seguida, no Capítulo II, será apresentada a metodologia utilizada, bem como uma breve síntese e enquadramento sobre o método qualitativo e o método de Amadeo Giorgi, os objetivos de estudo, os participantes, o material e os procedimentos utilizados.

No Capítulo III, serão apresentados os resultados e a sua análise. Nos resultados verifica-se a estrutura geral de significados psicológicos, i.e., a relação à experiência de

institucionalização no Centro Educativo e será apresentada também uma descrição e análise dos constituintes essenciais da experiência, bem como das suas variações empíricas.

Relativamente ao Capítulo IV, o objetivo principal do mesmo é dar seguimento às questões emergentes desta investigação fenomenológica, estabelecendo-se, para isso, uma correlação entre os resultados do estudo e a literatura existente.

Finalmente, no Capítulo V, será apresentada uma breve conclusão, bem como as limitações encontradas no presente estudo e propostas para investigações, e intervenções, futuras.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Adolescência

É consensual que na *adolescência* – palavra etimologicamente proveniente do latim “*adolescere*”, que significa crescer, enquanto “*alere/alescere*” significa alimentar/começar a alimentar-se. Já *adulto*, provem do latim *crescido* (Houaiss & Villar, 2001) – portanto, todo o adolescente é um *adultonascente*, i.e., um futuro adulto em construção, um jovem em processo de vir-a-ser, um ser autónomo em potência. (Matos, 2003). O ser humano vive, assim, transformações, por pressões externas e internas, em direção à autonomia e a uma identidade consistente.

A adolescência é uma fase conturbada na vida do individuo, marcada por alterações a nível físico, afetivo, social, familiar e psicológico. É nesta etapa da vida do individuo que desenvolve a sua própria identidade e constrói a sua personalidade em função das suas vivências, experiências, e da sua história pessoal. O jovem adquire uma maior autonomia, o que permite que se afaste um pouco da retaguarda familiar, e que se insira num grupo de pares que passará a ser, então, o seu ponto de referência na construção da sua identidade, ao invés da família (Pral, 2007).

Nurmi, Poole e Kalakoski (1996), defendem que as sociedades, ao moldarem as expectativas e as crenças dos seus membros sobre as opções que lhes estão disponíveis e, ao regularem o seu acesso a eventuais opções alternativas, afetam o processo de formação de identidade dos indivíduos. Neste sentido, a adolescência é um processo de desenvolvimento bio-psico-social e o seu início e o seu fim não poderão ser universalmente determinados, já que o ritmo de produção das mudanças, internas e externas, varia consoante cada indivíduo e o seu meio envolvente.

Para Palacios e Oliva (2001) se a puberdade pode ser considerada como um fenómeno universal no calendário maturativo humano, a adolescência por sua vez, é um acontecimento psicossociológico não necessariamente universal e, portanto, não assume em todas as culturas os mesmos padrões e características que adota na nossa cultura.

Para Dias e Vicente (1984), a adolescência enquanto fenómeno, encontra-se no limite do psicológico e do social, e é a partir da interação entres estas duas áreas que é possível a formação da identidade do adolescente.

Delinquência Juvenil

O conceito de delinquência é talvez aquele que está mais associado a uma maior imprecisão. Com efeito, o termo delinquência tanto pode ser definido em função de critérios jurídico-penais – sendo delinquente o individuo que praticou atos dos quais resultou uma condenação pelos tribunais – como pode confundir-se com a definição de comportamento anti-social (...), assumindo, deste modo, uma amplitude muito maior

(Negreiros, 2001)

O aumento de pesquisas sobre os fatores associados à delinquência juvenil, nas últimas duas décadas do século XX, gerou um crescimento na quantidade, e qualidade, de informação relativa ao tipo e à incidência de infrações cometidas por adolescente.

De acordo com Born (2005) não existe uma única teoria que explique o que é a delinquência no seu cerne. Trata-se assim de um tema amplo, que pode ser definido de diversas formas, como segundo a perspectiva Psicossocial, Criminológica, Desenvolvimental ou Clínica.

A perspectiva psicossocial assume a existência de vários tipos de comportamentos e, nos que poderão ser considerados como delinquentes - conforme a avaliação da responsabilidade, pois, para que um comportamento seja rotulado com *conotação negativa* é necessário que alguém, no corpo social, o assinale como tal – dá destaque aos comportamentos associiais (que podem provocar um dano sem que haja vontade de prejudicar) e os comportamentos anti-sociais (que traduzem uma intenção negativa) (Born, 2005).

Segundo esta perspectiva é através da sociedade, das suas leis, normas e regras, que o ato delinquente é definido, pelo que esta perspectiva, conforme Born (2005) afirma, toma por fundamento que todo o ato delituoso evolui no espaço e no tempo e, assim, a avaliação deste ato varia consoante o grupo social, religioso, étnico, cultural ou tribal.

Segundo a perspectiva criminológica, e de um ponto de vista estritamente legal, são considerados crime todos os atos que violam as normas previstas na lei (Cusson, 2007). Contudo, a opinião pública pode estabelecer uma classificação muito diferente da

classificação legal, isto é, existe uma discrepância de concepções entre a opinião pública e a lei, entre o que é considerado como comportamento desviante, ou não (Born, 2005).

Em Portugal, nos termos da Lei Tutelar Educativa ¹ (LTE), o fenómeno da Delinquência juvenil engloba os atos qualificados pela lei como crime praticados por jovens entre os 12 e os 16 anos, os quais necessitam de ser educados para o Direito bem como ser inseridos de forma digna e responsável na vida em sociedade. Aos jovens infratores é-lhes aplicada uma das Medidas Tutelares Educativas previstas no art. 4º da LTE, tendo em conta o facto praticado.

Segundo a perspetiva desenvolvimental de Born (2005), as lacunas no processo de aprendizagem e socialização do individuo são responsáveis pela prática de atos delinquentes e, posteriormente, pela possível entrada no mundo da desviância. Esta perspetiva vai de acordo com Bandura (cit. In La Rosa, 2003) e os seus colaboradores que, ao realizar diversas experiências, concluíram que grande parte dos comportamentos é aprendida através da aprendizagem social por observação, mediante modelação. Isto é, o individuo observa, imita e, posteriormente, modela os comportamentos observados, adaptando-os e integrando-os no seu quadro de respostas.

Por fim, segundo Born (2005), a perspetiva clínica baseia-se em extrair hipóteses gerais por estudos de casos e integra, tanto os fatores familiares, como os individuais. Pelo que permite chegar a uma reflexão sobre os componentes possíveis das personalidades delinquentes. Esta perspetiva trata, então, de compreender a pessoa no seu funcionamento interno.

De acordo com Negreiros (2001), a nível psicopatológico, a delinquência juvenil é caracterizada como uma perturbação do comportamento em que se verifica um “padrão persistente de comportamento anti-social, podendo interferir com diversos domínios da vida do individuo. Trata-se, assim, de um conjunto de comportamentos anti-sociais e de oposição (roubos, violência física, crueldade, fugas) caracterizados por conflitos constantes com os outros.

¹ Lei n.º 166/99 de 14 de Setembro – Lei Tutelar Educativa: A prática, por menos com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos, de facto qualificado pela lei como crime dá lugar à aplicação de medida tutelar educativa em conformidade com as disposições da presente lei.

Fatores de Risco e de Fatores de Proteção da Delinquência Juvenil

Cada indivíduo é um ser único, que possui as suas próprias características individuais e encontra-se inserido num determinado meio cultural, social e familiar, que detém uma certa influência sobre si. Os fatores de risco e proteção da delinquência juvenil têm sido amplamente discutidos como importantes indicadores para uma prevenção e intervenção fundamentada e adequada neste fenómeno (Hawking et al., 2000; Holmes, Slaughter & Kashani, 2001).

Sabe-se que os fatores de risco da delinquência juvenil têm sido entendidos como aqueles que aumentam a probabilidade de ocorrência dos comportamentos anti-sociais e delinquentes, enquanto os fatores de proteção têm sido entendidos como indicadores que inibem a ocorrência destes mesmos comportamentos (Matos, Negreiros, Simões & Gaspar, 2009).

É vasta a literatura sobre a temática dos fatores de risco da delinquência juvenil e, através da mesma, é possível verificar as suas dimensões – características individuais, família, grupo de pares, escola e contextuais (Shader, 2003). Em acrescento, Matos, Negreiros, Simões & Gaspar (2009) referem que os jovens que apresentam inúmeros fatores de risco manifestam igualmente maior probabilidade de apresentarem comportamentos anti-sociais.

Quanto aos fatores de risco individuais, a literatura tem associado frequentemente baixos resultados académicos (Farrington & Loeber, 2001), uso de substâncias (Thornberry, 1998; Simões, Matos & Batista-Foguet, 2008), absentismo escolar, expulsões e suspensões escolares (Ferreira, 1997) e baixo rendimento académico (Carvalho, 2005). Ainda nos fatores individuais, mas de proteção, Farrington (1999) refere que a atitude negativa face aos comportamentos anti-sociais, a perceção do risco, a capacidade de comunicação e as competências sociais para lidar com o *stress* e a agressividade têm sido discutidos como elementos que protegem o jovem da realização de comportamentos delinquentes.

No que concerne aos fatores de risco escolares, identificados pela literatura, é possível referir genericamente a atitude dos docentes, relação negativa entre professores e aluno, fraco envolvimento na escola, associação a pares desviantes (Ferreira, 1997), bem como insucesso escolar (Carvalho, 2005). Quanto aos fatores de proteção escolar, segundo Thornberry et al. (1998), os alunos mais comprometidos com a escola, com os professores, e com expectativas

mais elevadas sobre o seu percurso formativo, têm menos probabilidade de se envolver em práticas delinquentes.

Relativamente aos fatores de risco familiares, o estudo de Cambridge (Farrington et al., 2003) refere que jovens cujo historial de família com existência de pais, e irmãos mais velhos, condenados, com pobreza familiar, família numerosa, condições de habitação degradantes, disciplina rígida e autoritária, fraca supervisão, conflito parental e separações dos pais, tendem a apresentar comportamentos delinquentes. Pelo contrário, segundo Ferreira (1997) a família constitui-se como um elemento protetor para o jovem quando existe supervisão familiar, identificação com os pais e uma comunicação íntima.

Quanto aos fatores de risco grupos de pares, ter amigos com comportamentos anti-sociais é uma das correlações mais consistentes de se adotar o mesmo tipo de comportamentos (Thornberry et al., 1998; Farrington, 1999). Um estudo realizado por Beyres, et. Al., (2001) concluiu que ter atitudes positivas face aos comportamentos delinquentes dos pares aumenta a probabilidade de se envolver em comportamentos delinquentes. Neste sentido, segundo Cusson (2007) quase a totalidade dos jovens delinquentes persistentes têm amigos que, por sua vez, também têm problemas com a justiça. Quanto maior for o número de amigos delinquentes, maior será a tendência do adolescente para cometer delitos. Quanto mais tempo um jovem passar na companhia de delinquentes, mais crimes cometerá. No entanto, há que reconhecer os seus limites, os delinquentes não transmitem entre si propriamente valores criminais, mas sobretudo truques, justificações e exemplos. Isto é, esta aprendizagem não repousa nem sobre uma valorização nem sobre uma idealização do crime (Cusson, 2007).

Finalmente, sobre os fatores contextuais, Carrilho (2000) salienta a importância da proteção da comunidade na inibição dos comportamentos delinquentes. Estudos baseados em inquéritos regionais mostram que residir num local com baixo nível socioeconómico está associado com a probabilidade de praticar comportamentos delinquentes graves e persistentes (Beyers, et al., 2001).

Pelos Caminhos da Lei – Enquadramento jurídico face à delinquência juvenil

Regulamentação Portuguesa: A Lei Tutelar Educativa

Em Portugal, no ano de 1999, procurava-se definir um conjunto de tarefas mais objetivas e precisas para os técnicos na intervenção junto de *menores agentes de atos criminais* pelo que, por decisão conjunta do Ministério da Justiça e do Ministério do Trabalho

e Solidariedade Social, foi aprovada a Reforma do Direito de Menores (Proposta de Lei Nº 266/VII de 17 de Abril de 1999, lei n 133/99, de 28 de Agosto), até então Organização Tutelar de Menores (OTM) - reforma que consistiu na distinção entre a intervenção tutelar de proteção e a intervenção tutelar educativa - designada por Lei Tutelar Educativa (LTE).

Quanto à intervenção de cariz educativa, esta é o propósito da Lei Tutelar Educativa – Lei que entrou em vigor a 1 de Janeiro de 2001, e recentemente revista a 15 de Janeiro de 2015 – *“A razão de ser da intervenção tutelar educativa, a cargo do sistema de justiça: Quando é o próprio menor a pôr em causa, através do seu comportamento, os valores jurídicos essenciais da comunidade traduzidos nas normas penais, justifica-se a intervenção do Estado com a finalidade de o educar para o direito e para os valores fundamentais da vida em sociedade, por forma a que ele interiorize aqueles valores e normas básicas essenciais à vida em comunidade. Neste contexto, pressuposto da intervenção tutelar é, não só, a prática de um facto considerado pela lei penal como crime, como também a concreta necessidade de educação do menor para o direito e para os valores fundamentais da vida em sociedade (...). O segundo pressuposto, sendo finalidade da intervenção tutelar a educação do menor para o direito e não a retribuição pelo crime, não poderá aplicar-se medida tutelar sem que se conclua, em concreto, pela necessidade de corrigir a personalidade do menor no plano do dever-se jurídico manifestada na prática de facto”* (Reforma do Direito de Menores, 1999, p.300-305).

Apesar de, em Portugal, a Lei Tutelar Educativa esteja formada para os jovens que cometem um ato considerado crime pelo lei penal no grupo etário dos 12 aos 16 anos, esta prevê um seguimento do jovem, sempre que considerado necessário até que atinja os 21 anos de idade, e é dada ao Estado a possibilidade de intervir de forma a avaliar sobre a adequação do controlo ou da supervisão parental e das necessidades de proteção do menor.

De acordo com o artigo nº4 da Lei Tutelar Educativa, faz parte das medidas tutelares educativas o internamento em centros educativos, sendo que se aplica segundo um dos seguintes regimes de execução: aberto, semi-aberto e fechado.

A medida de internamento visa proporcionar ao menor, por via do afastamento temporário do seu meio habitual e da utilização de programas e métodos pedagógicos, a interiorização de valores conformes ao direito e a aquisição de recursos que lhe permitam, no futuro, conduzir a sua vida de modo social e juridicamente responsável (art.17º, nº1, da LTE).

A medida de internamento em regime aberto, em regime semiaberto e em regime fechado é executada em centro educativo classificado com o correspondente regime de funcionamento e grau de abertura ao exterior. (art.17º, nº2, da LTE).

A medida de internamento em regime semiaberto é aplicável quando o menor tiver cometido facto qualificado como crime contra as pessoas a que corresponda pena máxima, abstratamente aplicável, de prisão superior a três anos ou tiver cometido dois ou mais factos qualificados como crimes a que corresponda pena máxima, abstratamente aplicável, superior a três anos (art.17º, nº3, da LTE).

A medida de internamento em regime fechado é aplicável quando se verificarem cumulativamente os seguintes pressupostos: ter o menor cometido facto qualificado como crime a que corresponda pena máxima, abstratamente aplicável, de prisão superior a cinco anos ou ter cometido dois ou mais factos contra as pessoas qualificados como crimes a que corresponda pena máxima, abstratamente aplicável, de prisão superior a três anos; e ter o menor idade igual ou superior a 14 anos à data da aplicação da medida (art.17º, nº4 da LTE).

A lotação das unidades residenciais depende, para além das condições físicas e dos meios humanos disponíveis, do regime de execução a que se destina. Para cada unidade residencial são fixadas as seguintes lotações máximas: Unidades de regime aberto – 14 lugares, Unidades de regime semiaberto – 12 lugares, Unidades de regime fechado – 10 lugares e Unidades especiais – 10 lugares (art. 11, capítulo II Regulamento geral e disciplinar dos Centros Educativos).

Institucionalização

Segundo Marques (1995), a intervenção que visa o tratamento deve ter em conta a compreensão e o valor dos comportamentos, no que diz respeito à sua génese e objetivos. Assim, é pretendido dar sentido aos comportamentos para que possam ser reapropriados pelo sujeito, permitindo, positivamente a sua integração e a construção.

Chartier (1991), propõe o tratamento institucional como um dos recursos terapêuticos para jovens delinquentes, como maneira do jovem se confrontar com a realidade, ajudando-o a compreender conceitos como a responsabilidade, que se concretizará na capacidade de iniciar comportamentos responsáveis e responder e assumir as consequências dos seus atos. Permite, com isto, a restauração do sentimento de identidade e fortalece a consciência moral,

na tentativa de neutralizar um modo de funcionamento maioritariamente egocentrista (Chartier, 1991).

Pelo contrário, Matos (1977) defende que, ao admitir que o problema da delinquência juvenil é do foro da psiquiatria, não deverá a recuperação e reeducação de delinquentes ser ligada ao sistema de justiça, mas sim da competência dos serviços de saúde através do trabalho terapêutico.

Institucionalizar jovens delinquentes na nossa sociedade serve os objetivos da punição, dissuasão e reabilitação (Liebling & Manura, 2005), pelo que a reabilitação destes jovens é um dos principais objetivos dos Centros Educativos (Gatti, Tremblay & Vitaro, 2009), mas os efeitos a longo prazo destas intervenções ainda não são promissoras (Biehal, 2010; Biehal et al., 2010; Lipsey, 2009; Parhar, Wormith, Derkzen & Beauregard, 2008).

Os Centros Educativos portugueses são, naturalmente, espaços restritos, estigmatizantes e onde, sob um sistema de autoridade, os indivíduos percebem toda a sua existência, agindo em vários espaços classificados muitas vezes por diferentes padrões normativos (Goffman, 1999). Através da execução de medidas privativas de liberdade aplicadas aos indivíduos considerados como desviantes, as sociedades justificam e legitimam a segregação que lhes é imposta pelo objetivo da sua futura reabilitação e reintegração social.

Os centros educativos portugueses são ‘instituições totais’ e, como Neves (2008) afirmou, devem ser lugares que têm uma variedade de fins e ações educacionais intensivas, um “espaço de disseminação intensa do educativo”. Vários autores têm argumentado que as intervenções educacionais, em contexto institucional de privação de liberdade, devem adotar a perspetiva de reduzir os comportamentos considerados socialmente inadequados, concentrando-se em ajudar os indivíduos a desenvolver e maximizar as suas capacidades (pessoais e relacionais) através da aquisição de novas competências sociais (Mackenzie, 2006), pelo que o desafio maior que se coloca aos Centros Educativos é o de educar para a autonomia em contexto de privação dessa condição, pela regulação permanente da vida institucional.

Pelo que é permitido entender da literatura existente sobre os Centros Educativos em Portugal e, sobre a avaliação psicológica forense de jovens envolvidos em processos tutelares educativos, as dimensões e áreas a avaliar são: Individuais (desenvolvimentais, de

funcionamento psicológico/da personalidade, comportamentais, valores, crenças); Familiares; Sociais, Socioeconómicas, Contextuais e Relacionais (escola, grupo de pares, lazer); Fatores de Risco; Fatores de Proteção; Resiliência e Necessidade de Intervenção (Manita & Machado, 2012).

Através da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais é, todos os meses, lançada a Estatística dos Centros Educativos em Portugal. Com isto, podemos averiguar, até ao último mês lançado (Outubro, 2015) a estatista principal referente a esta temática:

Quadro 1. Evolução mensal da lotação e do número de jovens internados 2014 – 2015

	2014												2015										média 2015	
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out		
lotação	233	233	233	233	233	233	233	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198	198,00
jovens	248	238	243	253	255	251	250	225	210	199	197	195	193	190	187	181	174	165	164	161	148	149	171,20	

Fonte: SIRS, 2 novembro 2015

Com a análise do quadro 1 é possível verificar que, em Outubro de 2015, o número de jovens internados em centro educativo diminuiu 25,12% relativamente ao mês homólogo do ano anterior, que desde Novembro de 2014 o número de jovens internados é inferior à lotação dos centros educativos. Verifica-se também que a taxa de ocupação foi, em Outubro de 2015, de 75% e que a média de jovens internados de Janeiro a Outubro de 2015 foi de 171, 20.

Quadro 2. Jovens internados em centro educativo por tipo de crime

Categoria e tipo de crime	fem	masc	total
Total de crimes registados	26	296	322
1 Crimes contra as Pessoas	9	112	121
1 3 16 Ameaça e coacção		27	27
1 2 6 Ofensa à integridade física voluntária grave	3	22	25
1 2 7 Ofensa à integridade física voluntária simples	3	23	26
1 5 21 Difamação, calúnia e injúria	2	12	14
1 6 24 Violação de domicílio e introdução em lugar vedado ao público		4	4
1 2 14 Outros crimes contra a integridade física		3	3
1 4 198 Abuso sexual de crianças, adolescentes e menores dependentes		5	5
1 4 18 Violação		5	5
1 1 5 Outros crimes contra a vida		3	3
1 2 196 Outros crimes de violência doméstica		2	2
1 4 20 Outros crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual		2	2
Outros	1	4	5
2 Crimes contra o Património	17	149	166
2 8 45 Outros roubos	11	69	80
2 8 39 Outros furtos	4	38	42
2 8 47 Outro dano		16	16
2 9 56 Extorsão		6	6
2 8 40 Roubo na via pública (excepto por esticção)		6	6
2 8 38 Furto em supermercado		3	3
2 8 34 Furto em edifício comercial/Industrial com arrombamento (...)		2	2
2 8 31 Furto de veículo motorizado		2	2
Outros	2	7	9
4 Crimes contra a Vida em Sociedade	0	16	16
4 15 79 Detenção ou tráfico de armas proibidas		12	12
4 15 74 Incêndio/fogo posto em floresta, mata, arvoredo ou seara		2	2
4 15 80 Outros crimes de perigo comum		2	2
5 Crimes contra o Estado	0	0	0
6 Crimes em Legislação Avulsa	0	19	19
6 46 171 Condução sem habilitação legal		8	8
6 27 111 Tráfico de estupefacientes (inclui precursores)		8	8

Fonte: Contabilização dos crimes com base na “Tabela de Crimes Registados”, SIRS, 2 novembro 2015 Até Outubro de 2013 era contabilizado um crime por jovem. A partir de Novembro de 2013 houve uma alteração no sistema estatístico e passaram a ser contabilizados todos os tipos de crime registados nos processos que originaram a execução das medidas, podendo cada jovem ter mais que um tipo de crime registado. Não foi contabilizado o número de ocorrências de cada crime.

Quadro 3. Jovens internados em centro educativo por idade

Género/ Idade	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	19 anos	20 anos	Total	média
Masculino		12	21	27	35	22	10	4	131	16,61
Feminino	1	2	1	4	4	2	4		18	16,66
total	1	14	22	31	39	24	14	4	149	16,62

Fonte: SIRS, 2 novembro 2015

No quadro 3. é possível apurar que cerca de 75% (112) dos jovens internados em centro educativo em Outubro de 2015 tinha 16, ou mais, anos. Correspondendo a média de idades nos rapazes a 16,61 anos e nas raparigas a 16,66.

O impacto da institucionalização nos jovens delinquentes

No momento do acolhimento institucional é feito um despojamento do vestuário e dos bens, sendo esta uma forma de impor aos jovens a interiorização de identidade social virtual em detrimento da sua identidade real social, baseada nos atributos que a pessoa realmente possui (Brandão, Duarte & Silva, 2004; Neves, 2007). Há, portanto, uma adaptação ao novo cotidiano institucional e, por imposição da instituição, a privação da liberdade. Neste sentido Cunha (2008) afirma que a “pessoa reclusa é disciplinada através do corpo e da sua consciência, a fim de viver segundo as normas legais”. Este processo, apesar de ser um processo denominado por *normalização do recluso*, este afirma que é passível de ser aplicado aos jovens delinquentes.

Quanto à educação, um estudo recente de Blomberg, Bales, Mann, Piquero, & Beck, (2011) de jovens institucionalizados na Florida, verificou que os jovens que alcançavam sucesso educacional no Centro Educativo eram significativamente mais prováveis de voltar à escola e de não cometerem mais delitos após o internamento. Verificaram-se estes resultados porque, em grande parte, a educação fornece reabilitação de várias maneiras, incluindo através de benefícios, tais como certificações formais e competências concretas, bem como outras competências, tais como uma melhor tomada de decisão (Brazzel, Crayton, Mukamal, Solomon, & Lindahl, 2009). Quando os jovens voltam para as suas comunidades sem a instrução necessária, tanto profissional como competências sociais, após a institucionalização, o risco de reincidência aumenta (Leone, Krezmien, Mason, & Meisel, 2005).

Apesar da clara evidência da importância da qualidade da educação durante o internamento, estudos sugerem que os jovens institucionalizados frequentemente recebem uma educação mais fragmentada e inferior do que a dos seus pares na comunidade (Blomberg et al., 2011; Leone et al., 2005). Os programas correcionais não fornecem os serviços especializados de educação que são muitas vezes necessários para jovens infratores, sendo caracterizados por problemas significativos de aprendizagem, comportamentais e cognitivos (Blomberg et al., 2011).

Na literatura verifica-se também que, durante o tempo de internamento no Centro Educativo, a maioria dos jovens refere-se, sobretudo, às atividades de formação profissional (Manso, 2006), as quais são valorizadas pelos mesmos e reconhecidas como uma forma útil de ocupar o tempo de institucionalização, bem como possível oportunidade de acesso a uma profissão especializada (Rodrigues & Fonseca, 2003).

Não obstante, a maioria dos jovens possui um sentido imediato das aprendizagens efetuadas, sendo poucos aqueles que percebem que, para além das aprendizagens de índole escolar e formativa, há outro tipo de ensinamento, para o qual toda a intervenção do Centro Educativo é orientada, e que remete para a apreensão de valores e para a apropriação de um conjunto de direitos e deveres (Figueiredo, 2001).

Segundo Lourenço (2002), agora sobre a auto-avaliação das transgressões dos jovens delinquentes, esta tende a centrar-se nas consequências materiais da ação, não considerando a intenção que lhe possa ser subjacente. Isto é, a responsabilização é centrada nos aspetos visíveis da conduta (infração à lei) e é imposta por uma autoridade de que se sobrepõe ao indivíduo (a lei).

Sobre a autoridade nas instituições, Dilulio (1987) argumenta que os Centros Educativos podem minimizar a má conduta por meio de um rígido controlo sobre os jovens e as instalações em si. Contudo Sparks, Bottoms, e Hay (1996) argumentam que o que mais importa não é um rígido controlo sobre os jovens, mas o uso do poder de maneira a serem aceites como legítimas pelos detidos. Se os jovens institucionalizados acreditarem que as regras do Centro são “humanas”, moralmente aceitáveis e que exercem justiça e igualdade, será menos provável que estes causem distúrbios do que se tiverem a perceção das regras e autoridade como ilegítima (Sparks et al., 1996).

Weber (1947), fez uma análise detalhada da evolução de elementos formais das relações sociais, nas quais inseriu as questões institucionais. Para este autor, o processo central dessa evolução - autoridade nas instituições – sendo esta a burocratização das relações. Conferiu, então, quatro características na autoridade formal, sendo estas: todas as posições de autoridade formal existem segundo uma hierarquia organizada formalmente (uma instituição ou uma organização) e só têm a legitimidade que esse sistema lhe confere; cada posição tem sempre esferas de jurisdição específica, explícitas e formalmente definidas; os agentes dessa autoridade só podem legitimamente exercê-la de acordo com critérios formais impessoais e imparciais, e não ao serviço de interesses pessoais; e têm igualmente deveres e obrigações formalmente definidos, que nada terão a ver com as suas opiniões pessoais.

A partir desta análise, Emler e Reicher (1995) definiram a autoridade institucional/formal como um sistema que existe para organizar e regular as relações entre os indivíduos. Isto é, a cada jovem institucionalizado é-lhe exigida obediência às regras e às

indicações daqueles que estão formalmente autorizados a fazê-lo e, ao mesmo tempo, é-lhe fornecida proteção.

Ao querer inserir-se na sociedade é necessário que o adolescente adquira uma estrutura de atitudes adequada, face às regras do sistema, e desenvolva uma compreensão adequada do funcionamento institucional. Pelo que, Emler e Reicher (1995), defendem que as relações com a autoridade institucional assumem um significado especialmente importante na adolescência. Os mesmos autores (1985), em estudos realizados, revelam a existência de uma correlação entre as atitudes, face à autoridade escolar, e as atitudes, face à autoridade do sistema legal, isto porque a experiência escolar constitui a base para a compreensão de outros sistemas racionais-legais, bem como para a formação de orientação em relações a estes (Emler, Ohana, & Moscovici, 1987).

As diferentes orientações possíveis face à autoridade institucional/formal variam consoante as crenças sobre essa autoridade (mais ou menos positivas/ mais ou menos negativas). Isto é, as orientações dos adolescentes face a esta autoridade são o resultado de um *modelo de atitudes* (Emler & Reicher, 1985, 1995). Com os resultados obtidos nas investigações junto de jovens delinquentes, Emler e Reicher (1985) sugerem que a orientação, face a qualquer autoridade formal, é generalizável face a outros tipos de autoridade do mesmo género.

Pesquisas com jovens delinquentes, acerca das suas capacidades de perspetivas, indicam que estes sujeitos reconhecem o modo de funcionamento da realidade social, embora revelem dificuldades a nível de conceção do dever (Selman, 1989).

Os jovens reconhecem que um sistema social depende da existência de um conjunto de regras coletivamente aceites, devendo os indivíduos agir em conformidade com essas normas, de modo a que seja mantida a ordem social. No entanto, a adesão às convenções é sentida como a imposição de uma autoridade sobre o indivíduo (Turiel, 1994).

No que concerne à perda da liberdade e da autonomia, que tanto fazem parte da institucionalização, são "dores de prisão" (Sykes, 2007) que os jovens institucionalizados devem encontrar maneira de suportar. Juntamente com a perda de privacidade e independência, eles devem aprender a lidar com a privação de bens e serviços, a privação de segurança e a privação de relações (Sykes, 2007). Estes jovens institucionalizados estão cercados e são vigiados por técnicos e por outros delinquentes - muitas vezes jovens imaturos.

Há constantes lembretes do que estes jovens estão em falta no lado de fora, enquanto o mundo continua sem eles: férias e aniversários vão e voltam, as estações passam, coisas que não poderão experienciar por meses ou anos (Inderbitzin, 2005). Estas perdas e esta forma de privação (Gover et al., 2000) pode ser tão dolorosa como maus-tratos físicos, levando à ansiedade e que representam uma ameaça significativa para a definição da identidade e da auto-estima dos detidos (sykes, 2007). Esta questão é ainda mais complicada pois, por serem adolescentes, ainda estão a desenvolver e a formar os seus auto-conceitos e a sua identidade (Inderbitzin, 2005).

Irwin (1970) encontrou três modos gerais pelos quais os presos se adaptam à privação e à degradação da prisão: *jailing*, *gleaning* e *doing time*. Os mesmos padrões básicos servem para os jovens em Centros Educativos, isto é: o modo de adaptação daqueles que pretendem fazer do Centro o seu mundo é intitulado de *jailing*, não se comprometendo com o “mundo lá fora”; o modo daqueles que ainda se querem manter fiéis e comprometidos ao “mundo lá fora” e procuram passar o tempo no Centro com o maior conforto possível e, assim diminuir o seu sofrimento, é chamado de *doing time*; enquanto o outro modo de adaptação, o *gleaning* é exatamente a procura por uma mudança radical na sua personalidade e vontade de seguir os objetivos propostos pelo Centro (Inderbitzin, 2012).

Segundo Inderbitzin (2005), muitos dos jovens delinquentes institucionalizados, enquanto a sua delinquência é eficazmente interrompida, esperam e adaptam-se ao Centro Educativo, até a sua medida ter terminado, para começarem a viver novamente.

Os jovens revelam uma conceção ambígua da medida de internamento no Centro Educativo, associando-a, simultaneamente, a uma função punitiva e educativa (Manso, 2006). A institucionalização é reconhecida como medida que lhes é imposta em termos de privação da liberdade pela transgressão da lei, sendo este facto sentido de forma penosa. Neste sentido, um dos efeitos do internamento consiste na perceção dessa medida como punitiva e, assim, geradora de sentimentos de isolamento e exclusão (Alberto, 2002).

Devido à institucionalização dos jovens visar a diminuição da incidência de crime, bem como a reincidência, é importante analisar o quão eficaz é para alcançar estes objetivos. Entre 70% e 80% dos jovens que estiveram em Centros Educativos são novamente presos, num período de 3 anos (Mendel, 2011), e estudos indicam que o internamento de menores geralmente é ineficaz na redução da reincidência e que pode manter, ou mesmo aumentar, os níveis de comportamento anti-social e atividade criminal (Gatti, Tremblay & Vitaro, 2009;

Lane et al., 2002). Embora alguns estudos sugiram que a permanência mais longa em instituições juvenis é ineficaz em reduzir a reincidência (Loughran et al., 2009; Mulvey, 2011), outro estudo verificou que os jovens que foram institucionalizados em estabelecimentos juvenis por um longo período de tempo eram menos propensos a serem novamente detidos (Hjalmarsson, 2009; Myers, 2003).

Segundo a literatura, a institucionalização pode interferir com o restabelecimento de uma vida pró-social e limitar a probabilidade de um resultado positivo. Isto é, Lane et al., (2002) verificaram que muitos jovens que foram institucionalizados sentiram que a sua infância e as suas aspirações para o futuro foram retiradas dos mesmos e, foi também verificado, que a perda e o sofrimento experienciados durante o internamento, por vezes aumentam o ressentimento e a hostilidade perante “o sistema”, resultando num comportamento anti-social (Lane et al., 2002).

Quanto aos estudos sobre a perceção dos jovens em Centros Educativos, devido ao programa extremamente estruturado dos mesmos, estes sentiram-se despreparados para evitar um internamento futuro (Kilgore & Meade, 2004).

Enquanto a institucionalização, num Centro Educativo, pode ser um ponto de viragem para alguns delinquentes, geralmente contribui para a desvantagem cumulativa e os obstáculos que os jovens terão de enfrentar após a sua libertação. A institucionalização pode enfraquecer os laços comunitários, contribuir para o insucesso escolar e desemprego e, finalmente, aumentar a probabilidade de que irão continuar a cometer crimes enquanto adultos (Laub & Sampson, 2003).

É importante referir que os jovens, após o internamento no Centro Educativo, trazem o que lá aprenderam para a comunidade (Inderbitzin, 2010) e, é de salientar que, nesta investigação, os Centros Educativos em estudo oferecem formação e competências de trabalho. Neste sentido, Feld (1999) argumenta que os Centros Educativos devem oferecer tantas oportunidades de desenvolver as capacidades quanto possíveis: “com maturidade, a maioria dos jovens delinquentes desenvolvem uma capacidade de auto-controlo e de desistência da criminalidade. Proporcioná-los com oportunidades para se recomporem requer mais do que uma simples institucionalização. Educação, serviços sociais e preparação económica contribuem para o crescimento pessoal para melhorar a oportunidade de vida de jovens em risco” (Feld, 1999).

Os jovens que saem dos Centros Educativos frequentemente voltam às mesmas circunstâncias que levaram ao início da delinquência em primeiro lugar: mesmo que mudem as suas atitudes e a sua visão enquanto estão institucionalizados, voltar ao contacto regular com os seus amigos, famílias e comunidades pode levá-los de volta à delinquência (Bortner & Williams, 2012).

Simultaneamente, e mais otimista, o período da emergência da idade adulta pode sustentar o compromisso dos jovens que estão a formar-se nos Centros Educativos e na tentativa de mudar a sua vida, tal como Arnett (2014) argumentou, “há qualquer coisa sobre a chegada à idade adulta que abre novas possibilidades de transformar as pessoas que tiveram mais que a sua parte de adversidade durante os seus primeiros anos”.

Os efeitos do internamento continuam a ter impacto sobre jovens delinquentes após serem libertados, com o tempo excluídos da comunidade, bem como as medidas aplicadas ao jovem, resultam em desafios para a sua reintegração. Quaisquer ganhos obtidos no programa de tratamento em ambientes confinados (Centro Educativo) são prováveis de serem contestadas pelo desafio de reentrar num grupo de pares anti-social (Hartwell, McHacking, Tansi, & Bartlett, 2010), e os efeitos, na saúde mental, atitudes e comportamentos, potencialmente prejudiciais da institucionalização podem diminuir a probabilidade de resultados bem-sucedidos.

CAPITULO II

METODOLOGIA

O presente estudo está enquadrado no âmbito de uma investigação qualitativa de natureza fenomenológica, pois, tendo como objetivo principal a descrição e compreensão da experiência subjetiva de jovens delinquentes institucionalizados em Centros Educativos, este método - que parte da descrição de experiências pessoais para alcançar a unidade de significado psicológico, implícito ou explícito, descrito no discurso dos participantes - é na opinião do investigador, o mais indicado para esta investigação.

Desta forma, pretende-se perceber o fenómeno da “institucionalização” através do olhar dos adolescentes que vivenciam esta experiência, isto é, analisar de um modo fenomenológico a experiência vivenciada por estes jovens com o propósito de entender a essência dos significados subjetivos associados ao fenómeno em questão.

A propósito da escolha de um método qualitativo, este é um método que cresceu e multiplicou-se em diferentes correntes e, segundo Mannen (1979), a expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados e compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Ao contrário do método quantitativo, não é utilizado nenhum instrumento estatístico na análise dos seus dados e envolve, pelo contacto direto do investigador com o fenómeno em estudo, a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos. Neste sentido, é perceptível pelo investigador que, numa investigação deste género, este método consegue oferecer uma descrição mais rica do fenómeno e, assim, permiti uma maior aproximação ao real, sendo que o real apenas é experienciado e percecionado pelo sujeito.

O Método Fenomenológico de Amedeo Giorgi surgiu do movimento filosófico, a partir da obra de Edmund Husserl, provocando um profundo impacto não apenas na filosofia, mas influenciando, decisivamente, a forma como o homem se pensa a si e ao seu mundo (Giorgi & Sousa, 2010).

Este método é um método *descritivo* - a análise fenomenológica implica uma descrição dos fenómenos, tal como são visados pela consciência intencional (o objetivo de estudo da Psicologia Fenomenológica é a vivência intencional, sentido da experiência humana) e *intersubjetivo* – tem como objetivo alcançar conhecimentos generalizáveis e

passíveis de passarem pela crítica entre pares (Giorgi, 1985; Gallagher & Zahavi, 2008 cit. por Giorgi & Sousa, 2010).

O desenvolvimento do método fenomenológico adequado ao seu objeto de estudo implicará a persecução de um conjunto de passos metodológicos, sendo estes a *epoché*, a *redução fenomenológica*, a *análise eidética*, a *descrição* e a *apresentação dos resultados a um nível genérico*. Husserl denominou a *epoché* ou *redução fenomenológica* enquanto algo puro e livre de elementos pessoais, para facilitar a obtenção da essência do fenómeno. A *epoché* é a atitude de suspender quaisquer pré-conceitos existente pelo investigador sobre o fenómeno investigado e a *redução fenomenológica* inclui um centramento no objeto, tal como surge à consciência. Isto é, os objetos são reconhecidos tal e qual como se apresentam a si mesmos, são pensados como presenças e não como realidades (Giorgi, 2003). A *análise eidética*, por sua vez, permite alcançar as estruturas invariantes, as essências do objeto de estudo, através da variação livre imaginativa (Giorgi & Sousa, 2010).

O método fenomenológico de Amedeo Giorgi tem como objetivo investigar o *sentido* da experiência humana e é constituído por quatro passos essenciais:

1. Estabelecer o Sentido Geral;
2. Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado;
3. Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico;
4. Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos

(Giorgi & Sousa, 2010).

Participantes

A amostra é constituída por cinco participantes, dos quais três são do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 16 e 19 anos.

Os critérios de seleção dos participantes nesta amostra basearam-se na aceitação e disponibilidade do Centro Educativo da Bela Vista em participar neste estudo, e a aceitação dos participantes em realizar, primeiramente um questionário sociodemográfico e, posteriormente, uma entrevista presencial. Foi, primeiramente, efetuado pelo investigador, um requerimento para o Centro Educativo da Bela Vista e, tendo resposta positiva, foi realizada

uma reunião com o Diretor e o Coordenador do Centro onde foi explicado, pelo investigador, todo o estudo e, após aprovação dos participantes em se juntarem a esta investigação, foi marcado um dia e uma hora para as mesmas, sendo que, tanto os questionários, como as entrevistas, foram realizados no Centro Educativo. É de salientar que, antes de cada entrevista, foi entregue e devidamente assinado, pelo investigador e pelos participantes, o consentimento informado.

Segue-se uma breve descrição de cada um dos participantes, de acordo com as informações facultadas pelas mesmas:

P1 é um rapaz de 17 anos, foi-lhe aplicada a medida de 1 ano, encontra-se institucionalizado há 10 meses, em regime de internamento aberto;

P2 é uma rapariga de 19 anos, foi-lhe aplicada a medida de 2 anos e encontra-se institucionalizada há 8 meses, em regime de internamento semi-aberto;

P3 é um rapaz de 18 anos, foi-lhe aplicada a medida de 4 anos e encontra-se institucionalizado há 3 anos e 6 meses, em regime de internamento semi-aberto;

P4 é um rapaz de 16 anos, foi-lhe aplicada a medida de 2 anos e encontra-se institucionalizado há 11 meses, em regime de internamento semi-aberto;

P5 é uma rapariga de 16 anos, foi-lhe aplicada a medida de 1 ano e 6 meses e encontra-se institucionalizada há 11 meses, em regime de internamento semi-aberto.

Material

A entrevista presencial foi eleita como o método escolhido, visto ser o meio principal para obtenção de uma descrição detalhada e concreta da experiência vivida dos entrevistados sobre o fenómeno, e torna possível gerar significados de carácter psicológico sobre o tema em estudo. As entrevistas efetuadas foram gravadas por uma máquina fotográfica em modo áudio, e transcritas na íntegra para um computador portátil. Antes da realização das entrevistas, é de salientar que foi realizado um questionário sociodemográfico (Anexo F) a dez participantes com o intuito de proporcionar um conhecimento mais abrangente sobre os participantes, a fim de retirar limitações à investigação. O tratamento dos dados recolhidos na entrevista foi feito a partir do método fenomenológico de Amedeo Giorgi.

Procedimentos

Primeiramente foi realizado pelo entrevistador requerimento/pedido de autorização formal (Anexo G) para participar num estudo sobre a experiência de jovens delinquentes em contexto institucional, ao Sr. Diretor Geral da Reinserção e dos Serviços Prisionais, para os Centros Educativos da cidade de Lisboa, pelo que apenas o Centro em estudo concedeu resposta positiva. Foi possível, então, agendar uma reunião com o Centro para um esclarecimento do estudo a desenvolver e para marcar, inicialmente, a realização dos Questionários Sociodemográficos. De seguida, estes questionários foram respondidos, no Centro Educativo e com a presença do entrevistador, tendo sido feita uma breve apresentação do estudo aos participantes e perspectivada a possibilidade de, posteriormente, serem contactados para a realização de uma entrevista para o mesmo estudo.

Após a análise dos questionários foi dada, ao Centro Educativo, a informação dos cinco participantes selecionados para realizar a entrevista presencial, pelo que foi agendada um dia e hora para a realização das mesmas. Anteriormente a cada entrevista o entrevistador agradeceu a disponibilidade dos participantes, sendo assinado, pelo entrevistador e pelo participante, o consentimento informado (Anexo H), acordo que esclarece novamente os objetivos de estudo, reforça que os seus dados são anónimos e tratados confidencialmente e é proposta a autorização para a entrevista ser gravada, no modo áudio de uma câmara fotográfica. Segundo Giorgi & Sousa (2010) o objetivo de uma entrevista de investigação, no domínio da investigação fenomenológica, é uma descrição tão completa quanto possível da experiência vivida dos participantes sobre um determinado fenómeno em estudo, sendo, neste caso, a "Experiência em Centros Educativos". A entrevista foi iniciada assim com a questão aberta, de carácter exploratório e pedida para ser respondida na sua linguagem corrente, "Gostaria que partilhasse comigo, o mais detalhadamente possível, a sua experiência enquanto jovem institucionalizado num Centro Educativo", pelo que as intervenções ou perguntas subsequentes do entrevistador surgiram a partir do fluxo das descrições dos participantes. Não obstante, e apesar de ter sido dada a liberdade ao participante de direcionar a entrevista, o entrevistador dispunha de um guião previamente delineado de entrevista aberta.

É importante salientar que as entrevistas tiveram uma duração variada entre os 50 minutos e 75 minutos, dependendo da facilidade ou dificuldade do participante em verbalizar a sua experiência.

Após a aplicação e transcrição das entrevistas na íntegra, estas foram analisadas segundo o método fenomenológico de Investigação em Psicologia de Amedeo Giorgi.

CAPITULO III

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Baseados no Método Fenomenológico de Amedeo Giorgi, os resultados serão apresentados consoante duas vertentes principais, a *Estrutura Geral de Significados Psicológicos*, e os *Constituintes Essenciais da Estrutura Geral de Significado e Variações Empíricas*. Assim sendo, é criada uma síntese dos significados psicológicos, bem como a dinâmica e interdependência entre estes e, através da análise de cada uma das unidades de significado psicológico, utilizados na construção desta estrutura, são determinadas também as suas variações empíricas.

Posteriormente, serão apresentadas as transcrições das entrevistas efetuadas aos cinco participantes e a sua transformação de unidades de significado psicológico em expressão de carácter psicológico, onde é possível esclarecer e mostrar os significados psicológicos que estão subjacentes à descrição de senso comum dos participantes, estas unidades são transformadas através da variação livre imaginativa, e podem ser consultadas nos Anexos: A, B, C, D e E.

É possível verificar, na análise dos resultados obtidos pelas entrevistas efetuadas aos cinco participantes deste estudo, que a experiência de institucionalização no Centro Educativo desenrola-se em quatro momentos significativos, aos quais se apresentam de seguida:

Tabela 1- Descrição da Estrutura Geral de Significados nos 5 participantes

<i>Descrição da Estrutura Geral de Significados nos 5 participantes</i>
<p>Para estes participantes, o aparecimento da experiência está associado com a delinquência, i.e., a institucionalização começou, para os participantes, com um conjunto de comportamentos anti-sociais, maioritariamente roubos e conflitos com os outros. É verificado que os participantes apresentam um relacionamento familiar complicado e uma influência negativa social. Assim, descrevem a influência, juntamente com as difíceis condições de vida, sentidas como o fator determinante para o início dos atos delinquentes.</p> <p>Num segundo momento, dá-se a detenção - ou aplicação da medida - onde os participantes, apesar de terem conhecimento do motivo pelo qual foram institucionalizados e reconhecerem os delitos cometidos como negativos e errados, sentem a medida aplicada</p>

(tempo de institucionalização) como exagerada e é muitas vezes contestada.

Já no momento significativo seguinte, na vivência da instituição, os participantes manifestam sentimentos, tanto positivos como negativos face à mesma. São encontrados indicadores de vulnerabilidade emocional e sofrimento psicológico, ligados à privação da liberdade e à estranheza que, inicialmente, era sentida face ao desconhecido do que é um Centro Educativo e tudo o que o abrange. No decorrer da institucionalização é também perceptível uma incompreensão face às regras, uma incompreensão que é acompanhada por um sentimento de abuso de poder e autoridade por parte do Centro. Para estes participantes, a institucionalização acaba por ser uma mais-valia para a sua vida, mostrando-se gratos pelas oportunidades de educação e de perspetivar um futuro melhor para si.

Consequentemente, o quarto momento - perspetiva de futuro - advém da mudança sentida pelos participantes. Esta mudança inclui a planificação de objetivos de vida após a saída do Centro e uma maior responsabilização e mentalidade. Assim, os participantes mostram-se confiantes para um futuro melhor, tanto na sua vida profissional e pessoal como nas suas relações interpessoais.

Constituintes Essenciais da Estrutura Geral de Significado e Variações Empíricas

Foram identificados os constituintes essenciais comuns durante a análise das entrevistas dos cinco participantes e que, assim, assumem especial relevância, naquela que é a essência da experiência de estar institucionalizado num Centro Educativo. Neste sentido, foram identificados 10 constituintes essenciais na estrutura geral de significados: *Influência Negativa, Ambiguidade face à justiça da medida, Consciencialização, Vulnerabilidade Emocional, Sentimentos negativos face à autoridade/regras do Centro, Habituação/Adaptação, Arrependimento, Gratidão, Saturação e Mudança.*

Apresenta-se, de seguida, a análise dos constituintes essenciais, bem como exemplos de variações empíricas que estes possam assumir na narrativa de cada um dos participantes. Por fim, será apresentada uma tabela (Tabela 2) com uma síntese dos constituintes e respetivas variações empíricas.

Influência Negativa (Social/Familiar)

Num primeiro momento, nestes cinco participantes, existe uma influência, por parte do meio social ou familiar, para a delinquência.

O Participante 1 (P1), quando questionado se sentia qualquer tipo de influência familiar ou social refere que se sentiu influenciado pelos seus amigos e pela competição de ser melhor/pior que o outro:

“ (...) se calhar foi mais pelos amigos que sou assim, claro... sim, foi mais por o amigos. Por exemplo, a gente olha “ei quero ser como ele” não sei quê, e acho, tipo a gente pensa “vou ser pior que ele”, ou melhor, depende do que vai na cabeça de cada um. Eu às vezes até pensava “vou fazer pior que ele” não sei quê (...)”

A Participante 2 (P2), no início da entrevista, revela que seguiu influência das suas amizades para cometer delitos e que sentia a sua proteção:

“Sentia-me protegida por elas, essa era a primeira, o que me fazia fazer, tudo o que eu fizesse estava protegida por elas. E também... também sentia que podia, que podia fazer aquilo, que ninguém, que não existia ninguém que me fizesse parar, e pronto, e segui o mau exemplo delas também, porque gostei do que elas faziam. Dava adrenalina na altura!”

O Participante 3 (P3) refere que apesar de ter começado por faltar às aulas sozinho, sentiu uma grande influência para a evolução das infrações:

“No início fazia as asneiras sozinho, como faltar à escola, depois evoluiu muito com um ou outro, mas depois já, como tava na instituição já foi mais em grupos e, muito mais, coisas mais à frente, ia na conversa de um ou outro que me relacionava e comecei a fazer muitas asneiras.”

O Participante 4 (P4) revela a influência que o seu irmão teve sobre si para voltar à delinquência, e mostra-se desiludido por ter sido o seu irmão a influenciá-lo:

“O que é que me fez voltar? Um pedido, um pedido pra ajudar e eu naquela fui... foi assim, foi tavamos perto do Natal eu e o meu irmão tavamos a jantar em casa do meu tio e eu virei-me pra minha mãe “não vou-me embora não tou a gostar de aqui tar”, saí “porque se eu vou ficar aqui vou começar a discutir e depois pronto vai haver porcaria, vou pra casa”, “ah ta bem”, tava já em casa já tava deitado aparece-me ele todo todo elétrico “ei oh S. oh S. vem comigo vem comigo” (...) ah e foi aí que começou tudo, foi aí que comecei a apanhar o gosto outra vez...”

A Participante 5 (P5) revela que começou a delinquir quando iniciou a sua socialização com jovens mais velhos na escola e que evoluiu na companhia da sua melhor amiga:

“Sei lá, lembro-me quando eu tava no quinto ano, quando me comecei a dar com os mais velhos prontos, comecei assim a roubar, era na escola depois começou a porrada, depois da porrada fui a uns roubos na rua, prontos... e depois comecei a roubar na rua com a minha melhor amiga, era sempre eu e ela, era eu e la sempre, prontos começamos a roubar, começamos a bater nas pessoas”

Ambiguidade face à justiça da medida

Num segundo momento, aquando da decisão do tribunal e detenção, os cinco participantes presentes nesta investigação revelam uma incerteza quanto ao sentimento de justiça, ou injustiça, face à medida tomada pelo tribunal para a sua instituição.

O Participante 1 (P1), quando questionado sobre o sentimento face à medida que lhe foi atribuída, revela uma total duvida quanto à justiça ou injustiça da mesma:

“Sim foi, até podia ser pior né. Quer dizer, também podia ser melhor, não sei, pá não sei”

A Participante 2 (P2) refere que a medida, por um lado, foi justa pela quantidade de processos que foi acusada mas, por outro, sente ser injusta pelo momento em que foi condenada:

“Por um lado sei que não foi injusta por todo o mal que eu fiz, por todos os processos de agressão, de roubo, de furto, sei que não foi, sei que foi foi mau, foi tar a bater nas pessoas sem, sem razão nenhuma, só por meu divertimento se fosse preciso. Só pra... pra roubar as pessoas que não aceitavam dar-nos coisas na altura eu tinha, tinha que lhe bater. E acho que por um lado foi justa os dois anos, se fosse preciso até não me... tipo importava mas sei que, pelo tudo o que eu fiz eu merecia ter apanhado mais, tive muita sorte em ter apanhado dois anos! Mas acho que foi injusto na altura em que o fizeram, só isso, mas a justiça é lenta...”

O Participante 3 (P3), mostra incerteza na convicção da justiça da medida ao justificar que foi demasiado extensa:

“É assim... foi mas a medida foi longa de mais, foi o que me pareceu, não era preciso assim tanto, pelo qual me fez parecer com estas novas leis que têm vindo agora, o qual eu fui e tive aqui também o projeto que é “Justiça Para Todos” e fomos a uma simulação no

tribunal e no qual disseram que não se podia ter 2+2 e eu perguntei o que é que tinha saído mas depois disseram que o que resolveram do meu foi dois cúmulos e... que as leis era diferentes e que se fosse agora já não era assim, que estes últimos dois anos tinha ido mas com, tipo... como os adultos, prisão preventiva, pronto mais ou menos”

O Participante 4 (P4) revela que não acha justo mas contrapõe referindo que o tribunal teve razões para aplicar a medida:

“É simples, a gente nunca acha que é justo, eu apanhei dois anos, eu não acho justo apanhar dois anos mas pronto se a juíza me deu dois anos foi por algum motivo...”

A Participante 5 (P5) revela uma total incerteza, mostrando ao longo do seu discurso contradições no que diz respeito à justiça da medida que lhe foi aplicada:

“Não! Não achei nada justa, mas agora tenho a plena noção que tá bem se calhar é justa não sei mas às vezes continuo a achar que um ano e meio foi muito, um ano chegava pra eu terminar a escola, pra eu... me organizar. Porque nem sequer tinham provas, não tinham, pra me pôr aqui porque fui julgada por um, os outros ninguém apareceu, ninguém foi lá falar, então não tinham provas e meteram-me aqui por causa de um processo... não quer dizer que não deveria ter vindo mas pronto, lá tá a dizer que eu sou julgada por sei lá quantos mas pronto, vim aqui parar”

Consciencialização (motivo pelo qual foi institucionalizado/a)

Ainda num segundo momento, sobre a detenção do/a jovem, é possível denotar em todos os participantes um conhecimento do porquê da sua institucionalização.

O Participante 1 (P1) revela, logo no início do seu discurso, que foi institucionalizado por roubo com arma branca:

“(...) era do tipo que... roubei um miúdo com uma faca, foi porque estou aqui no Centro Educativo”

A Participante 2 (P2) refere que a sua institucionalização se deve a roubos e agressões:

“(...) com o dinheiro que a minha mãe me dava, porque elas não tinham dinheiro porque estavam fugidas de colégios também e quando a gente não tinha dinheiro a gente começou a roubar, a vermos raparigas na rua e a fazer mal a elas e isso. Não me lembro da primeira vez, foram tantas, mas foi por isso que tou aqui, por roubar e fazer mal às pessoas na rua...”

O Participante 3 (P3) refere que foi por roubos que lhe foi aplicada a medida para ser institucionalizado:

“Fugir à polícia, fazer... sei lá, roubar, assaltar, na altura não pensava, era... tava mesmo, sei lá mesmo desleixado, não tava preocupado ca vida, não tinha medo de qualquer coisa no qual fazia tudo e mais alguma coisa na qual deu processos pra ir pra Centro Educativo”

O Participante 4 (P4) revela ter consciência dos seus atos e de ter sido institucionalizado pela evolução dos seus delitos:

“Ao princípio como eu era tipo, até aos meus pais se separarem e isso eu era sempre muito certinho pronto, sempre a andar de mota e isso mas nunca tinha feito porcaria nem nada pra os meus pais chatearem-se comigo tirando a escola e isso, sempre fui uma granda peça na escola, depois desse susto eu acalmei fiquei assim outra vez, do tipo “não, não é pra mim entrar nisso outra vez”, depois entrei comecei a fazer mais porcaria e foi a pala disso que tou aqui.”

O Participante 5 (P5) refere que a medida que lhe foi aplicada se deveu a dois roubos, dois furtos e duas agressões, tendo ainda processos abertos sem conclusão:

“Muitos! Foram muitos, eu tou aqui por causa de dois roubos, dois furtos e por duas agressões, injurias, prontos... mas ainda tenho muitos a decorrer, alguns foram arquivados, outros ainda tão a decorrer”

Vulnerabilidade Emocional

Num terceiro momento, relativo à vivência dentro do Centro os cinco participantes desta investigação revelam um sofrimento psicológico associado à sensação de enclausuramento, de não poder reagir a provocações, dificuldade em dormir e de estranheza perante o desconhecido (momentos iniciais no Centro Educativo).

O Participante 1 (P1), relativamente à sua primeira noite no Centro Educativo revela sofrimento perante o enclausuramento no quarto:

“Eish... foi horrível mesmo. Foi... porque eu fiquei no quarto, fechado, só com uma janela pequena para respirar hm... e olha é assim... Senti-me mal mesmo. É mau”

A Participante 2 (P2) revela uma vulnerabilidade emocional perante as restantes jovens institucionalizadas, quando refere que as mesmas se regem por provocações e desrespeito:

“ (...) isto aqui é difícil estar aqui dentro, não é só pelo facto de só estar aqui dentro que o dia passa rápido mas é pelo facto de estar com pessoas e raparigas que nos estão sempre a provocar que... Parece que nos querem ver mal, gostam da nossa infelicidade e isso

a mim incomoda-me (...) É mais difícil aqui isso, a gente conseguir engolir as bocas das outras e isso tudo. As pessoas, elas não respeitam, elas pensam sempre que são superiores, ou porque umas vão a casa outras não, aproveitam-se disso pra gozar com as pessoas, isso é mau! Desde que entrei, desde que entrei que apercebi-me logo”

O Participante 3 (P3) refere que sofreu pela privação de liberdade no primeiro Centro em que foi institucionalizado:

“Ih, não sei, foi difícil lá mas tive que me aguentar com algumas participações e... mesmo nunca ter saído de lá... também arranjei algumas amizades, só saí mesmo pra idas a tribunal e médico de resto... tive sempre lá dentro. Sempre tive um comportamento... que se diga normal mas com as, com os seus erros, sempre tentei ter saídas aos fins-de-semana mas nunca me deram, depois tive que vir aqui para este Centro, foi muito difícil, sofri mesmo apesar de tudo...”

O Participante 4 (P4) revela sofrimento psicológico sentido pela estranheza face ao desconhecido que era, para si, o Centro nos primeiros momentos institucionalizado:

“e no primeiro mês era deitar às oito e aí ia pra cama quando alguém passava batia-me na porta e eu passava-me bué com isso, acordava sempre sobressaltado, entretanto consegui dormir como deve ser mas eu acordava sempre todo sobressaltado e isso, entretanto passei pro outro, nas primeiras noites não dormi bem só consegui quase, só comecei a dormir como deve ser praí... no terceiro mês. Não conseguia, estranhava a cama estranhava tudo”

A Participante 5 (P5) refere que julgou, quando chegou ao Centro Educativo pela primeira vez, que o seu mundo tinha acabado:

“Quando vim praqui pela primeira vez senti-me mesmo muito mal, senti mesmo que o mundo tinha acabado, pensei em fugir várias vezes quando olhava lá pra fora eu dizia “vou fugir” e quando eu tivesse oportunidade de ir ao médico ou assim eu sempre disse que ia fugir (...)”

Sentimentos negativos face à autoridade/regras do Centro

Analisando a experiência dos cinco participantes no Centro Educativo é possível verificar que todos revelam um sentimento negativo perante as regras ou a autoridade dentro do Centro, referindo um abuso de poder sentido, uma rigidez desnecessárias das regras ou um sentimento negativo face à autoridade no geral.

O Participante 1 (P1) revela incompreensão por determinadas regras aplicadas no Centro:

“(...) fui dar uma bolacha a um colega meu e o adulto disse que ia ter uma participação, tinha que lhe ter ido perguntar né, depois já não fui a casa (...) não fiquei revoltado comigo porque se fosse hoje eu voltaria a fazer, não recusava... mas, eu não percebo a regra... é estranho, como é que eu não vou dar uma bolacha a um colega meu né, mas prontos, é assim...” e quando questionado o que mudaria, em termos de regras, este responde “muitas coisas, muitas regras (...)”

A Participante 2 (P2) refere um sentimento de abuso de autoridade dos técnicos do Centro ao aplicarem uma consequência:

“Não me terem deixado sair, e três dias antes, comprometi-me com a minha família, com toda a gente, estava tão excitada por sair daqui um bocadinho e foi mesmo injusto, 3 dias antes. Eu às vezes até sonho com isso, para não acontecer não sei... abusaram um bocado do poder que têm eu acho...”

O Participante 3 (P3) revela rigidez excessiva no primeiro Centro Educativo onde esteve institucionalizado:

“Lá em cima como era particular, era dos espanhóis por isso as regras eram muito mais apertadas, eles tavam a fazer uma experiência, as regras eram “posso” pra tudo, muitas complicações, qualquer coisinha aquilo tinha mesmo que ser robôs para evoluir lá e eu não gostava muito (...)”

O Participante 4 (P4) revela sentimentos negativos face a uma regra específica do Centro e abuso de autoridade na consequência do seu incumprimento:

“(...) fui pró quarto tipo fogo o que me lixou mais foi que eu ia ficar no quarto três dias, e não podia ficar com os óculos mas ao primeiro dia não me disseram nada, ao segundo também não, chega ao terceiro dia chega um segurança pra mim “tão tas com os óculos? Dá-me já cá isso!” eu assim “assim não vejo” “dá-me os óculos já te disse, podes partir os óculos e usar de arma, rebentas alguém ou assim” “oh chefe acha que vou partir uns óculos que comprei com o meu dinheiro? Eu não faço isso acha” “eu sei que tu não mas pronto são coisas que temos que fazer”, tipo senti-me que não confiavam e que apesar das regras serem assim não tinham que o fazer, abusaram nessa cena porque tinham poder porque tipo eu não ia fazer nada por isso essa regra é um bocado parva mas tipo até pode ser para segurança (...)”

A Participante 5 (P5), no decorrer do seu discurso, revela sentimentos negativos face à autoridade no seu geral e abuso de autoridade por parte dos técnicos do Centro Educativo onde está institucionalizada:

“Porque agora tou-me a irritar com tudo o que dizem, alguma coisinha que me mandam fazer ou alguma coisinha que já me falam alto eu já penso que me tão a atacar ou me tão a falar mal, já tão... não sei... a fazer qualquer coisa e eu irrita-me, odeio que me berrem, isso ainda não mudou em mim, odeio que me berrem, que me falem mal e principalmente odeio que me dêem ordens, que tentem mandar em mim, não gosto, e os técnicos aqui fazem muito isso só porque têm o poder está a ver? Pensam que podem mandar em tudo, nos jovens, prontos...”

Habituação/Adaptação relativamente à institucionalização

Com o passar do tempo de institucionalização dos cinco participantes verifica-se que os mesmos revelam uma habituação ao Centro, às rotinas que este lhe proporciona, às saídas temporárias do Centro e também se verifica uma conformação e adaptação ao facto de estarem institucionalizados.

O Participante 1 (P1) revela estar habituado à rotina do Centro e à estranheza que era sentida inicialmente por ter que falar sobre si com pessoas desconhecidas:

“ (...) O fascina do almoço mete a mesa, ou do jantar, mete a mesa. Jantamos, almoçamos, né. Depois há a reunião da unidade, por volta de uma hora e meia, uma hora, falar, como correu a nossa manhã, o nosso dia, e fala cada um, é um bocado estranho mas é assim, também já tou habituado né. Era mais vergonha no início, falamos ao pé de pessoas que não conhecemos e já falo mais abertamente (...) ”

A Participante 2 (P2) revela que, com o passar do tempo, da sua institucionalização começou a conformar-se com a mesma:

“Foi o meu primeiro pensamento, foi como conseguir fugir, mas depois nos outros dias comecei a adaptar-me... porque eu sou fácil de me adaptar, comecei a me adaptar e a aceitar as coisas como elas são e empenhei-me em tudo, no meu curso de cabeleireira, empenhei-me em tudo, esforcei-me e continuo-me a esforçar”

O Participante 3 (P3), no decorrer do seu discurso, explica como se habitou às saídas temporárias e como isso facilitou a sua adaptação ao Centro:

“Vim com a minha avó, só passado algum tempo é que deixei de vir acompanhado, dantes ia sempre acompanhado e vinha com um familiar, vinham-me cá buscar e trazer, agora é uma/duas vezes por mês ao fim-de-semana, naquela altura foi que é esta altura mais as férias, vamos cinco dias até oito dias, é mais tempo em casa, fui cinco dias, primeiro fui três que é esse fim-de-semana depois é que fui... mais três, mais outro fim-de-semana, depois

fui mais dois, foi um sábado e um domingo, fui-me começando a habituar, uma pessoa tem que se adaptar, tipo... senão fica mais difícil, tem que se habituar”

O Participante 4 (P4) revela a sua habituação às rotinas aplicadas pelo Centro e às saídas temporárias do mesmo:

“Agora vou a casa parece nada, acordo de manhã desfaço a cama, faço a minha higiene, limpo o quarto e isso faço a minha fascina, parece que tou cá, depois domingo já não me custa, chego aí fico a falar com os seguranças à porta tipo mesmo habituado, riu-me, peço pra entrar, entro, tudo na boa já, já é normal já não estranho tanto estar cá...”

A Participante 5 (P5) explica a necessidade de se habituar à rotina do Centro:

“É, porque nós viemos numa altura de férias então levantávamo-nos às nove, havia uma atividade que é “Eu e os Outros”, era tipo psicologia, prontos, depois era piscina e depois à tarde era ver filmes, ou então era arranjar o jardim, assim essas atividades ... depois quando começou a escola foi levantar às sete, tomar o pequeno-almoço, vir prá s aulas, almoçar, vir prá s aulas, tomar banho, jantar e mais nada e é assim o nosso dia-a-dia aqui dentro e tive que me ir habituando a esta rotina...”

Arrependimento

No decorrer das entrevistas foi notório perceber que todos os participantes sentiam arrependimento por questões ligadas ao passado delinquente, antes de serem institucionalizados, arrependimento pelo consumo de substâncias ilícitas, pelos delitos (roubos), pela maneira de roubar, ou mesmo pela não comparência na escola.

O Participante 1 (P1) mostra arrependimento ao revelar que mudaria os seus atos delinquentes prévios à institucionalização:

“Da minha infância... porque não pensei nas consequências que tinha ao fazer o que fiz. Mudava também quando comecei a consumir, isso eu mudava (...)”

A Participante 2 (P2), quando questionada se mudaria algo do seu passado, revela arrependimento por ter seguido a influência negativa das suas amigas e por ter roubado:

“(risos) não tinha ido ao Colombo, tinha ido à escola... não tinha, não tinha influenciado tanto por elas... não sei, não tinha roubado, tinha aproveitado o dinheiro que a minha mãe me dava para as minhas coisas e não para as delas. Não me tinha preocupado tanto em saber se elas comem, se não comem e isso tudo, coisas assim, porque eu era a única do grupo que tinha que tava limpa, tinha os processos limpos e isso tudo (...)”

O Participante 3 (P3), apesar de referir que tudo o que fez o influenciou para ser o jovem que é atualmente, mostra arrependimento em determinados atos e na sua personalidade fechada e indiferente:

“A minha forma de ser... não tenho muitos relacionamentos, querer ser mais social e não sou... quanto às minhas ações em certos pontos mudaria porque também se não fossem essas atitudes se calhar não era a pessoa que sou, os pensamentos que sou e os erros fizeram-me crescer, fizeram-me ver o que é a vida, o que é mau e o que é bom, porque não tinha essa noção e por isso mesmo é que eu fazia isso e tinha esse tipo de atitudes e... comecei a pensar melhor quando vim pra um Centro, lá pra cima... fiquei arrependido em certos pontos porque a minha personalidade é muito, sou muito indiferente áquilo que acontece ou que aconteceu”

O Participante 4 (P4) refere que, no início da sua institucionalização, tomou consciência do seu arrependimento nos atos que o levaram para o Centro:

“ (...) e depois fui pro quarto... e entrei no quarto e assim tipo “o que é isto pá? Onde é que eu tou?”, deitei-me, fiquei assim “fooogo” a mexer no cabelo que eu tinha o cabelo grande a mexer no cabelo fogo, deitei-me de barriga pra baixo e comecei a chorar, depois lembrei-me da minha mãe e pensei “tou mesmo lixado, não devia ter feito o que fiz, as porcarias que fiz que estúpido””

A Participante 5 (P5), apesar de não mostrar arrependimento pelos roubos e agressões, mostra arrependimento na maneira como os efetuou, sem qualquer consciência do que podia vir a ser-lhe prejudicial:

“Tentava ser um bocadinho mais esperta, nos roubos, porque eu sei que fiz muita coisa muito nas vistas, eu roubava uma pessoa cheia de pessoas à volta e eu mesmo assim ia ter com elas, eu se visse alguém que tinha problemas eu ia ter com ela ia começar a discutir com ela, ia bater nela à frente de toda a gente e isso prejudicou-me porque tinha muitas testemunhas, muitas pessoas que viram e podiam dizer o que se passou... e eu sozinha não conseguia-me defender das pessoas todas então fui muitas vezes, pronto, criticada por causa disso mesmo lá no meu bairro as pessoas olhavam-me de lado porque as pessoas já sabiam que quando eu vestia fato treino era porque... eu ia mesmo fazer a minha vidinha e não devia ter feito assim as coisas...”

Gratidão (face ao Centro)

Todos os participantes, ao longo do seu discurso, mostravam-se gratos com o Centro Educativo, seja por razões de aprendizagem, de educação, crescimento na maturidade e controlo psicológico ou pela oferta de obrigações uteis futuras, como a escolaridade.

O Participante 1 (P1) revela que se sente grato com o Centro Educativo pela possibilidade de aprendizagem, de educação e de valorização para com a família:

“Mas levo daqui muita coisa, aprendi muita coisa aqui. Uma delas foi aqui a jardinagem, outra é a reação, de como me devo dirigir às pessoas hm... fui educado aqui também, várias coisas mesmo. Deixe-me tentar lembrar de mais, interação com os colegas né, como respeitar os meus colegas. Mais... aprendi também que a família é tipo tudo para nós, é tudo para mim né. É uma coisa muito boa e que só temos uma vez na vida né, hmhm! É assim...”

A Participante 2 (P2), ao longo do seu discurso, revela que o Centro oferece oportunidades que fora do Centro não tinha a capacidade de aproveitar:

“(...) mas depois comecei a pensar mesmo bem tipo pra quê eu vou tar a voltar lá pra fora se aqui posso, se aqui posso aguentar mais um tempo e ter mais coisas? E saber aproveitar porque uma oportunidade destas não vou ter tão cedo, não vou ter tão cedo. Eu lá fora não vou ser capaz de estudar pra carta por exemplo, porquê? porque vou tar no telemovel, facebook e aqui não, aqui eu sou obrigada a fazer e essa obrigação é boa, é positiva! É isso que eu quero agarrar e tou a fazer de tudo para agarrar e as obrigações positivas que a gente tem aqui e que de outra forma não conseguia não era capaz”

O Participante 3 (P3) revela que se sente em dívida com o Centro no sentido em que este o fez crescer e deu maturidade e conhecimento:

“Deu-me mais cabeça, mais cultura geral... maturidade, a forma de pensar... isso eu devo ao Centro, fez-me crescer muito (...)”

O Participante 4 (P4) revela que aprendeu com o Centro como controlar os seus impulsos, o que não conseguiria se não tivesse sido sentenciado:

“Mas olha... se eu não tivesse no Centro Educativo já tinha acontecido, tinha descontado em alguém, mas não, eu tenho que me controlar, tenho que me controlar a sério, de vez em quando tenho essa vontade de descarregar em alguém, não vou tar a mentir porque tenho, mas não vale a pena, aprendi isso aqui...”

A Participante 5 (P5) agradece ao Centro Educativo a oportunidade de terminar a escola e juntar dinheiro para a sua vida fora do Centro:

“É útil porque dá-nos oportunidade de juntar dinheiro, dá oportunidade de ter o nono ano, de ter um curso profissional sim, disso eu agradeço porque posso fazer coisas aqui que lá fora era impossível, isto do Centro tem esse lado positivo que podemos fazer essas coisas e acabar a escola que eu agradeço claro...”

Saturação

Com a permanência no Centro Educativo e, devido ao tempo de institucionalização, às saudades dos seus pertences, à rotina e, com a aproximação da saída definitiva do Centro, verifica-se uma saturação ao Centro por parte dos cinco participantes.

O Participante 1 (P1) expressa uma saturação perante o Centro à medida que o tempo vai passando:

“Se calhar era mais ao contrário, agora é que tentava faltar, sim porque no início é tudo novo, tamos mais dentro da situação né... agora é que vai, digamos, descambando um bocadinho, já tamos fartos nesta altura (...)”

A Participante 2 (P2) remete os seus sentimentos de saturação perante a institucionalização para as saudades dos seus pertences, que no Centro não tem a possibilidade de obter:

“Da família não tenho tantas saudades porque vejo duas vezes por semana quando vêm à visita aos fins-de-semana... Sinto mais falta das minhas coisas, às vezes sinto-me tão farta de estar aqui, mais porque não tenho as minhas coisas todas, tou um bocado farta...”

O Participante 3 (P3) revela que se sente farto da rotina do Centro e da falta de liberdade que este oferece:

“Já tou aqui há muito tempo, tou a ficar mesmo saturado disto, sempre a mesma rotina... desleixa uma pessoa, fico desleixado porque antes era mais ativo, agora já não tanto, é sempre a mesma coisa... Eu queria ter mais liberdade não é? Queria ter o meu trabalho, o meu dinheiro, as minhas coisas, os meus direitos, os meus prazeres que aqui não posso ter...”

O Participante 4 (P4), ao falar sobre a prolongação da sua medida, afirma estar farto do seu estado de institucionalização:

“Agora vão-me por mais um ano, pelo menos um ano eles vão-me dar, mais um ano ou mais que um ano eu só peço pra ser um ano, já passa a ser até três, fogo, eu se eu pudesse não era mais que um ano senão... a minha cabeça vai encher outra vez, tou mesmo a ficar farto e mais tempo vai-se encher outra vez de problemas”

A Participante 5 (P5), com a aproximação das suas férias, onde poderá sair do Centro e do final da sua sentença, começa a ficar saturada do curso e da institucionalização:

“Eu lá nunca fui às aulas, sempre tive na inicial e na inicial não se podia ir às aulas, tínhamos duas horas de estudo mas era lá na unidade com uma técnica e o que ela soubesse fazer e ensinar nós fazíamos, não era escola, aqui tamos a tirar um curso de cabeleireiro com

equivalência ao nono ano, em Dezembro ates de sair vou conseguir ficar com o nono ano prontos, já tou a ficar farta do curso, já tamos mesmo na reta final de, até às férias e isso e tou mesmo a ficar farta, ficar sem paciência e acho que isso vai correr mal”

Mudança

Num quarto momento, associado à perspectiva de futuro, pós-saída, os cinco participantes desta investigação revelam que sentem, com a vivência no Centro Educativo, uma mudança em si, na forma como lidam atualmente com a família, nos seus objetivos a longo prazo, no crescimento da sua mentalidade e na confiança adquirida nos outros.

O Participante 1 (P1) explica que cresceu no sentido em que ganhou mentalidade e, atualmente, é capaz de planificar os seus objetivos de vida:

“ (...) tou a começar a dar valor e... acho que, como é que eu lhe vou explicar, se calhar tou-me a tornar numa outra pessoa aos poucos e poucos, já sei o que é que eu quero, antes não sabia o que eu queria, já tenho outra mentalidade, já cresci um pouco né, como se diz... Antes era muito criança. Agora já tou mais concentrado hm... já tenho outros planos, outros objetivos (...) ”

A participante 2 (P2) expressa a sua mudança, no sentido em que tomou consciência dos seus objetivos e como os poderia concretizar:

“Pensar nos meus objetivos, é os meus objetivos. E acho que isso é bom para a gente crescer. Antes não tinha objetivos, não tinha objetivos porque só pensava que tinha que cumprir com isto porque tinha que andar fugida para o resto da minha vida, pra quê ter objetivos se não posso fazer nada? sem bi, sem nada, com bi mas sem poder apresentá-lo em lado nenhum. Não tinha objetivos, vivia um dia de cada vez...”

O Participante 3 (P3) revela a sua mudança, gradual, ao ganhar responsabilidades:

“Claro, ano após anos podemos mudar pouco mas mudamos, sinto responsabilidades também já tou a tirar a carta, ainda não me sinto completo por isso...”

O Participante 4 (P4) revela que começou a valorizar a sua família e cresceu na maneira de lidar com a mesma:

“ (...) eu quero tirar o nono ano, quero tirar o décimo segundo mas é à noite porque a minha mãe não pode trabalhar, com os problemas de saúde que ela tem agora ela não pode trabalhar como era antes, ela precisa de ajuda... e eu tenho que ajudar, sou filho não é só... também tenho que ajudar, é assim, ela ajudou-me a mim, ela criou-me e agora também tenho que ajudar, ela fez a parte dela e ainda faz e agora só tenho de dar o meu melhor como filho,

é ajudar, é quando sair arranjar um emprego, ajudar nas contas da casa é ajudar mesmo a sério, não quero fazer como fazia antes tipo lixar pra ela e não pensar tipo ela falar e virar-lhe as costas e sair porta fora, era chegar a casa ver ela a chegar e não ligar e ir direto pro quarto, e é assim...”

A Participante 5 (P5) explica que atualmente se encontra uma pessoa mudada e que aprendeu a confiar nos outros:

“ (...) agora estou uma pessoa totalmente diferente, uma pessoa que consegue falar, uma pessoa que consegue sorrir porque eu só fazia, só sorria, só falava com pessoas que me dava bem, por exemplo, há uns tempos atrás eu não conseguia tar aqui a falar consigo, porquê? Porque eu era desconfiada, não confiava em ninguém agora não, agora quando sair se calhar ganho mais confiança”

Tabela 2- Análise dos Constituintes Essenciais e das Variações Empíricas

Constituintes Essenciais	Variações Empíricas				
	P1	P2	P3	P4	P5
<i>Influência Negativa (Social/Familiar)</i>	Influência dos seus amigos e sentido de competição com os outros	Influência e sentimento de proteção dos seus amigos	Evolução das infrações com influência de jovens com quem se relacionava	Retorno à delinquência por influência familiar (irmão) e desilusão pela mesma	Início da delinquência por influência e companhia de jovens mais velhos e da sua melhor amiga
<i>Ambiguidade face à justiça da medida</i>	Duvida total quanto à justiça/ injustiça da medida	Por um lado, justa (quantidade de processos acusada) e por outro lado injusta (momento em que foi condenada)	Justa, mas injusta por ser demasiado extensa	Injusta mas reconhece que o tribunal teve as suas razões para a aplicação da medida	Contradições quanto à justiça, ou injustiça, da medida
<i>Consciencialização</i>	Roubo com arma branca	Roubos e Agressões	Roubos	Evolução dos seus delitos	Dois roubos, dois furtos e duas agressões
<i>Vulnerabilidade Emocional</i>	Ficou enclausurado no quarto	Desrespeito e provocações das restantes jovens institucionalizadas	Falta de liberdade no primeiro Centro Educativo onde esteve	Sofrimento psicológico pela estranheza face ao desconhecido	No início da sua institucionalização julgou que “o mundo fosse

			institucionalizado		acabar”
<i>Sentimentos negativos face à autoridade</i>	Incompreensão por determinadas regras do Centro	Sentimento de abuso de autoridade da parte dos técnicos do Centro	Rigidez excessiva no primeiro Centro onde esteve Institucionalizado	Sentimentos negativos face a uma regra específica do Centro e abuso de autoridade na consequência do seu incumprimento	Sentimentos negativos face à autoridade no seu geral e abuso de poder dos técnicos do Centro onde está institucionalizado
<i>Habituação/ Adaptação</i>	Habituação à rotina do Centro e à estranheza que era sentida inicialmente	Com o passar do tempo começou a conformar-se com o facto de estar institucionalizada	Habituação às saídas temporárias do Centro	Habituação à rotina do Centro e às saídas temporárias do mesmo	Notou necessidade de se habituar à rotina do Centro
<i>Arrependimento</i>	Mudaria os comportamentos delinquentes prévios à institucionalização	Mostra-se arrependimento por seguir influência dos amigos para os delitos cometidos	Arrependido em determinados atos e por ser reservado e indiferente aos acontecimentos	Tomou consciência do seu arrependimento dos delitos cometidos no início da sua institucionalização	Arrependimento na maneira como cometeu os delitos

<i>Gratificação face ao Centro</i>	Grato pela possibilidade de aprendizagem, de educação e de valorização para com a família	Centro oferece oportunidades que fora do mesmo não tinha capacidade para as aproveitar	Sentimento de dívida para com o Centro pois fê-lo crescer e ofereceu maturidade e conhecimento	Aprendeu com o Centro a controlar os seus impulsos	Agradece ao Centro a oportunidade de terminar a escola e juntar dinheiro para quando sair
<i>Saturação</i>	Expressa começar a estar saturado à medida que o tempo de institucionalização passa	Farta de estar institucionalizada e saudades dos seus pertences	Saturado da rotina do Centro e da falta de liberdade	Refere estar saturado do seu estado de institucionalização	Com a iminência da sua saída começa a ficar farta do Centro e do curso que está a terminar
<i>Mudança</i>	Ganhou mentalidade e planifica os seus objetivos de vida	Tomou consciência dos seus objetivos e como os pode concretizar	Gradualmente, ganha responsabilidades	Valoriza, atualmente, a sua família e cresceu na maneira como lidar com a mesma	Expressa a mudança sentida em si mesma e como aprendeu a confiar nos outros

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

Neste capítulo, é realizada a discussão dos resultados, i.e., dos significados atribuídos pelos jovens delinquentes no estudo, à experiência de institucionalização no Centro Educativo. Posto isto, o objetivo principal deste capítulo é dar seguimento às questões emergentes desta investigação fenomenológica, estabelecendo-se, para isso, uma correlação entre os resultados do estudo e a literatura existente, no sentido de fundamentar esta investigação e promover a compreensão do impacto que a construção de significado da institucionalização possui.

Pretende-se compreender e clarificar como a estrutura do significado comum a está intimamente relacionada com o que a literatura revela sobre esta experiência. No final deste capítulo será apresentada uma ilustração gráfica, através da Figura 1, com o intuito de auxiliar a clarificação da relação entre os constituintes essenciais da experiência de institucionalização.

Diálogo com a literatura

O primeiro constituinte essencial (*influência negativa*) está relacionado como um fator de risco determinante para o início da delinquência dos jovens institucionalizados. Isto é, é possível perceber, analisando as entrevistas, que todos os participantes afirmam sentir uma influência, seja familiar – irmão mais velho com historial de delinquência, ou social - grupos de pares, por uma competição com o outro, para começarem a cometer delitos.

Este constituinte é corroborado com a literatura por Thornberry et al., (1998) e Farrington (1999), que argumentam que ter amigos com comportamentos anti-sociais é uma das correlações mais consistentes de se adotar o mesmo tipo de comportamentos. Outro estudo que corrobora este constituinte essencial é o estudo de Cambridge (Farrington et al., 2003) que alega que jovens cujo historial de família com existência de pais e irmãos mais velhos condenados tendem a apresentar comportamentos delinquentes.

Relativamente ao segundo constituinte essencial encontrado nesta investigação (*ambiguidade face à justiça da medida*), verifica-se que todos os participantes revelam uma incerteza no que concerne ao seu sentimento de justiça, ou injustiça, na medida que lhes foi aplicada pelo tribunal. Este constituinte, ao longo da revisão de literatura efetuada, não foi encontrado para poder ser corroborado, ou contestado. Isto é, a literatura apenas se refere à

conceção da medida de institucionalização como sendo ambígua pelo facto de ser sentida como educativa e, simultaneamente, punitiva (Alberto, 2002), não se referindo ao sentimento de justiça, ou injustiça, dos jovens institucionalizados.

O terceiro constituinte essencial (*consciencialização*) remete-nos para o conhecimento que, todos os participantes, têm sobre a compreensão do sentido da medida, não pela intenção, mas sim pela conduta ilegal que efetuaram. Isto é, todos os participantes referem o motivo pelo qual estão institucionalizados no sentido mais específico do delito, como P5 afirma “(...) *Foram muitos, eu tou aqui por causa de dois roubos, dois furtos e por duas agressões, injurias (...)*”. O que se verificou nesta investigação é comprovado na literatura por Loureço (2002), ao referir que a auto-avaliação das transgressões dos jovens delinquentes tende a centrar-se nas consequências materiais da ação, não considerando a intenção que lhe possa ser subjacente, pelo que o jovem delinquente responsabiliza apenas os aspetos visíveis da conduta.

Quanto ao quarto constituinte essencial encontrado nesta investigação (*vulnerabilidade emocional*), os cinco participantes revelam, na sua passagem pelo Centro Educativo, que sentem sofrimento psicológico pela privação da liberdade e enclausuramento, como P1 refere “*Eish... foi horrível mesmo. Foi... porque eu fiquei no quarto, fechado, só com uma janela pequena para respirar hm... e olha é assim... Senti-me mal mesmo. É mau*”, uma vulnerabilidade face ao desconhecido e um sentimento que a sua vida tivesse terminado.

Estes resultados são comprovados com o que argumenta Sykes (1958), afirmando que a perda da liberdade, da autonomia, de privacidade e de independência faz parte da institucionalização e são “dores de prisão”.

Inderbitzin (2005), neste sentido, afirma que existem constantes lembretes do que estes jovens estão em falta no lado de fora, enquanto o mundo continua sem eles, sendo estes férias, aniversários e práticas que não poderão experienciar pelo tempo em que estão institucionalizados.

Em diversa literatura, estas perdas e esta forma de privação (Gover et al., 2000) pode ser tão dolorosa como maus-tratos físicos, levando a ansiedade e que representando uma ameaça significativa para a definição da identidade e da auto-estima dos detidos (sykes, 1958). Esta questão é ainda mais complicada pois, por serem adolescentes, ainda estão a desenvolver e a formar os seus auto-conceitos e a sua identidade (Inderbitzin, 2005).

Relativamente ao quinto constituinte essencial (*Sentimentos negativos face à autoridade/regras do Centro*), é verificado que, ao longo da sua experiência de institucionalização no Centro Educativo, todos os participantes revelam ou incompreensão por determinadas regras, ou um abuso de autoridade por parte dos técnicos, ou uma rigidez excessiva do Centro onde estão institucionalizados.

A literatura não confirma a inclinação dos sentimentos dos jovens quanto às regras do Centro, isto é, existe literatura sobre este constituinte mas apenas de uma perspectiva de minimização, ou maximização, da conduta delinvente perante a autoridade. Neste sentido, apesar de Sparks, Bottoms, e Hay (1996) afirmarem que o que mais importa não é um rígido controlo sobre os jovens, mas o uso do poder de maneira a serem aceites como legítimas pelos detidos, Dilulio (1987) argumenta que os Centros Educativos podem minimizar a má conduta por meio de um rígido controlo sobre os jovens e as instalações em si.

Não obstante, Sparks et al., (1996) Se os jovens institucionalizados acreditarem que as regras do Centro são “humanas”, moralmente aceitáveis e que exercem justiça e igualdade, será menos provável que causem distúrbios do que se tiverem a perceção das regras e autoridade como ilegítima.

Inderbitzin (2005) refere que muitos jovens institucionalizados, enquanto a sua delinquência foi eficazmente interrompida, esperam e adaptam-se ao Centro Educativo, até a sua medida ter terminado, para começarem a viver novamente. Esta afirmação vai de encontro ao sexto constituinte (*Habituação/Adaptação*), onde é notório, no discurso dos participantes, que apesar de inicialmente existir uma estranheza face à institucionalização, estes começam a conformar-se e a adaptar-se às rotinas, tal como a P5 afirma “(...) *levantar às sete, tomar o pequeno-almoço, vir prá s aulas, almoçar, vir prá s aulas, tomar banho, jantar e mais nada e é assim o nosso dia-a-dia aqui dentro e tive que me ir habituando a esta rotina...*”.

Quanto ao sétimo constituinte essencial (*Arrependimento*), os participantes desta investigação revelam que se se sentem arrependidos, maioritariamente pelos atos delinquentes prévios à institucionalização, bem como terem-se deixado influenciar e, a P5 refere inclusivamente que não tinha consciência do prejuízo que podiam causar, pelo que mudaria a sua maneira de cometer os delitos. É sentido, então, um arrependimento por questões ligadas ao passado delinvente.

Este constituinte essencial não é possível de ser corroborado pela literatura, pois, como já foi dito, são poucas as pesquisas que dão voz aos jovens para revelar os seus sentimentos, pelo que apenas se pode cruzar este constituinte com a literatura jurídica. Na literatura jurídica pesquisada, Figueiredo Dias (1974) argumenta que é frequente atender a fatores como o arrependimento, ou a ausência do mesmo (ou insensibilidade diante da gravidade e consequências do delito) na determinação da respetiva medida. Tais circunstâncias dizem respeito à personalidade do agente, e não ao facto criminoso em si, i.e., não se trata de apreciar os sentimentos manifestados na prática desse facto, mas os sentimentos manifestados posteriormente na própria audiência, como reflexo da personalidade. Figueiredo Dias (1974) não questiona, então, a legitimidade da consideração do arrependimento como circunstância que pode levar a optar por fixar uma medida mais benévola, mas, pelo contrário, é-lhe difícil aceitar que a ausência de arrependimento seja circunstância que possa agravar a determinação da medida pois traduzirá um juízo negativo sobre a personalidade que sai fora do âmbito da legitimidade da atividade judicial.

Relativamente ao oitavo constituinte essencial encontrado nesta investigação (*Gratidão*), verifica-se que ao longo da investigação os participantes sentem-se gratos pelo Centro e pelo que este lhes proporciona. Os participantes referem-se às oportunidades de aproveitamento do que “lá fora” não seriam capazes, de aprendizagem, educação, aprender a controlar os impulsos e a valorizar a sua família, tanto como se referem à gratidão pelo facto de conseguirem crescer e ganhar maturidade.

É possível corroborar este constituinte na literatura pois nela verifica-se que, durante o tempo de institucionalização, a maioria dos jovens valoriza sobretudo as atividades de formação profissional e reconhece-as como forma útil de ocupar o tempo de institucionalização e como possível oportunidade de acesso a uma profissão especializada (Manso, 2006; Rodrigus & Duarte-Fonseca, 2003). Exemplo dessa gratidão e reconhecimento é a afirmação da P5 ao longo da entrevista realizada “*É útil porque dá-nos oportunidade de juntar dinheiro, dá oportunidade de ter o nono ano, de ter um curso profissional sim, disso eu agradeço porque posso fazer coisas aqui que lá fora era impossível, isto do Centro tem esse lado positivo que podemos fazer essas coisas e acabar a escola que eu agradeço claro...*”.

Pelo contrário, Figueiredo (2001) não concorda totalmente com o constituinte verificado nesta investigação, argumentando que são poucos os jovens que percebem que, para além das aprendizagens de índole escolar e formativa, há outro tipo de ensinamento para

o qual toda a intervenção do Centro Educativo é orientada e que remete para a apreensão de valores e para a apropriação de um conjunto de direitos e deveres.

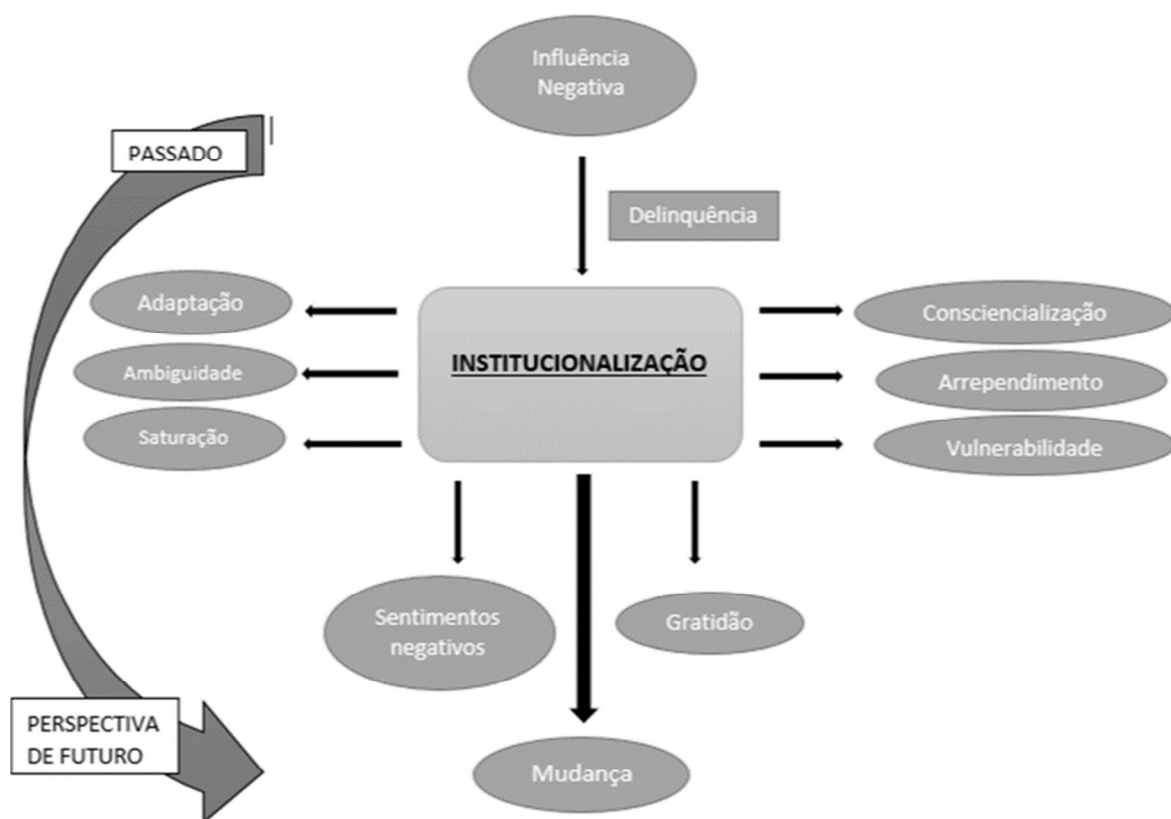
O nono constituinte essencial encontrado nesta investigação foi a *Saturação*, este constituinte mostra que, com o passar do tempo de institucionalização, com as saudades/privação dos seus pertences e com a repetição diária de uma rotina, os jovens começam a revelar-se saturados do Centro.

Não existe teoria que corrobore totalmente este sentimento de saturação por parte dos jovens institucionalizados num Centro Educativo, pelo que este constituinte apenas se pode cruzar com a teoria de privação (Parisi, 1982). Esta teoria foca-se principalmente no ambiente prisional, mas também pode ser adaptado aos jovens em Centros Educativos, e pode-se cruzar pela necessidade de um meio de adaptação (já descrito na literatura existente sobre o sexto constituinte) e pela privação das necessidades básicas que, por exemplo, P2 fala “ (...) *Sinto mais falta das minhas coisas, às vezes sinto-me tão farta de estar aqui, mais porque não tenho as minhas coisas todas, tou um bocado farta...*”. Neste sentido, autores desta teoria argumentam que os jovens sofrem com a privação de segurança pessoal, bens materiais, aceitação social e a autonomia pessoal (Sykes, 2007)

Finalmente, sobre o décimo, e último constituinte essencial (*Mudança*), os participantes desta investigação referem que sentem uma mudança em si, seja na sua mentalidade e responsabilidades ou porque começaram, no Centro, a planificar os seus objetivos para o futuro. Este constituinte vai de encontro com Arnett (2004), quando afirma “há qualquer coisa sobre a chegada à idade adulta que abre novas possibilidades de transformar as pessoas que tiveram mais que a sua parte de adversidade durante os seus primeiros anos”, isto é, o período da emergência da idade adulta pode sustentar o compromisso dos jovens que estão a formar-se nos Centros Educativos.

Bortner & Williams (1997) corroboram também este constituinte, apesar de argumentarem que, mesmo que estes jovens mudem as suas atitudes e a sua visão enquanto estão institucionalizados, voltar ao contacto regular com os seus amigos, familiares e comunidades pode levá-los de volta à delinquência.

Figura 1- Relação dos Constituintes Essenciais da Experiência de Institucionalização



CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

Considerações Finais

O objetivo primordial desta investigação prendia-se essencialmente com a descoberta de impactos da experiência da institucionalização em jovens delinquentes. Com este fim, foi feita uma análise das cinco entrevistas que constituíram a amostra desta investigação, à luz da fenomenologia descritiva de Amedeo Giorgi. O uso deste método permitiu que os resultados expressassem a articulação das várias componentes da experiência, tal como é vivida e sentida pelos participantes.

Este estudo contribuiu para a clarificação dos fenómenos relacionados com a institucionalização e foram muitos os impactos encontrados nesta investigação que afetam os jovens delinquentes.

A experiência da institucionalização é - pela visão fenomenológica da experiência subjetiva dos participantes - um fenómeno bastante complexo que afeta várias dimensões contextuais, tanto a nível relacional como a nível pessoal (pré, durante e pós institucionalização) do sujeito.

Neste sentido foram encontrados quatro momentos primordiais para a experiência da institucionalização. O primeiro momento dá-se na pré-institucionalização, a delinquência, quando o jovem comete os delitos, motivo pelo qual se encontra no Centro Educativo. O segundo momento ocorre no momento da aplicação da medida de internamento pelo que, seja em regime aberto ou semi-aberto, todos os participantes contestam a medida, apesar de estarem conscientes do motivo pelo qual foram institucionalizados. De seguida, dá-se o momento da vivência na instituição, vivida com uma ambiguidade de sentimentos contraditórios, o que nos faz ponderar sobre as várias dimensões verificadas nesta investigação (por exemplo, sentimentos de saturação e, simultaneamente, de conformação face ao Centro). Quanto à perspetiva de futuro, ultimo momento significativo, os participantes percebem uma mudança em si, i.e., sentem um crescimento na sua mentalidade capaz de pensar nos seus objetivos de vida com responsabilidade.

Em relação a estudos anteriores, podemos considerar que é dada uma perspetiva diferente, dado que a maioria dos estudos, mencionados no enquadramento teórico e no diálogo com a literatura, se foca em estudar os impactos da institucionalização dos jovens segundo a perspetiva da instituição, em detrimento da visão do jovem.

Neste sentido, este estudo evidencia ser uma mais-valia para a compreensão do fenómeno da experiência de internamento de jovens em Centros Educativos e os resultados obtidos poderão facilitar a intervenção junto dos jovens, alertando para a ambiguidade de sentimentos presentes nos jovens que se encontram institucionalizados e, com isto, possibilitar novas perspetivas para uma melhor preparação de transição do internamento para a vida em liberdade.

Limitações do Estudo e Propostas de Investigação e Intervenção

A temática da institucionalização de jovens em Centros Educativos já foi abundantemente estudada, contudo, a maior parte das investigações foram elaboradas apenas segundo a perspetiva, da instituição, dos técnicos e da lei referente ao local da instituição. Assim, não é permitido um conhecimento total do olhar dos jovens sobre a mesma pois não foi descoberta literatura que corrobore, ou não, com todos os constituintes essenciais encontrados no decorrer deste estudo. Neste sentido, para além de ser verificada uma limitação, os constituintes essenciais de ambiguidade face a justiça/injustiça da medida aplicada, de arrependimento e de saturação, sugerem-nos um indicador de inovação e um primeiro passo para possíveis estudos futuros sobre a perspetiva de jovens institucionalizados na sua passagem por Centros Educativos.

Apesar do esforço do investigador para conseguir tomar uma atitude fenomenológica perante o tratamento dos dados é importante salientar que se torna difícil realizar todas as possibilidades existentes acerca do fenómeno através de apenas um investigador, mesmo havendo validação interpares.

É de igual forma importante ressaltar que foi realizada e analisada uma reflexão vertical ao discurso dos participantes sobre a experiência no Centro Educativo e às suas mudanças que ocorreram durante a institucionalização, bem como as construções de significados. Desta forma, apesar das mudanças verificadas durante a vivência no Centro, e da perspetiva de um futuro sem influências negativas que levem os participantes para a delinquência, fica por explorar a efetividade dessas mudanças no mundo do sujeito em termos longitudinais.

Outra limitação possível de ser verificada nesta investigação advém do facto de todos os participantes estarem institucionalizados no mesmo Centro Educativo, pelo que, apesar de dois dos participantes terem sido anteriormente institucionalizados em diferentes Centros e expressarem sentimentos face aos mesmos, a homogenia do ambiente do Centro em questão pode influenciar os resultados obtidos.

O facto de os participantes estarem inseridos em regimes diferentes (aberto e semi-aberto) e, assim, a sua rotina ser diferente também, pode ser considerado uma limitação do estudo, uma vez que fica por explorar a experiência dos jovens institucionalizados em regime fechado.

Um aspeto bastante relevante averiguado no decorrer desta investigação, e na leitura de literatura existente sobre o tema, foi o elevado risco de reincidência dos jovens e a incapacidade dos Centros em diminuí-la. Com isto, é da opinião do investigador que este estudo que, através do método fenomenológico dá voz aos jovens institucionalizados, possa ser um suporte para investigações futuras, dada a importância de perceber este fenómeno. Sobre este fenómeno, é da opinião do investigador que uma potencial proposta de intervenção, seria um maior e melhor acompanhamento aos jovens após a sua saída, pois, segundo os resultados obtidos neste estudo, os jovens crêem-se mudados no seu modo de estar e perspetivam para si um futuro diferente do que a literatura afirma. Assim, o maior acompanhamento não só averiguava os motivos da reincidência, como possibilitava a sua redução.

Pelo número reduzido de participantes, parece interessante a possibilidade de, no futuro, ser feito um aprofundamento na exploração das vivências individuais dos jovens institucionalizados no Centro Educativo para que seja possível perceber realmente o que é essencial e invariante nesta experiência.

Dados os resultados deste estudo exploratório, e o valor dos jovens na sociedade, espera-se que este estudo deixe boas bases para futuras investigações na área da delinquência juvenil, especificamente sobre a experiência em Centros Educativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberto, I. (2002). Como pássaros em gaiolas? Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco. *Violência e vítimas de crimes*, 2, 228-244.
- Arnett, J. J. (2014). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. Oxford University Press.
- Beyers, J. M., Loeber, R., Wikström, P. O. H., & Stouthamer-Loeber, M. (2001). What predicts adolescent violence in better-off neighborhoods?. *Journal of abnormal child psychology*, 29(5), 369-381.
- Biehal, N. (2010). Looking inside interventions for young people with behaviour problems. *Inside out. How interventions in child and family care work: An international source book*, 47-49.
- Biehal, N., Ellison, S., Sinclair, I., Randerson, C., Richards, A., Mallon, S., Beecham, J. (2010). *A report on the intensive fostering pilot programme*. London, England: Youth Justice Board.
- Blomberg, T. G., Bales, W. D., Mann, K., Piquero, A. R., & Berk, R. A. (2011). Incarceration, education and transition from delinquency. *Journal of Criminal Justice*, 39(4), 355-365.
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa: Climepsi
- Bortner, M. A., & Williams, L. (2012). *Youth in prison: We the people of unit four*. Routledge.
- Brandão, A. M., Duarte, A. M., & Silva, S. (2004). *Violência Juvenil: histórias e percursos*. Porto: Fundação da Juventude.
- Brazell, D., Crayton, A., Mukamal, D. A., Solomon, A. L., & Lindahl, N. (2009). *From the classroom to the community: Exploring the role of education during incarceration and re-entry*. Washington, DC: The Urban Institute.
- Carrilho, L. M. G. F. (2000). Influências familiares no desenvolvimento de trajetórias desviantes em adolescentes institucionalizados.

- Carvalho, M. (2005). Jovens, Espaços, Trajectórias e Delinquências. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 71-93.
- Chartier, J. (1991). *L'adolescent incasable: bourreau ou martyr?* Marseille: Editions Hommes et Perspectives.
- Cunha, M. I. (2008). *Aquém e Além da Prisão. Lisboa: 90º.*
- Cusson, M. (2007). *Criminologia: Só pelo Conhecimento se Pode Evitar a Criminalidade.* Leya.
- Dias, C. A., & Vicente, T. N. (1984). *A depressão no adolescente.* Porto: Afrontamento
- Dias, J. D. F. (1974). *Direito processual penal. Coimbra: Coimbra Editora, 1.*
- Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (2015). Estatística Mensal dos Centros Educativos Outubro 2015. Web site. Acedido Dezembro 5, 2015 em file:///C:/Users/hp1/Downloads/Dados%20estat%C3%ADsticos%20CE%20%20outubro15%20(2).pdf
- Dilulio, J. (1987). *Governing prisons.* New York: Free Press
- Emler, N., Ohana, J., & Moscovici, S. (1987). Children's beliefs about institutional roles: a cross-national study of representations of the teacher's role. *British Journal of Educational Psychology*, 57(1), 26-37.
- Emler, N., & Reicher, S. (1995). *Adolescence and delinquency.* Oxford: Blackwell
- Farrington, D. P. (1999). A criminological research agenda for the next millennium. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 43(2), 154-167.
- Farrington, D. P., Coid, J. W., Harnett, L., Jolliffe, D., Soteriou, N., Turner, R., & West, D. J. (2003). *Criminal careers and life success: New findings from the Cambridge Study in Delinquent Development.* London: Home Office Research, Development and Statistics Directorate.
- Farrington, D. P. & Loeber, R., (2001). *Child delinquents: Development, intervention, and service needs.* Sage.

- Feld, B. C. (1999). *Bad Kids: Race and the Transformation of the Juvenile Court. Studies in Crime and Public Policy*. Oxford University Press.
- Ferreira, P. M. (1997). Delinquência Juvenil: família e escola. *Análise Social*, 913-924.
- Figueiredo, J. (2001). Execução de medidas tutelares educativas. *Revista Infância e Juventude*, 2, 25-46.
- Gallagher, S. & Zahavi, D. (2008). *The phenomenological mind*. Nova Oirque: Routledge.
- Gatti, U., Tremblay, R. E., & Vitaro, F. (2009). Iatrogenic effect of juvenile justice. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(8), 991-998.
- Giorgi, A. (1985). *Phenomenology and psychological research*. Duquesne University Press.
- Giorgi, A. P., & Giorgi, B. M. (2003). The descriptive phenomenological psychological method.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). Método fenomenológico de investigação em psicologia. *Lisboa: Fim de século*.
- Goffman, E. (1999). *Manicómios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspetiva.
- Gover, A. R., MacKenzie, D. L., & Armstrong, G. S. (2000). Importation and deprivation explanations of juveniles' adjustment to correctional facilities. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 44(4), 450-467.
- Hartwell, S., McMackin, R., Tansi, R., & Bartlett, N. (2010). "I Grew Up Too Fast For My Age:" Postdischarge Issues and Experiences of Male Juvenile Offenders. *Journal of Offender Rehabilitation*, 49(7), 495-515.
- Hawkins, J. D., Herrenkohl, T. I., Farrington, D. P., Brewer, D., Catalano, R. F., Harachi, T. W., & Cothorn, L. (2000). Predictors of Youth Violence. *Juvenile Justice Bulletin*.
- Hjalmarsson, R. (2009). Juvenile jails: A path to the straight and narrow or to hardened criminality?. *Journal of Law and Economics*, 52(4), 779-809
- Holmes, S. E., Slaughter, J. R., & Kashani, J. (2001). Risk factors in childhood that lead to the development of conduct disorder and antisocial personality disorder. *Child Psychiatry and Human Development*, 31(3), 183-193.

- Houaiss, A., Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates
- Inderbitzin, M. (2005). Growing up behind bars: An ethnographic study of adolescent inmates in a cottage for violent offenders. *Journal of Offender Rehabilitation*, 42(3), 1-22.
- Inderbitzin, M. (2012). Delinquency Interrupted: Research into and Inside of Juvenile Correctional Facilities. *Sociology Compass*, 6(6), 445-457.
- Irwin, J. (1970). *The Felon*. University of California Press.
- Kilgore, D., & Meade, S. (2004). " Look What Boot Camp's Done for Me:" Teaching and Learning at Lakeview Academy. *Journal of Correctional Education*, 170-185.
- La Rosa, J. (2003). Teoria da aprendizagem social: Albert Bandura. *Psicologia e educação: O significado do aprender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 71-102.
- Lane, J., Lanza-Kaduce, L., Frazier, C. E., & Bishop, D. M. (2002). Adult versus juvenile sanctions: Voices of incarcerated youths. *Crime & Delinquency*, 48(3), 431-455.
- Laub, J. H., & Sampson, R. J. (2003). *Shared beginnings, divergent lives: Delinquent boys to age 70*. Harvard University Press.
- Lei Tutelar Educativa – Lei nº166/99 – Ministério da Justiça
- Leone, P. E., Krezmien, M., Mason, L., & Meisel, S. M. (2005). Organizing and delivering empirically based literacy instruction to incarcerated youth. *Exceptionality*, 13(2), 89-102.
- Liebling, A., & Maruna, S. (2005). Introduction: the effects of imprisonment revisited. *The effects of imprisonment*, 1-29.
- Lipsey, M. W. (2009). The primary factors that characterize effective interventions with juvenile offenders: A meta-analytic overview. *Victims and Offenders*, 4, 124-147.
- Loughran, T. A., Mulvey, E. P., Schubert, C. A., Fagan, J., Piquero, A. R., & Losoya, S. H. (2009). Estimating a dose-response relationship between length of stay and future recidivism in serious juvenile offenders. *Criminology*, 47(3), 699-740.

- Lourenço, O. (2002). *Psicologia de desenvolvimento moral: Teoria, dados e implicações* (3ª ed.). Coimbra: Almedina.
- MacKenzie, D. L. (2006). *What works in corrections: reducing the criminal activities of offenders and delinquents*. Cambridge University Press.
- Manita, C., & Machado, C. (2012). A Psicologia Forense em Portugal: novos rumos na consolidação da relação com o sistema de justiça. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 15-32.
- Mannen, V. (1979). Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. *Administrative Science Quarterly*, 24(4), 520-526.
- Manso, A. (2006). Educação para o direito: Representações sociais de jovens institucionalizados em centro educativo. *Educação para o direito: Representações sociais de jovens institucionalizados em centro educativo*.
- Marques, M. (1995). *Adolescência e transgressão: entre a transgressão dos limites e os limites da transgressão*. Congresso: Os jovens e a Justiça. Lisboa: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Matos, A. C. (1977). *Delinquência Juvenil e psiquiatria da adolescência*. Escritos 4. Artigos publicados nas revistas *Jornal do Médico e Médico*, 73-75.
- Matos, A. C. (2003). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). Violência, bullying e delinquência, gestão de problemas de saúde em meio escolar. *Lisboa: Coisas de Ler*.
- Mendel, R. A. (2011). No Place for Kids: The Case for Reducing Juvenile Incarceration. *Annie E. Casey Foundation*.
- Mulvey, E. P. (2011). *Highlights from pathways to desistance: A longitudinal study of serious adolescent offenders*. Washington, DC: Office of Justice Programs, U.S. Department of Justice.
- Myers, D. L. (2003). The Recidivism of Violent Youths in Juvenile and Adult Court A Consideration of Selection Bias. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 1(1), 79-101.

- Negreiros, J. (2001) *Delinquências Juvenis*. Coleção Comportamentos. Lisboa: Editorial Notícias.
- Neves, T. (2007). A defesa institucional numa instituição total: o caso de um centro de internamento de menores delinquentes. *Análise social*, 1021-1039.
- Neves, T. (2008). *Entre educativo e penitenciário: Etnografia de um centro de internamento de menores delinquentes*. Edições Afrontamento.
- Nurmi, J. E., Poole, M. E., & Kalakoski, V. (1996). Age differences in adolescent identity exploration and commitment in urban and rural environments. *Journal of Adolescence*, 19, 443-452.
- Palacios, J., & Oliva, A. (2001). La adolescência y su significado evolutivo: 1. Psicología evolutiva. In J. Palacios, Á. Marchesi & C. Coll (Eds.), *Desarrollo psicológico y educación* (2ª ed., Vol. 1). Madrid: Alianza Editorial, S.A.
- Parhar, K. K., Wormith, J. S., Derkzen, D. M., & Beauregard, A. M. (2008). Offender Coercion in Treatment A Meta-Analysis of Effectiveness. *Criminal Justice and Behavior*, 35(9), 1109-1135.
- Parisi, N. (1982). " The Prisoner's Pressures and Responses. *Coping with imprisonment*, 9-24.
- Pral, C. (2007). Oportunidade e risco: suporte social e factores psicossociais associados ao fenómeno da delinquência juvenil. Lisboa
- Reicher, S., & Emler, N. (1985). Delinquent behaviour and attitudes to formal authority. *British Journal of Social Psychology*, 24(3), 161-168.
- Rodrigues, A. M., & Fonseca, A. C. D. (2003). *Comentário da lei tutelar educativa*. Coimbra: Coimbra Editora
- Selman, R. L. (1989). El desarrollo sociocognitivo: Una guía para la práctica educativa y clínica. In *El mundo social en la mente infantil*. Alianza Editorial, 101-124.
- Shader, D. (2003). Risk Factors of Delinquency: An Overview. *Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention*, 1-11.
- Sparks, R., Bottoms, A. E., & Hay, W. (1996). *Prisons and the Problem of Order*. Oxford: Clarendon Press.

- Sykes, G. M. (2007). *The society of captives: A study of a maximum security prison*. Princeton University Press.
- Thornberry, T. p., Krohn, M. D., Lizotte, A. J., Smith, C. A., & Porter, P. K. (1998). Taking Stock: An Overview of Findings from the Rochester Youth Development Study. *American Society of Criminology*, 12, 1-53.
- Turiel, E. (1994). The development of social-conventional and moral concepts. *Moral development: A compendium*, 2, 255-292.
- Weber, M. (1947). Legitimate authority and bureaucracy. *Pugh, DS (1997) Organization Theory. Selected Readings*, 3-15.

ANEXOS

ANEXO A – TRANSFORMAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO EM EXPRESSÕES DE CARÁCTER
PSICOLÓGICO DE P1

Masculino

17 Anos

Tempo de Institucionalização: 1 Ano (12 Meses)

Transcrição da Entrevista	Comentário	Unidades de Carácter Psicológico
<p>E: Gostava que me contasses um pouco da tua história de vida antes de seres institucionalizado</p> <p>P1: hm... nasci no Hospital de S.M, moro em L., hmm... a minha história de vida... era traquina, quando era miúdo, ainda sou né, só que já é com cabeça. Era do tipo que...roubei um miúdo com uma faca, foi porque estou aqui no centro educativo</p>	<p>P1 revela que um roubo com faca foi a razão de ter sido institucionalizado; P1 reconhece ainda ser traquina mas, atualmente, com cabeça</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de consciencialização do porquê de estar institucionalizado.</p>
<p>Já consegui melhorar algumas coisas, já estou diferente, que dantes eu tinha alguns problemas que andava também a fumar e isso, e agora já consegui superar, já não fumo, já tou bem, já consegui estabelecer a... a... tipo, como é que eu vou explicar? O relacionamento com a minha família e isso, já estou melhor. Os pais e os irmãos, os 4 irmãos</p>	<p>P1 sente-se superado dos problemas como deixar de fumar e fala no restabelecimento da relação com a família</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de superação e mudança positiva a sua vida.</p>
<p>E: Tinhas uma má relação com a tua família?</p> <p>P1: Sim, principalmente com a minha mãe, não me dava muito bem, tinha alguns desentendimentos e desabafos porque acho que ela não gostava que</p>	<p>P1 mau relacionamento com a mãe por esta não gostar das companhias do filho</p>	<p>Unidade de significado psicológico, onde o P1 revela o relacionamento negativo que</p>

andasse lá com o pessoal e que andasse a fumar e isso, nas más companhias... sim, foi isso		estabelecia com a figura materna.
<p>E: Consideras essas pessoas como más companhias?</p> <p>P1: Pá, agora agora... mais ou menos, algumas, nem todas. Mas sim, algumas era más companhias, influências vá..</p>	P1 considera alguns amigos como má influência	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de consciencialização face às influências negativas.
<p>E: Quando foi a primeira vez que fizeste alguma coisa de errado?</p> <p>P1: Primeira vez, foi mais um amigo meu da zona, a gente na altura fomos a passar ali ao pé de uma estrada e vimos uma casa assim com um quintal grande e uma bola. Isto na altura tinha 9 10 anos e ele virou-se para mim “iih bora lá buscar a bola” e eu saltei primeiro</p>	P1 revela influência do amigo ao fazer o errado	
e depois ele ia a saltar mas o senhor estava a ver veio com uma vassoura e depois agarrou-me né, o meu colega conseguiu fugir depois olha, fui para a esquadra e não sei quê e depois o meu pai foi-me lá buscar. O meu pai ralhou comigo claro, e disse para eu não fazer nunca mais isso, lixou-me a cabeça, bateu-me claro, foi uma cena... pronto...	P1 descreve a primeira vez que foi apanhado pela polícia e, como consequência, o castigo físico e psicológico do pai	Unidade de significado psicológico onde o P1 retrata o seu primeiro delito.
<p>E: O que é que sentiste no momento em que foste para a esquadra pela primeira vez?</p> <p>P1: Foi uma coisa muito estranha, eu não</p>	P1 afirma sentimentos de estranheza por incerteza do futuro ao ser apanhado	Unidade de significado psicológico relacionado com

<p>sabia o que é que me ia acontecer, foi só... foi estranho, porque nunca pensava o que é que era, foi estranho</p>		<p>sentimentos de estranheza face ao desconhecido (prisão).</p>
<p>E: A tua relação com a tua família... com a tua mãe, sempre foi atribulada? P1: Não, eu sempre dava-me bem com ela foi quando eu comecei a fumar, foi os desentendimentos e isso.</p>	<p>P1 revela que o mau relacionamento com a mãe iniciou-se quando começou a fumar</p>	<p>Unidade de unidade psicológico onde P1 revela sentimentos de mudança no seu relacionamento com a mãe quando começou a fumar.</p>
<p>Com os meus irmãos, eramos 14 irmãos ao todo, já faleceram alguns... neste momento ao todo sem contar com os pais somos 6, tenho alguns espalhados por aí a trabalhar e isso. E agora neste momento um irmão que me dê melhor sim, é o meu irmão, que é mais novo, é o R., tem 12 anos, também é traquina, se calhar até é pior (risos) não, mas ele é mais reguila, não é tipo de andar a roubar nem isso, ele é atinadinho e ainda bem</p>	<p>P1 revela que tem um melhor relacionamento com o seu irmão mais novo, afirmando parecido com o mesmo, travesso, mas não no sentido ilegal</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P1 retrata a sua família.</p>
<p>E: Quando é que vieste para aqui? P1: Tou aqui há dois meses e pouco, dois meses e... meio mês. Fui apanhado dentro da escola, na altura aquilo passou-se dentro da escola, o diretor da escola pediu-me para lhe dar a navalha eu dei, depois chamou a polícia né, normal... eles chegaram lá, depois... deixaram-me tar, disseram-me que depois ia ser chamado e</p>	<p>P1 revela há quanto tempo está institucionalizado e como foi apanhado, tendo sido pelo diretor da escola</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P1 revela como foi apanhado.</p>

<p>não sei quê, depois recebi uma carta em casa para ir a esquadra.</p>		
<p>Fui lá, falei com eles, contei o que se passou, o que é que se tinha passado, contei a verdade, porque se não contasse a verdade um colega meu podia ir também para uma instituição, sim... e eu preferi contar a verdade. Porque acho que ele já tinha alguns processos e não tinha pais para o segurar então às vezes também faltava as aulas e isso e já tava prestes a ir para uma instituição, tinha mesmo que ser feito. Depois fui lá e tal e depois comecei a receber cartas para ir a tribunal, depois olha...</p>	<p>P1 afirma ter preferido contar a verdade quanto ao sucedido no momento em que foi apanhado por não querer que o seu amigo fosse igualmente institucionalizado</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de companheirismo para com um dos seus amigos.</p>
<p>E: E o tribunal, como é que correu?</p> <p>P1: Senti-me estranho né, claro... Primeira vez que fui a tribunal, olha...</p>	<p>P1 revela sentimentos de estranheza na primeira vez que foi a tribunal</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de estranheza.</p>
<p>E: Tiveste medo do que podia acontecer?</p> <p>P1: Não, nunca tive medo, às vezes ficava com um bocado de receio de... mais ou menos, tipo, não sei... se calhar se se apanhasse medida como é que era, nunca passei por isso, ainda por cima eu que só gostava de andar na rua, gostava da minha liberdade né, pronto. Passava pouco mesmo em casa, era só praticamente, as vezes tava um bocadinho com a família mas maior parte das vezes eu queria era</p>	<p>P1 afirma não ter tido medo mas reconhece receio pela incerteza do futuro e pela retirada da sua liberdade, afirmando que desde que pequeno que nunca foi ligado à sua família mas sim à sua liberdade</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de falta de liberdade face à sua personalidade e destemido perante o que acontecesse.</p>

<p>estar na rua a brincar, normal né</p>		
<p>E: E qual é que foi a pena que te foi atribuída? P1: Foi pena de um ano, está quase E: E o que sentiste no momento que te disseram? P1: Pronto fiquei... assim... meio em pânico, excitado, maneira de dizer né, fiquei estranho e porque eu não sabia como é que ia ser isto, como é que ia ser as regras aqui... não sabia, eu pensava que isto ia ser como se fosse uma casa do gaiato né,</p>	<p>P1 revela o tempo de institucionalização a que foi condenado e sentimentos de pânico, excitação e estranheza pela incerteza do futuro</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de pânico, excitação, estranheza e incerteza no futuro no momento em que foi condenado.</p>
<p>e depois faltava-me um dois meses e eu vim cá saber como é que era isto, se era preciso trazer roupa não sei quê, depois eles disseram que já não me podiam deixar sair porque depois como é que era se eles me deixassem sair e eu já não quisesse voltar, como é que era a situação deles irem ter a tribunal “ele já teve cá mas deixamos o ir para trazer...não sei...para depois vir mais tarde” não é. Depois tava assim uma janela, assim e eu olhei para a janela e pensei “ih vou perder a minha liberdade” não sei quê, fiquei estranho, depois comecei a chorar né. Foi assim uma coisa muito... muito estranha.</p>	<p>P1 revela sentimentos de enorme estranheza, de perda de liberdade e de extrema tristeza por ficar imediatamente institucionalizado mas mostra compreensão pela mesma</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza e falta de liberdade.</p>
<p>E: E já saíste alguma vez daqui? P1: Sim já, porque eu sou do regime aberto, às vezes vou a casa porto-me bem e isso. Fiquei a passar fim de semanas, por exemplo se correr bem durante as</p>	<p>P1 revela que ao ter um comportamento razoável pode ir a casa durante o período de institucionalização</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de</p>

<p>semanas eu aos fins-de-semana posso ir a casa e tar no fim-de-semana. Por exemplo se eu tivesse hoje ou amanhã, ou na quinta-feira dois 2 na participação já não ia a casa. E por acaso correu tudo bem, tenho que me portar bem né.</p>	<p>e que tem tido um bom comportamento</p>	<p>consciencialização.</p>
<p>E: Como foi a primeira noite aqui? P1: Eish... foi horrível mesmo. Foi... porque eu fiquei no quarto, fechado, só com uma janela pequena para respirar hm... e olha é assim. Senti-me mal mesmo. É mau.</p>	<p>P1 descreve a primeira noite no Centro Educativo como experiência traumática acompanhada de sofrimento físico e psicológico</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de horror.</p>
<p>Mas depois passei para um quarto normal, normal que é aqui num Centro Educativo né, com uma janela que dá para abrir e não sei quê. Senti-me melhor, todos os quartos aqui são sozinhos. É por corredores e cada um tem o seu quarto. Podia ser pior... é assim.</p>	<p>P1 revela sofrimento atenuado por se encontrar, posteriormente, num quarto com maior liberdade</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de conformação.</p>
<p>E: Como te habituaste a ficar aqui? P1: Ao longo do tempo né, a gente mete na cabeça que temos que cumprir e não há outra solução, e olha é assim, temos que cumprir e temos. Temos que deixar andar, para ver como é que é. Deixei andar, foram-se passando tempos e tempos,</p>	<p>P1 revela conformação pela institucionalização e pelos seus hábitos</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de habituação.</p>
<p>até que chegou ao quarto mês, passei de fase e fui a casa, um dia. Foi a primeira vez que fui a casa. É três meses para passar de fase, 3-2-2, isto é 4 fases. Eu passei quatro meses, não foi injusto, mas</p>	<p>P1 revela sentimentos de injustiça, bem como sofrimento psicológico próprio e da sua família, por</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de</p>

<p>também não foi justo, foi, ao terceiro mês eu era para ir a casa e na semana que eu ia a casa um colega meu pediu-me uma bolacha e a regra aqui é que a gente não pode dar nada sem a autorização do adulto, e eu desconhecia a regra né, tava cá há pouco tempo, três meses, fui dar uma bolacha a um colega meu e o adulto disse que ia ter uma participação, tinha que lhe ter ido perguntar né, depois já não fui a casa. Fiquei triste, a minha família também, mas prontos... passou-se, depois na semana a seguir portei-me bem, consegui ir a casa. Não fiquei revoltado comigo porque se fosse hoje eu voltaria a fazer, não recusava... mas, eu não percebo a regra... é estranho, como é que eu não vou dar uma bolacha a um colega meu né, mas prontos, é assim...</p> <p>E: O que é que mudarias, em regras?</p> <p>P1: Muitas coisas, muitas regras até mas se calhar... até é bom, não sei, é tudo estranho não consigo explicar. Tudo tudo não, algumas coisas, algumas regras e... e funcionamento, como este exemplo...</p>	<p>uma regra que não o permitiu sair do Centro no tempo planeado. P1 ainda, em resposta à pergunta do entrevistador sobre a alteração de regras no Centro refere nomeadamente a anteriormente descrita</p>	<p>injustiça e estranheza face às regras da Instituição.</p>
<p>E: Sentes que a tua família ou os teus amigos tem influência sobre ti?</p> <p>P1: hm... se calhar foi mais pelos amigos que sou assim, claro... sim, foi mais por os amigos. Por exemplo, a gente olha “ei quero ser como ele” não sei quê, e acho, tipo a gente pensa “vou ser pior que ele”, ou melhor, depende do que vai na cabeça</p>	<p>P1 revela sentir ter sido influenciado pelos seus amigos na sua maneira de ser, olhando para os mesmos como uma competição apesar de afirmar que ser</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de competição e influência que os amigos tinham</p>

de cada um. Eu às vezes até pensava “vou fazer pior que ele” não sei quê, ou mais tarde o melhor e não sei quê, pronto, e era assim	influenciado depende de cada pessoa	sobre si.
E: Se fosse agora, mudarias alguma coisa do que fizeste? P1: Da minha infância...sim, porque não pensei nas consequências que tinha ao fazer o que fiz. Mudava também quando comecei a consumir, isso eu mudava. Consumia haxixe cannabis... com os meus amigos frequentemente.	P1, após questionado pelo entrevistador, mostra arrependimento no seu comportamento na infância e descreve o seu consumo de drogas, mostrando igualmente arrependimento	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de consciencialização e arrependimento face ao seu comportamento e consumo de drogas.
E: O que é que o haxixe e cannabis te faziam sentir? P1: Não sei explicar bem, não sei, sentia-me bem porque ao princípio a gente ficava assim tipo sempre contentes e... e sempre a brincar, qualquer coisa levávamos sempre a brincar nunca levávamos nada a sério (silêncio reflexivo) como é que eu vou dizer? É estranho né,	P1 descreve sentimentos consequentes ao consumo de droga como estranheza, contentamento e despreocupação	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de estranheza face ao consumo de droga.
mas na altura a gente não tem cabeça “ah se os outros fumam a gente também vai fumar e não sei quê”, é assim, coisas de miúdos. Não era viciado viciado, mas se eu não viesse cá para dentro também não conseguia deixar. Comecei com 7 anos mas tive paragens, porque comecei a jogar a bola e isso afastou-me mas depois voltei	P1 reafirma a influência de outros para o consumo de drogas e revela que foi o Centro que o fez abandonar o consumo	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de influência negativa dos amigos e gratificação por

<p>outra vez, por causa de andar com os meus colegas, eles fumavam... depois aí um dos meus irmãos, alguns também fumavam e isso, depois olha, eu cabeça leve ia atrás, pronto...</p>		<p>estar no Centro.</p>
<p>E: E mais sobre a instituição, como te relacionas com as pessoas daqui?</p> <p>P1: Dou-me bem, algumas dou-me melhor que outras né, normal. Amigo amigo não posso dizer que são né, mas conhecidos e com mais apoio né, sim, um ou outro tenho com quem me costumo dar mais</p>	<p>P1, após questionado pelo entrevistador sobre o seu relacionamento com as pessoas no Centro, afirma não intitular de amigos mas reconhece o seu apoio e companhia</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de apoio que sente dentro da Instituição</p>
<p>E: E sobre o teu dia-a-dia, conta-me um pouco</p> <p>P1: Por exemplo , quando a gente tem aulas né cada um vai para a sua turma, cada um vai ter as suas aulas. Depois quando acaba à segunda-feira não há Chapitô porque a gente tem Chapitô durante a semana, à segunda-feira é o único dia que a gente não tem, vamos para o Centro Lúdico né, porque a gente tem uma área que tá uma mesa de ping pong, tem os matraquilhos, temos uma playstation. No Chapitô aprendemos a pintar, a fazer rap, a... na capoeira, aprendemos a capoeira, a fazer capoeira, aprendemos circo. Eu gosto muito de capoeira, é o que eu tenho feito, praticado agora, desde que cá tou. E também há os... os aéreos, que é nos panos. A gente</p>	<p>P1 descreve a sua rotina diária no Centro como dias de aprendizagem e lúdicos, refere preferência pela capoeira e afirma que as aulas são como fora do Centro</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de aprendizagem dentro do Centro</p>

<p>faz isso. Depois também temos aulas aqui, de português e assim, normal como lá fora...</p>		
<p>E: Como te sentes nas aulas? P1: eu lá fora não ia às aulas né, aqui sou obrigado, tenho que ir, mas olha, tem que ser, já meti na cabeça que tenho que ir né, não posso fazer nada...</p>	<p>Após questionado pelo entrevistador, P1 revela conformidade quanto à presença nas aulas pois são obrigatórias e afirma que fora do Centro não marcava presença nas mesmas</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de conformidade na sua presença nas aulas</p>
<p>E: Tentavas faltar aqui também, no início? P1: Se calhar era mais ao contrário, agora é que tentava faltar, sim porque no início é tudo novo, tamos mais dentro da situação né... agora é que vai, digamos, descambando um bocadinho, já tamos fartos nesta altura. É mais solto, ta quase a chegar a minha altura de sair, é mais por causa disso né. Mas percebo porque é importante ter as aulas, é normal, é para a gente aprender, é para o nosso futuro, é bom porque é para o nosso futuro, depois a gente temos um trabalho bom, um trabalho digno.</p>	<p>P1 revela que, com a iminência da sua saída, o desleixo pelas aulas evolui e que no início da sua institucionalização sentia tudo como novo. P1 reconhece ainda a importância da sua presença nas aulas para a sua aprendizagem, para o seu futuro e para obter um trabalho digno</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desleixo com a iminência da saída do Centro e sentimentos de novidade aquando a sua entrada</p>
<p>E agora, quando sair daqui vamos ter Chapitô, e há também outro atelier que é o contador de histórias que é o fontinha, que é uma pessoa muito... muito... como é que eu vou explicar? Muito conhecida lá foram, um contador de histórias, que é um</p>	<p>P1 continua a descrição da sua rotina diária no Centro e a sua preferência pela capoeira. P1 relata</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de estranheza e</p>

<p>atelier também de Chapitô. O que mais gosto agora é a capoeira, neste momento. Depois do Chapitô vimos para a unidade, vimos tomar banho, por volta das 7h, tomamos todos os dias banho, por volta dessa hora... vimos para baixo, depois há fascinas. O fascina do almoço mete a mesa, ou do jantar, mete a mesa. Jantamos, almoçamos, né. Depois há a reunião, a reunião da unidade, por volta de uma hora e meia, uma hora, falar, como correu a nossa manhã, o nosso dia, e fala cada um, é um bocado estranho mas é assim, também já tou habituado né. Era mais vergonha no início, falamos ao pé de pessoas que não conhecemos e já falo mais abertamente. A gente quando diz é mesmo, para o mal e também dizemos o bem ou ao contrário e vice-versa.</p>	<p>como funciona a reunião da unidade e revela sentimentos de estranheza e habituação pela mesma, afirmando que inicialmente sentia vergonha e que atualmente fala com mais à-vontade por ter um maior relacionamento com as pessoas do Centro</p>	<p>vergonha pela reunião da unidade no Centro inicialmente e sentimentos de habituação com a evolução do seu relacionamento com as pessoas no Centro</p>
<p>E: Correm mais coisas bem ou mal? P1: Normalmente correm sempre coisas bem, mas às vezes há aqueles dias de moleza que não nos apetece fazer muito ou temos negativa por causa de uma situação ou outra, é depende, é dias né.</p>	<p>Após ser questionado pelo entrevistador, P1 revela que é mais habitual as coisas no Centro correrem bem do que mal, apesar de reconhecer que por vezes existem notas negativas por determinadas situações, como não ter vontade de fazer algo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos maioritariamente positivos no Centro, apesar de reconhecer existirem sentimentos negativos</p>
<p>Depois a seguir à reunião, por exemplo se</p>	<p>P1 revela que recebe</p>	

<p>for ao jantar, a seguir à reunião tomamos o reforço que é as nossas, tipo a gente tem uma caixa com as nossas coisas que a gente traz de casa, tipo bolachas, sumos ou leite... fazemos um reforço né e... depois desse reforço podemos ir tipo jogar, ver televisão, jogar cartas outra cena de mesa, jogar damas, ou até play que a gente tem lá a play, é assim... e depois por exemplo quem é da segunda fase deita-se às nove, quem é da terceira, não, é assim, quem é da primeira fase deita-se às nove, que já passou... por exemplo quem é da primeira fase e tá cá há pouco tempo há um mês, ainda antes de um mês, deita-se às oito horas, quem é da primeira fase e já tá cá há dois meses e tal, três vá, ou dois meses, já se deita às nove horas, e quem é da segunda fase, que é passando entre três e quatro meses, quem é da segunda fase deita-se às nove e meia e quem é da terceira fase deita-se às dez, ou às dez e meia. Por exemplo às dez que é nos dias de semana e às dez e meia que é a partir de sexta e sábado né, sábado a noite sim, que é os dias que a gente se pode deitar mais tarde.</p>	<p>de casa um reforço de alimentação noturno e continua a descrição da sua rotina diária no Centro, bem como a diferença de horários consoante o tempo de institucionalização de cada jovem</p>	
<p>Lá fora deitava-me sempre tarde né, às vezes se fosse preciso fazia diretas, para tar cm os colegas. No inicio aqui foi mau né, não conseguia dormir e depois era a comida, a comida era diferente, o sabor da comida que era diferente, do da nossa mãe</p>	<p>P1 revela que, como fora do Centro o habitual era não dormir para socializar com os seus colegas, dentro do Centro</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de insónias e</p>

<p>né. É diferente, não comia só comia era o pão e a maçã, ou um doce que levava, a sobremesa só comia isso, de resto não conseguia comer, punha uma duas colheres à boca e já não comia mais, mas eu depois comecei-me a habituar né, hoje em dia já como bem.</p>	<p>tornou-se difícil dormir, juntamente com sofrimento psicológico. P1 relata ainda que pela diferença dos alimentos da sua mãe para os alimentos do Centro, inicialmente não comia mas, a seu tempo, começou a habituar-se e a alimentar-se bem</p>	<p>sofrimento psicológico inicialmente e sentimentos de habituação progressivos</p>
<p>E: Do que sentias mais falta inicialmente? P1: O que é que eu sentia mais falta? Conseguir reconquistar como eu dava-me com a minha mãe, tipo, a confiança dela e... e conseguimos, como é que eu hei-de dizer? Reconciliar sim, com ela. Conseguimos, aos poucos e poucos fomos conseguindo, mas começou a melhorar desde que vim para aqui, porque antes de entrar eu fumava também, e uma das grandes sortes que eu tive quando entrei foi não me dar aquela ansiedade de fumar, quando tava fechado no quarto, foi uma das grandes sortes, porque eu pensei que... que fosse ter algum comportamento agressivo por causa disso tá a ver? Por falta de tabaco ou de droga, e por acaso tive sorte, não me deu ansiedade nem nada.</p>	<p>Após questionado pelo entrevistador do que mais sentia falta, P1 revela que conseguiu ganhar a confiança com a sua mãe progressivamente e com a ida para o Centro. P1 revela que esta reconciliação se deu devido ao abandono do consumo de droga e de tabaco, aliado ao facto de afirmar que teve sorte por não ter qualquer ansiedade por esse abandono acontecer abruptamente</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos gratificação com o Centro</p>

<p>E: E qual foi o episódio “mais fora” que tiveste aqui?</p> <p>P1: O episódio mais fora? Iih. Mais fora... foi porque tava, agora há uns dias, estava a desligar a play e virou-se um adulto “vá, é para desligar a play que é para subir”, para a gente ir dormir né, e a gente virou-se “espere aí oh senhor, ta quase a acabar o jogo, nem um minuto falta, ta deixe-me lá acabar” e o senhor virou-se “ai não”, pumba desligou a play, e eu virei-me “ei este cota é mesmo burro”, assim... claro que o senhor levou a mal né, e depois deu-me uma participação</p> <p>E: Qual foi a participação?</p> <p>P1: Foi um...não, sim, na altura foi dois 0, levei dois 0 por causa disso. Depois fiquei um dia no quarto, porque, isso foi g para tribunal... mas está tudo a correr bem. Foi estranho, foi o único, já levei participações né, mas nunca, mas nunca tive que ficar mais dias no quarto. Foi estranho, passou lento, devagar, o tempo... parecia que nunca mais passava.</p>	<p>P1 revela um episódio dentro do Centro que falou mal de um técnico e reconhece a sua atitude errada, da qual consequentemente levou uma participação negativa 0 e ficou fechado no quarto, onde revela ter sentido estranheza e o tempo a passar bastante mais lentamente</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de reconhecimento de mau comportamento no Centro e sentimentos de estranheza e demora quanto ao castigo aplicado</p>
<p>E: E um episódio que tiveste alguma contenção, pensaste que querias fazer e não fizeste?</p> <p>P1: Se calhar tive algumas...ou se calhar, tipo, às vezes não queremos brincar e estarmos mais reservados, tipo um dia que não acordamos bem e um colega tá a querer brincar connosco né, e se calhar ter</p>	<p>P1 revela episódios generalizados de contenção na qual pensava que era desnecessário ter uma má atitude, enquanto que, antes de ir para o Centro, era bastante</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de contenção e reflexão no Centro</p>

<p>aquele pensamento “bem vou vou-me chatear com ele, e pensar duas vezes e não vale a pena” e antes não, não, era reativo, era muito reativo dantes. Não pensava nas consequências que eu podia ter, era mesmo o “oh ai oh ai”</p>	<p>reativo e não pensava nas consequências dos seus atos</p>	
<p>E: O que te fez mudar aqui dentro? P1: Às vezes também é por causa das regras né, que isto aqui é um bocado rigoroso né... e também com a ajuda dos adultos, ver, que as situações dos nossos dias-a-dias que a gente vai aprendendo, o que a gente pode ou não fazer. É assim, é um pouco, um pouco de tudo né</p> <p>E: Sentes que não tinhas regras lá fora? P1: hm... sim, acho que sim, não tinha. Era mesmo o “oh ai oh ai, seja o que Deus quiser”, era mesmo assim.</p>	<p>Após ser questionado pelo entrevistador, P1 revela que as regras existentes no Centro e a ajuda de adultos em distinguir o certo do errado ajudaram a mudar a sua maneira de reagir. P1 reitera que fora do Centro não tinha qualquer tipo de regras</p>	<p>Alteração da unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos face às regras do Centro.</p>
<p>mas agora falta um mês e treze dias, não conto dia a dia mas porra porque eu saio a 22 de Julho e faço as contas assim por alto chego logo lá, tá quase, tá a passar rápido. Ao princípio estava a custar né, primeiro mês é um bocado difícil e a partir daí é sempre a andar, não pensar muito que há-de chegar o dia de sair e é assim</p>	<p>P1 faz as contas para a sua saída do Centro e revela que, apesar de no início a dificuldade e sofrimento serem elevados, com o passar do tempo habituou-se e não dá pelo tempo passar</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de sofrimento psicológico inicialmente e sentimentos de habituação progressivamente</p>
<p>E: Sentes que foi justa a condenação? P1: Sim foi, até podia ser pior né. Quer dizer, também podia ser melhor não sei, pá não sei</p>	<p>P1 reconhece a justiça da sua medida mas de seguida mostra certa ambiguidade face à</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com</p>

	mesma	sentimentos de ambiguidade face à justiça da mesma
<p>E: E quando saíres o que vais fazer?</p> <p>P1: Quando sair? Quando sair eu queria arranjar um trabalho né, ou então continuar na escola mas eu não gosto muito de escola, sempre o disse quando entrei. Era mais arranjar um trabalho na minha área que é na jardinagem que eu tou a tirar um curso aqui de jardinagem e tou a gostar, ta a correr bem, já tou validado nos módulos todos, já fiz e gostava, gostava de sair e de poder ter trabalho lá fora que goste né? Às vezes quando estamos aqui na horta a trabalhar, se for uma coisa que eu tou interessado, o tempo passa muito rápido, a gente nem dá conta pelo tempo.</p>	<p>Quando questionado sobre as suas perspetivas de futuro, P1 revela o desejo de trabalhar na sua área de jardinagem, curso que está a finalizar no Centro, e reitera o seu desejo de trabalhar no que gosta pois assim, como experiencia quando trabalha na horta do Centro, não dá conta do tempo passar</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a perspetiva de futuro</p>
<p>E: Foste tu que escolheste o curso?</p> <p>P1: Não, há o curso de jardinagem, há o curso de cozinha... há de hoteleira, de hotelaria né, e... e que é o secundário que é de educação física que é o curso de ginástica e... por exemplo, eu não podia escolher nenhuns porque só vinha como o quinto ano lá de fora, ainda não... por exemplo, se eu já viesse com o curso, por exemplo se já viesse com o sexto ano de lá de fora eu já podia escolher entre o de cozinha, aprender a cozinhar e isso, e hoteleira, hotelaria. Que eram os únicos dois, por exemplo, como eu só venho com</p>	<p>P1 afirma que não teve opção de escolha no curso tirado dentro do Centro pois não tinha escolaridade suficiente para a mesma, reitera o gosto pelo curso de jardinagem e revela que, desde tenra idade que trabalha no campo pois o seu pai tem um terreno e ajudava-o</p>	

<p>o quinto ano feito, só consegui tirar o curso de jardinagem porque os outros já são equivalência, o de cozinha e o de hotelaria é equivalência ao nono ano e o secundário o secundário, 12º ano. Já era puxado, como eu não tinha escolaridade para isso foi a jardinagem, que eu também gosto, é uma área que eu gosto, sempre trabalhei no campo, desde pequeno, sempre trabalhei quer dizer né, ajudava o meu pai lá na horta, hmhm. O meu pai tem um terreno, assim um terreno grandalhinho e às vezes trabalhamos lá.</p>		
<p>E: E falas com a tua família sobre a tua vida aqui?</p> <p>P1: Sim eles perguntam-me, às vezes.. em tempos tantos né, ao principio “ah como é e.. e como é que tu tás?” e não sei quê “tás a conseguir?”, “aquilo é difícil?” não sei quê “como é que aquilo é?” tipo a querer saber como é isto aqui. A gente por exemplo, às segundas, quartas, e quintas era os dias de eu fazer chamada, de fazer e receber. Por exemplo, fazia hoje, vá fazia, fazia na segunda, sim fazia na segunda-feira e recebia na quarta e depois fazia na quinta e recebia no sábado, era assim que eu fazia... Ao princípio comecei mais a ligar para o meu pai porque não tinha assim tanta confiança com a minha mãe, não me dava muito bem e com o passar do tempo já já, é igual, ligo um dia para um e outro dia para outro, faço assim, tem que</p>	<p>P1 afirma que a sua família tem curiosidade pela sua vida dentro do Centro e revela que tem dias alternados para fazer e receber chamadas telefónicas. P1 revela ainda que inicialmente conversava maioritariamente com o seu pai mas que, com o crescer do relacionamento e confiança com a sua mãe os telefonemas tornaram-se intercalados entre os dois</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de crescimento no relacionamento com a sua mãe</p>

ser.		
<p>Sentia muitas saudades da minha família, de conviver com eles, de sentir o carinho né, e amor hm... de brincar com os meus irmãos, de sair com a minha irmã para a noite, para uma festa, discoteca ou assim. A minha irmã mais velha agora lá de casa que tem vinte anos, vinte e um. Às vezes saíamos, íamos para festas lá ao pé de nós ou uma discoteca ou isso</p>	<p>P1 revela sentir saudades da sua família, do amor e carinho que sentia, das atividades lúdicas com os seus irmãos e do convívio social e saídas noturnas que tinha com a sua irmã</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de saudade da sua vida fora do Centro</p>
<p>E: Sentes que agora dás outro valor à tua família?</p> <p>P1: Desde que entrei para aqui sim, tou a começar a dar valor e... acho que, como é que eu lhe vou explicar, se calhar tou-me a tornar numa outra pessoa aos poucos e poucos, já sei o que é que eu quero, antes não sabia o que é que eu queria, já tenho outra mentalidade, já cresci um pouco né, como se diz... Antes era muito criança, agora já tou mais concentrado hm... já tenho outros planos, outros objetivos. Antes o objetivo era o que acontecer hoje é o que acontecer olha, era assim...</p>	<p>P1, quando questionado pelo entrevistador, revela que, desde que entrou para o Centro, valoriza mais a sua família e que está progressivamente a crescer no que toca aos seus desejos, à sua mentalidade, concentração, planos e objetivos</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de valorização familiar e de crescimento na sua mentalidade, concentração, planeamento e objetivos no Centro</p>
<p>E: Continuas a manter contacto com os teus amigos lá de fora?</p> <p>P1: Sim, isso eu, até hoje a minha mãe diz e... e os meus pais, a minha mãe e isso diz-me para deixar de me dar com eles e eu digo hm... nunca vou deixar de falar a eles, isso nunca vou deixar, porque desde pequeno que eu falo com eles, brinco com eles e fiz algumas coisas com eles né, não</p>	<p>P1 revela que, apesar da insistência da mãe em abandonar os seus amigos, afirma que vai sempre permanecer em contacto com estes, mesmo que em menor quantidade. Quando</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de capacidade para não seguir a mesma influência</p>

<p>é agora que eu vou deixar. Posso-me dar menos com eles mas não tar tipo diariamente com eles né, uma vez ou outra “então tá tudo bem?” não sei quê, tar um bocadinho com eles, conversar e depois seguir a minha vida, isso assim sim, agora... tar sempre com eles e isso não, isso aí já não.</p> <p>E: Achas que és capaz de não seguir a mesma influência?</p> <p>P1: Sim porque eu já meti uma coisa na cabeça e que, por exemplo, eu meti uma coisa na cabeça que era não fumava mais, não vou fumar mais, vou seguir, vou tentar seguir,</p>	<p>questionado pelo entrevistador se será capaz de não seguir a mesma influência P1 responde de forma explicitamente afirmativa e exemplifica com o abandono do consumo de drogas e tabaco</p>	
<p>tentar fazer a minha carreira tipo eu, o meu sonho é ser um jogador de futebol né e prontos, tá tudo a encaminhar-se pa lá, agora vamos lá ver se vai correr bem, aos poucos e poucos tá. Eu não me quero tar a gabar (risos) mas jogo bem, jogo mais-ou-menos, jogo bem. A gente ou nas férias ou de fim de semanas joga à bola. Ainda quarta, quarta, sim acho que foi quarta, quarta-feira que passou ou que é que foi, não foi quarta foi outro dia, fizemos aqui um mini torneio que era a uma unidade, a minha unidade contra a outra unidade e depois contra os adultos, adultos daqui né. Jogámos, as raparigas também podiam né, mas as raparigas é as monitoras, sim, fizemos olha correu tudo bem ninguém se aleijou né hm... ganharam os adultos</p>	<p>P1, novamente quanto à sua perspectiva de futuro, afirma fantasiar ser jogador de futebol, afirmando jogar bem. P1 revela ainda um episódio que encara como positivo dentro do Centro onde participaram tanto os jovens institucionalizados como os técnicos, monitores e professores e afirma ter-se sentido contente, divertido e o seu dia preferido</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos face ao Centro</p>

<p>(risos) mas foi um bom jogo. Gostámos, divertimo-nos, jogámos a bola depois fomos para a piscina que foi o dia, inauguramos nesse dia a piscina também, fizemos um nini banquete né, almoçamos todos juntos com professores e tudo, correu tudo bem. Um dia bem passado no Centro Educativo, foi o melhor dia até hoje que eu passei aqui. Foi um dia de diversão, correu tudo bem</p>	<p>dentro do Centro</p>	
<p>E: E o pior dia que passaste no Centro? P1: O pior dia foi o do quarto, foi dos piores dias da minha vida foi mesmo estar fechado num quarto, sem ter liberdade, sem me poder mexer entre aspas né, não poder, por exemplo ir a casa de banho sozinho ou ver televisão e isso. Não foi possível né, mas olha tem que se olhar para a frente, para a frente é que é caminho! Senti que estava numa prisão e não num Centro Educativo acho que posso dizer que sim, senti... que tava fechado mesmo... mas prontos olha, já passou. E claro que o meu objetivo é também nunca mais voltar aqui claro, isso claro, tenho a certeza que sim, tenho a certeza, nunca mais vou voltar.</p>	<p>P1, quando questionado sobre o seu dia mais negativo no Centro, afirma não só ter sido o pior dia no Centro, como um dos piores na sua vida, quando fechado no quarto, ao sentir-se privado de liberdade e qualquer autonomia. Revela ter-se sentido aprisionado e enclausurado. P1 revela ainda que o seu objetivo e certeza são não voltar mais aos sentimentos consequentes a esse episódio</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos e de aprisionado quando relata o seu dia mais negativo no Centro</p>
<p>E: E agora que estas quase a sair, como te sentes? P1: Iih, tou em pulgas, ansiedade... tar</p>	<p>P1 revela ansiedade pela iminência da saída do Centro e por</p>	<p>Unidade de significado psicológico</p>

<p>mais tempo ca família, que agora tenho passado né. Jogar a bola, cada fim-de-semana que vou a casa vou jogar à bola mais o meu cunhado...</p>	<p>estar mais tempo com a família</p>	<p>relacionado com sentimentos de ansiedade face à saída do Centro</p>
<p>Mas levo daqui muita coisa, aprendi muita coisa aqui. Uma delas foi aqui a jardinagem, outra é a reação, de como me devo dirigir às pessoas hm... fui educado aqui também, várias coisas mesmo. Deixe-me tentar lembrar de mais, interação com os colegas né, como respeitar os meus colegas. Mais... aprendi também que a família é tipo tudo para nós, é tudo para mim né. É uma coisa muito boa e que só temos uma vez na vida né, hm hm! É assim...</p>	<p>P1 confessa que a passagem pelo Centro fê-lo aprender bastante, educou-o, ajudou-o na maneira de como se relacionar e interagir com o outro, como respeitar o outro e a valorizar a família. P1 revela sentimentos de gratificação perante o Centro Educativo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação face ao Centro e de evolução no respeito e na interação com o outro</p>
<p>E: Sentes que desiludiste a tua família? P1: Sim, muito mesmo, mas agora vou tentar recuperar isso, tentar recuperar a confiança, conquistar, tou a conseguir aos poucos. Por um lado agradeço ter vindo para aqui, porque foi muito bom para mim, perdi vícios, perdi aquela maneira de eu falar arrogante e mal-educada. Mal-educada... não é aquele mal educado né “ah não quero saber” não sei quê “largame”, era mais por aí. Sim agora já mudei, já estou diferente.</p>	<p>P1, quando questionado pelo entrevistador, reconhece que foi uma desilusão para a sua família e admite a atual tentativa de recuperar a sua confiança. P1 reitera ainda que a gratificação que tem pelo Centro que fez mudar a sua perspectiva, os seus vícios e o fez mudar enquanto pessoa, não</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de arrependimento e consciencialização</p>

	sendo já arrogante nem mal-educado	
<p>Acho que isto vai ficar para sempre, não vou deixar de ter estas recordações más e boas né, isso vai ficar sempre, cá na memória. E hei-de contar isto aos filhos e netos, se tiver, hei-de contar!</p> <p>E: Com que objetivo?</p> <p>P1: Com o objetivo de eles não fazerem e tipo terem já uma ideia do que é e mantê-los informados, não vale a pena fazer porcaria né que isso não nos leva a lado nenhum e... assegurar né melhor o estilo de vida que eles possam levar. É mais por aí</p>	<p>P1 revela que a experiência de institucionalização no Centro Educativo ficará para sempre na sua memória e que irá contar a mesma aos seus filhos e netos com o objetivo de mostrar que não vale a pena a delinquência e assegurar o melhor estilo de vida possível</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de extrema importância face à sua passagem no Centro</p>

ANEXO B – TRANSFORMAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO EM EXPRESSÕES DE CARÁCTER
PSICOLÓGICO DE P2

Feminino

19 Anos

Tempo de Institucionalização: 2 Anos (24 Meses)

Transcrição da Entrevista	Comentário	Unidades de Carácter Psicológico
<p>E: Gostava que me contasses um pouco da tua história de vida antes de seres institucionalizado</p> <p>P2: Vivia com a minha mãe, com o meu pai e com as minhas irmãs hm... depois as minhas irmãs mais velhas foram-se, foram viver sozinhas e eu fiquei com a minha irmã mais nova e com os meus pais, sempre! Depois o meu pai também viajou para a Holanda, Amsterdão, tráfico de droga e foi apanhado. Teve três anos também, quando eu tinha treze anos, catorze, tenho agora dezanove... E pronto, e quando ele foi para lá, e foi um bocado a ausência dele também que fez com que as coisas acontecessem de outra maneira, de eu ter faltado mais às aulas e essas coisas todas.</p>	<p>1 - P2 conta que vivia com o seu agregado familiar completo até as irmãs viajarem e o seu pai ser detido por tráfico de droga, detenção esta que diz ser o motivo da sucessão de acontecimentos da sua vida e da sua ausência nas aulas</p>	<p>1 – 3 - Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de influência do seu pai para o seu comportamento</p>
<p>E: Ficaste muito afetada com a detenção do teu pai?</p> <p>P2: Um bocadinho porque eu era próxima dele, muito próxima dele. Sempre protegi demasiado muito a minha mãe, mas também gostava muito</p>	<p>2 - P2 afirma ter um maior relacionamento com a sua mãe mas um carinho especial também pelo pai e reitera que 3 - o motivo</p>	<p>2 - Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos de</p>

<p>dele e pronto... depois ele, depois foi aí que comecei, que ia para as aulas e fui ao colombo onde conheci lá algumas raparigas, foi a partir daí que comecei a faltar mais às aulas e a não ligar a escola, não ir a escola sequer, dizia a minha mãe que ia e não ia, ia para o colombo e ficava lá com elas a fumarmos, foi aí que eu também experimentei... e coisas assim! Parece que foi tudo ao mesmo tempo porque eu conheci elas nesse mesmo tempo que isso aconteceu, ou seja, foi a unção das duas coisas.</p>	<p>da ausência nas aulas, as mentiras à sua mãe e o consumo de tabaco e drogas, juntamente com as novas relações de amizade foram devido à detenção do seu pai</p>	<p>relacionamento com a sua mãe</p>
<p>E: O que sentiste quando soubeste que o teu pai tinha sido detido? P2: Quando soube do meu pai fiquei triste, magoada, não estava a espera, não estava a espera que isto fosse acontecer, nem sabia sequer que ele fazia essas coisas. Fiquei desiludida, um bocadinho... Depois ele foi para...para... depois quando ele voltou as coisas mudaram completamente porque já tava na má vida, já andava a roubar e isso tudo</p>	<p>4 - Após ser questionada pelo entrevistador P2 revela sentimentos de tristeza, de surpresa e ter ficado magoada com a detenção do pai e afirma que após a detenção as coisas a sua relação era diferente pois já havia iniciado a cometer roubos</p>	<p>4 - Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza e surpresa com a detenção do seu pai e mudança de relacionamento com o mesmo</p>
<p>E: Conta-me um pouco da evolução dessa má vida P2: Foi... começamos a ir ao bairro alto e sair a noite no bairro alto, depois passávamos... isso do dinheiro que a minha mãe me dava para outras coisas mas eu dizia que ia dormir a casa de</p>	<p>5 - P2 relata como iniciou a vida delinquente com amigas foragidas das respetivas instituições e como mentia à sua mãe pois anteriormente era</p>	<p>5 - Unidade de significado psicológico relacionado, onde P2 rela como iniciou a delinquência e</p>

<p>uma amiga minha, ela confiava em mim. Antes era bastante responsável e atinada. Depois de tar com ela, com o dinheiro que a minha mãe me dava, porque elas não tinham dinheiro porque estavam fugidas de colégios também e quando a gente não tinha dinheiro a gente começou a roubar, a vermos raparigas na rua e a fazer mal a elas e isso. Não me lembro da primeira vez, foram tantas, mas foi por isso que tou aqui, por roubar e fazer mal às pessoas na rua...</p>	<p>responsável e esta confiava nela</p>	<p>consciencialização do porquê de estar institucionalizada</p>
<p>E: O que é que sentias? P2: Sentia-me protegida por elas, essa era a primeira, o que me fazia fazer, tudo o que eu fizesse estava protegida por elas. E também... também sentia que podia, que podia fazer aquilo, que ninguém, que não existia ninguém que me fizesse parar, e pronto, e segui o mau exemplo delas também, porque gostei do que elas faziam. Dava adrenalina na altura!</p>	<p>6 - P2 afirma sentir-se protegida durante os delitos pelas suas amigas, afirma sentir-se com poder, sem qualquer tipo de autoridade para a fazer parar, com sentimentos de adrenalina e ter havido influência das mesmas para seguir o seu exemplo negativo</p>	<p>6 - Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de proteção e poder nos relacionamentos de amizade fora do Centro e sentimentos de consciencialização face às influências negativas.</p>
<p>E: Nunca pensaste nas consequências? P2: Não! Não, eu pensava sempre que as pessoas avisam-me “oh cuidado com o que fazes” e isso tudo, não me tocava, nem me tocava sequer, pensava que era</p>	<p>7 - P2 reconhece não ter pensado nas consequências que advém dos delitos e, pelo poder indestrutível que julgava possuir, não</p>	<p>7 - Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de consciencialização</p>

<p>só mesmo à toa que as pessoas avisavam à toa.</p>	<p>dava ouvidos aos avisos dos seus conhecidos</p>	<p>face às consequências que advém de cometer delitos</p>
<p>E é a primeira vez que tou aqui, tou cá há oito meses mas eu tou aqui passado três anos porque todos os processos que eu fiz foi quando eu tinha quinze anos. Hm.. menos de quinze e quinze e eu tenho 18 e fui chamada na semana que fiz dezoito anos. Estes três anos elas já tinham tado em Centros Educativos, e ainda estão, algumas estão, outras já saíram e eu, pronto, e eu entrei. Acho que me fazia mais sentido na altura que eu andava completamente maluca, tinham-me chamado nessa altura mas pronto, estes três anos fez-me me com que... (silêncio reflexivo) o tribunal demorou três anos e eu até lá já tinha atinado já tinha, porque, ao elas partirem para Centros Educativos eu perdi a minha moral e com o apoio das minhas irmãs e da minha família consegui voltar ao normal.</p>	<p>8 - P2 afirma estar institucionalizada há oito meses mas mostra sentir-se injustiçada pela demora de três anos a ser condenada, sendo agora maior de idade, 9 - e afirma uma transformação do seu comportamento, com o apoio da família, desde há três anos quando as suas amigas foram institucionalizadas em Centros Educativos e perdeu a sua moral</p>	<p>8 - Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de injustiça face à demora da condenação 9 – 10 - Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desproteção e mudança de comportamento quando as suas amigas foram institucionalizadas</p>
<p>E: O que sentiste quando elas foram institucionalizadas? P2: Senti-me desprotegida quando elas foram, bastante, por isso é que nunca mais tive nenhum processo à pala disso, delas terem desde que elas foram pra dentro. Para quê, tar sem elas fazer isso? Não adianta. Porque eu fazia isso</p>	<p>10 - P2 revela sentimentos de desproteção quando as suas amigas foram institucionalizadas e 11 - a influência das mesmas a cometer delitos pois afirma que</p>	<p>11 - Unidade de significado psicológico relacionado com a consciencialização da influência das relações de amizade para</p>

<p>só pra ter, só pra ter dinheiro, para ter dinheiro pa comprar droga... e bebida todas as noites, e pronto, sem elas não era a mesma coisa, sozinha não tinha moral nenhuma pra fazer isso</p>	<p>sozinha não se sente com qualquer moral</p>	<p>cometer delitos</p>
<p>E: E paraste de fumar? P2: Não, não, continuam a fumar, não muito nem com tanta frequência mas continuei a fumar, hm... voltei, a confiança da minha mãe, dos meus pais, do meu pai, voltaram outra vez, e deram, deram, e todo o dinheiro que eu tinha que me dava antes já me chegava para tudo enquanto que com elas não, eramos prai umas quatro, o dinheiro que elas me davam, elas não tinham dinheiro, tinha que saber partilhar e não chegava, enquanto que sozinha com o dinheiro estava bastante bem, continuei a fumar tabaco a fumar, fumar ganza e coisas assim. Antes fumava todos os dias, se for preciso muito por o dia inteiro. Pólen e bolota e erva. Depois quando elas foram para o Centro continuei a fumar mas não todos os dias, muito pouco. Muito pouco, mas não perdi o gosto, por isso... acho que era mais gosto porque se eu quisesse parar de fumar eu tinha parado, bastava, eu acho que isso de o vício as pessoas dizem... eu não concordo com isso, acho que basta a gente pormos na cabeça que não queremos e que nos está</p>	<p>P2 afirma que permaneceu a consumir droga após a detenção das suas amigas, apesar de ser em menor quantidade e drogas menos pesadas, mas que conseguiu reaver a confiança da sua família quando deixou de roubar. P2 afirma ainda que não acredita em vícios mas sim em gosto e conta que o consumo de droga traz-lhe sentimentos de calma e despreocupação, fazendo-a sentir uma pessoa diferente</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de reconstrução de confiança familiar face ao abandono do consumo de drogas e sentimentos de calma e despreocupação quando consumia drogas</p>

<p>a fazer mal para a gente parar de fazer isso. E para mim nunca foi isso do vício, foi gosto, eu gosto sempre gostei. Faz-nos bem, faz-nos sentir diferentes, calmos, sem ninguém nos chatear (silêncio reflexivo) e depois também deixei, elas, com elas, já cheguei a cheirar cocaína e ácidos e isso tudo e também parei, parei de o fazer</p>		
<p>E: Sentes que foi por influência que começaste?</p> <p>P2: Não culpo elas por eu ter feito todos os meus erros, porque as pessoas só fazem porque querem mas sim, foi um bocadinho da parte delas. Foi ter conhecido o mundo delas que me fez eu também... querer entrar, fazer parte daquilo. Foi mais isso porque ainda hoje se eu tivesse tado com elas e elas não tivessem ido para Centros Educativos na altura, eu ainda continuava a mesma mas soube, soube parar, soube ver as diferenças tipo, depois pensei “tão, fizeste as coisas todas pra isso, pra ficar sem elas pra ficar sozinha” pensei que nada me tinha acontecido até à data, até me chamarem pra tribunal e perceber que também, que vinha aqui parar.</p>	<p>P2, após ser questionada pelo entrevistador, reconhece que não foi apenas por influência das suas amigas mas por querer fazer parte daquele núcleo e afirma que se não existisse Centros Educativos continuaria a fazer e a ser o que era antigamente, revelando surpresa por ser chamada a tribunal passado tanto tempo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação pelo Centro e surpresa quanto à condenação</p>
<p>Elas foram aos quinze praí, aos dezasseis porque estavam fugidas de vários, várias instituições elas tavam fugidas dessas instituições e foram praí</p>	<p>P2 reitera que demorou bastante tempo até ser condenada e relata ter fugido após receber</p>	<p>Unidade de significado psicológico, onde P2 relata que fugiu</p>

<p>aos dezasseis, eu fui a ultima a entrar, quando elas tavam todas a sair é que eu entrei porque fizeram queixa de mim de eu tar, de eu ter estado lá porque uma amiga minha soube e contou</p> <p>E: Lá onde?</p> <p>P2: Lá no Algarve, lá em baixo, e... eu ter fugido no tribunal, ter trinta dias para me apresentar no tribunal e não apareci. Pronto tava a viver lá, a viver sozinha e pronto uma amiga minha disse onde é que eu estava, contei-lhe o que é que se tinha passado comigo já há muito tempo e ela foi contar. Isto tudo, de ter processos e não ter, eu desabafei com ela, conheci-a lá e baixo no algarve. A minha mãe sabia que eu tava lá em baixo, toda a gente sabia que eu tava lá em baixo mas com dezoito anos quem é que me podia... e tinha trinta dias pa me coiso fui pra o Algarve, contei à minha mãe, aos meus pais. Eles ficaram... perceber, perceberam o meu lugar, perceberam que era difícil eu querer, que só agora que tavam a chamar e que era difícil eu ir e perceberam o meu ponto de vista e respeitaram e fui lá e uma amiga minha contou que eu tava lá em baixo</p>	<p>carta para se apresentar em tribunal com a compreensão e respeito da sua família e conta como foi uma amiga sua a contar do seu paradeiro</p>	<p>após ser condenada</p>
<p>E: E o que sentiste?</p> <p>P2: Enganada, que não vale a pena confiar, que pronto, eu confio demasiado rápido nas pessoas e que foi</p>	<p>P2, após ser questionada pelo entrevistador, afirma ter-se sentido enganada</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com</p>

<p>uma perda de tempo, não devia ter confiado. Confiava bastante, se for preciso apanhava uma bebedeira e acabava por desabafar “olha, nem sabes tenho andado muito chateada, muito stressada” “porquê?” “ah porque tenho andado com medo da polícia...” porque eu andava com um peso na consciência horrível, tive oito meses fugida, sempre andei com peso na consciência. Por um lado queria resolver isto de uma vez por todas, por outro não... tinha que vir para aqui resolvê-la e não tinha coragem, era falta de coragem e desabafava com as pessoas sobre isto, sobre a minha situação de querer vir e não querer vir para aqui</p>	<p>e que, anteriormente à detenção, confiava em toda a gente, pelo que a levou a sentir arrependimento. P2 afirma ainda que, ao fugir durante oito meses, sentiu-se com peso na consciência e um elevado sofrimento psicológico, sendo que sentia uma ambiguidade de sentimentos quanto ao entregar-se, pois queria resolver rapidamente a sua situação mas faltava-lhe coragem</p>	<p>sentimentos sofrimento psicológico e de ambiguidade quanto à decisão de se entregar</p>
<p>E: Sentias falta da tua família? P2: Sentia, sentia falta das coisas como eram antes. Sim sentia falta, as coisas podiam ser diferentes...</p>	<p>P2 quando questionada se sentia falta da sua família, esta responde de forma explicitamente afirmativa e reconhece que a sua vida poderia ter sido diferente, mostrando arrependimento</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de arrependimento e falta da sua família no Centro</p>
<p>E: E no momento que te informaram que vinhas para um Centro Educativo? E quanto tempo? P2: Dois anos. Ui, quando me disseram comecei-me a rir no tribunal, comecei-me a rir e depois perguntei porque é</p>	<p>P2 afirma que foi condenada a uma pena de dois anos e que quando soube a pena foi irónica em tribunal, afirmava não ir para o</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de sofrimento</p>

<p>que só agora que me estão a chamar, depois não me souberam responder a isso, o meu advogado também não fez nada, era do estado. Fiquei com raiva e comecei-me a rir mesmo a dizer “esqueçam não vou a lado nenhum”. Foi a pior facada que me deu, de eu pensar que estava tudo esclarecido até que, de todos os processos que eu tinha tinham-me esquecido de mim, coisas assim... e pronto, acho, acho que fazia mais sentido eles terem-me chamado na altura quando eu só fazia disparates de um lado para o outro. Senão a esta hora com dezanove anos já estava a sair daqui. Facada! Já tinha saído daqui, agora não, acabei de entrar praticamente</p>	<p>Centro e revela sentimentos de sofrimento psicológico pela extrema surpresa que passou ao pensar que já estaria tudo esclarecido, julgando já ter sido esquecida. P2 declara ainda que se sente injustiçada pela demora da condenação</p>	<p>psicológico, estranheza e injustiça no momento que foi condenada</p>
<p>E: Sente que foi justa a condenação? P2: Por um lado sei que não foi injusta por todo o mal que eu fiz, por todos os processos de agressão, de roubo, de furto, sei que não foi, sei que foi mau, foi tar a bater nas pessoas sem, sem razão nenhuma, só por meu divertimento se fosse preciso. Só pra... pra roubar as pessoas que não aceitavam dar-nos coisas na altura eu tinha, tinha que lhe bater. E acho que por um lado foi justa os dois anos, se fosse preciso até não me... tipo importava mas sei que, pelo tudo o que eu fiz eu merecia ter apanhado mais,</p>	<p>P2 revela sentimentos ambíguos quanto à justiça da condenação, pois afirma ter sido justa pelos delitos cometidos, como as agressões apenas para seu divertimento e pelo mal que criou aos outros, dizendo até que merecia mais, mas julga injusta pelo tempo que demorou a atuar</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de ambiguidade face à justiça da condenação</p>

<p>tive muita sorte em ter apanhado dois anos! Mas acho que foi injusto na altura em que o fizeram, só isso, mas a justiça é lenta...</p>		
<p>Tem que ser... e por um lado ainda bem que elas foram para um Centro Educativo mais cedo senão, se tivesse continuado com elas, tinha processos penais, podia tar noutra sítio agora. Numa prisão... por isso à males que vêm por bem. Foi um abre olhos</p>	<p>P2 revela sentir-se aliviada por as suas amigas serem institucionalizadas por afirma que se continuasse a ter processos penais não estaria num Centro Educativo mas sim numa prisão</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação face à institucionalização das suas amigas</p>
<p>E: O que mudarias neste momento? P2: (risos) não tinha ido ao Colombo, tinha ido à escola... não tinha, não tinha influenciado tanto por elas... não sei, não tinha roubado, tinha aproveitado o dinheiro que a minha mãe me dava para as minhas coisas e não para as delas. Não me tinha preocupado tanto em saber se elas comem, se elas não comem e isso tudo, coisas assim, porque eu era a única do grupo que tinha, que tava limpa, tinha os processos limpos e isso tudo. O que fazia com que eu tinha possibilidades de lhes dar casa, elas podiam dormir na minha casa, às escondidas da minha mãe claro. Eramos quatro raparigas</p>	<p>P2, após ser questionada pelo entrevistador, confessa arrependimento pelo que fez, afirmando que se pudesse mudar alguma coisa não teria sido influenciada pelas suas amigas e preocupado tanto com elas e teria ido à escola. P2 afirma ainda que era a única do seu grupo que não tinha qualquer processo penal aberto</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de arrependimento pelos delitos cometidos e consciencialização da influência das relações de amizade</p>
<p>E: Tens saudades delas? P2: Não, não! Não quero saber delas</p>	<p>P2 afirma não sentir qualquer saudade do</p>	<p>Unidade de significado</p>

<p>mais na minha vida! Nem se for preciso, nunca mais as quero ver. Sei que não sou capaz de me influenciar outra vez por elas, do género, se as vir vamos fazer porcaria outra vez, sei que não! Não sou capaz, já nem tenho cabeça para isso. E não preciso disso, não tenho necessidade de o fazer. Mas, só do facto de, de toda a coisa que a gente fez não sou capaz de tar com elas outra vez. Há uma, que ainda continua a ser muito minha amiga, que ela mudou a vida dela que agora tem uma vida extraordinária, já saiu do Centro Educativo, tem um curso de cabeleireira. Aí, continuo a falar com ela, sem dúvida! E para o resto da minha vida se der, vou continuar sempre a falar com ela. Mas outras não mudaram mesmo, saíram do Centro Educativo com o mesmo pensamento, se for preciso ainda voltam e vão para sítios piores, tenho a certeza que elas não querem mudar e por isso elas não mudam e isso não, não sou capaz de me dar. Era bom se todas mudassem e um dia a gente se visse e até se nos ríssemos de todas as coisas que passámos “que tristeza termos roubado aquilo”, mas elas não tão com essa, muitas não tão com essa mente. Pensam que, não pensam no que fazem, continuam a fazer o mesmo ou pior!</p>	<p>seu grupo de amigas, excluindo uma colega com quem ainda mantém relacionamento, por estas não terem mudado de comportamento e mentalidade. P2 afirma ainda não se sentir capaz de ser influenciada novamente e não sentir qualquer necessidade para o mesmo. P2 fantasia sobre a hipótese de o seu grupo mudar de atitude e ver o que aconteceu por um olhar de arrependimento mas afirma não ser possível pois não é esse o desejo delas</p>	<p>psicológico relacionado com sentimentos de incapacidade para ser novamente influenciada</p>
---	--	--

<p>E não me quero voltar a dar com essas pessoas assim... Não sei se terá a ver com educação porque... não sei, porque eu acho, não sei porque uma das raparigas, o pai dela ou a mãe dela morreu e o pai dela não... por mais que ajude, apoie, lhe faça tudo ela não muda. Se ela tem um pai que a adora, um irmão que a adora e tem possibilidades financeiras, tem possibilidades, tem casa tem tudo, ela não muda porque não quer, uma pessoa... não sei, acho que a mudança depende de nós, não depende da família. A família ajuda é verdade, mas quando a pessoa não quer nem a família consegue. Acho que a mudança está em nós, não nos outros. Não sei, isto é o que eu digo observando para a vida dela.</p> <p>E: E comparando a tua com a dela...?</p> <p>P2: A minha sim, a minha ajudaram-me, as minhas irmãs ajudaram-me a recompor-me, a mim valeu a pena. por isso é que eu digo, é depende das pessoas. Se estão dispostas para mudar ou não! Ela não está por isso, por mais boa família que ela tenha não vale a pena...</p>	<p>P2 reitera que o seu grupo de amigas não muda de mentalidade apenas porque não a deseja e que a educação pouco tem a ver, apesar de ajudar, com a mesma, exemplificando com a família estruturada de uma amiga sua que não muda de comportamento.</p> <p>Quando questionada sobre a sua família P2 afirma que foi um apoio essencial para a sua mudança, apesar de, diferentemente das suas amigas, esta estar disposta à mudança</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a mudança advir da pessoa e não da educação e sentimentos de gratificação pelo apoio familiar para a sua mudança</p>
<p>E: E o primeiro dia que estiveste aqui? Conta-me como te sentiste</p> <p>P2: Foi horrível, foi horrível, foi pensar que isto tudo que era uma injustiça, foi,</p>	<p>P2 relata o seu sofrimento psicológico e sentimentos de injustiça na chegada ao</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com</p>

<p>o primeiro dia que entrei só olhei pas, só olhei pa janela à procura de uma maneira de como conseguir fugir daqui. Foi o meu primeiro pensamento, foi como conseguir fugir, mas depois os outros dias comecei a adaptar-me... porque eu sou fácil de me adaptar, comecei a me adaptar e a aceitar as coisas como elas são e empenhei-me em tudo, no meu curso de cabeleireira, empenhei-me em tudo, esforcei-me e continuo-me a esforçar,</p>	<p>Centro Educativo, afirmando que o seu primeiro pensamento foi a fuga mas, com o passar do tempo, consegui a adaptação e revela que tem total empenho e o esforço</p>	<p>sentimentos de sofrimento psicológico e injustiça face à chegada ao Centro e adaptação progressiva</p>
<p>não vale a pena tar aqui a perder tempo com... confusões, isto aqui é difícil estar aqui dentro não é pelo facto de só estar aqui dentro que o dia passa rápido mas é pelo facto de estar com pessoas e raparigas que nos estão sempre a provocar que... parece que nos querem ver mal, gostam da nossa infelicidade e isso a mim incomoda-me</p> <p>E: Sentes isso aqui dentro?</p> <p>P2: Sim, muita falsidade aqui dentro. Muita muita muita! Elas querem falar, elas querem, querem... elas picarem! Isso tudo mesmo pa ver, pa chegar ao limite de uma pessoa mas uma pessoa tem que conseguir abster-se pa conseguir não... pa não deitar tudo a perder. Este oito meses tou a evoluir, a evoluir pa poder ir a casa e tudo, pra quê? Por um comentário de uma rapariga ir abaixo? É mais difícil aqui</p>	<p>P2 revela a dificuldade de estar institucionalizada , não apenas por se sentir presa mas pelo incómodo que sente na convivência provocatória que as outras jovens institucionalizadas lhe transmitiam, afirmando que estas gostam da sua infelicidade. P2 revela que sente essa provocação, falsidade, gozo e falta de respeito desde que entrou e que tenta, com maior dificuldade dentro do Centro, se abstraír para não deitar tudo a perder</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de dificuldade na institucionalização e tentativa de abstração das provocações das restantes jovens institucionalizadas</p>

<p>isso, a gente conseguir engolir as bocas das outras e isso tudo. As pessoas, elas não respeitam, elas pensam sempre que são superiores, ou porque umas vão a casa outras não, aproveitam-se disso pra gozar com as pessoas, isso é mau! Desde que entrei, desde que entrei que apercebi-me logo</p>		
<p>E: Sentiste-te olhada de lado? P2: Não, não porque tinha cá uma amiga, a S., ya... Essa minha amiga que está bem e que já saiu, ela até saiu há pouco tempo e pronto, e tive bem, ela estava já numa fase bastante evoluída já ia a casa, todos os dias estava a estagiar lá fora. E pronto, e era a minha melhor amiga, e eu tive aqui com ela, ela deu-me apoio, elas muitas não gostavam de mim mas também não me diziam mas eu percebia mas pronto comecei a saber lidar sozinha, a lidar ca situação que elas...</p>	<p>P2, após questionada se se sentia olhada de lado dentro da instituição, responde de forma explicitamente negativa pois tinha o apoio da sua melhor amiga no Centro, esta que já estava em fase final de pena, e assim começou a saber lidar com as situações.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de adaptação ao lidar com as restantes jovens</p>
<p>depois comecei a fazer mais amigas, umas gostam mais de mim outras não mas o mais difícil aqui é a gente conseguir saber engolir isto, há muita falsidade aqui dentro, só nos querem ver mal, só nos querem ver tristes, magoadas e isto é mau, não conseguem ver as outras pessoas felizes e isso mete-me raiva, às vezes só me apetece levantar e rebertar com a cara toda delas mas não podemos, temos que</p>	<p>P2 afirma ainda que com o tempo conseguir fazer mais amizades mas reitera que dentro do Centro existe bastante falsidade e que fica com sentimentos de raiva ao ver que as jovens institucionalizadas apenas a querem</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de raiva e vontade de reagir às restantes jovens institucionalizadas</p>

<p>engolir e isso é se queremos sair daqui senão... Isso é o mais difícil, é horrível. É ter uma coisa na barriga, é querer falar e fazer tudo e mais alguma coisa que nos vem a cabeça mas não podemos, é horrível!</p>	<p>magoar e ver triste. Com isto, P2 revela sofrimento psicológico pela enorme vontade de reagir, tanto psicológica como agressivamente, e não poder</p>	
<p>E: O que te faz não reagir a esse impulso? P2: Pensar nos meus objetivos, é os meus objetivos. E acho que isso é bom para a gente crescer. Antes não tinha objetivos, não tinha objetivos porque só pensava que tinha que cumprir com isto porque tinha que andar fugida para o resto da minha vida, pra quê ter objetivos se não posso fazer nada? sem bi, sem nada, com bi mas sem poder apresentá-lo em lado nenhum. Não tinha objetivos, vivia um dia de cada vez...</p>	<p>P2 revela que com a entrada no Centro Educativo ganhou objetivos de vida e são esses objetivos que não a deixam reagir ao impulso descrito anteriormente</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação face ao Centro e mudança nos seus objetivos de vida</p>
<p>E: Em quem te apoiaste mais aqui dentro? P2: Foi à S. ainda hoje me apoio em ela, e ela era, é muito respeitada aqui dentro até porque ela é a mais velha que tava aqui e é ela que eu coisa, por isso é que elas também me começaram a respeitar um bocadinho mais, por me dar bem ca S. e isso tudo... mas depois umas gostavam mais de mim e outras não e isso mostrava, tipo dava bastantes rivalidades... e pronto</p>	<p>P2 relata que o seu maior apoio dentro do Centro, e que fez com que fosse respeitada pelas outras jovens institucionalizadas, era a sua amiga S., apesar de continuar a haver conflitos e rivalidades</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de apoio de uma amizade que fez com que ganhasse o respeito progressivo das restantes jovens</p>

<p>E: Vinhas aqui com essa proteção de não confiar em ninguém?</p> <p>P2: Não porque eu não sou assim, eu sou de confiar nas pessoas mas não dá porque a gente acaba por confiar numa pessoa por mais facadas que me deiam, por exemplo lá fora a rapariga que me coiso, hm, aqui dentro coisas que eu já perguntei a muitas e elas perguntaram a pessoas tipo por mais facadas que deiam eu dou sempre uma segunda oportunidade à pessoa e é esse o meu erro, eu não gosto de dar e eu tento sempre ficar na minha e nunca dar nada a ninguém mas acho que faz parte a gente saber confiar.</p>	<p>P2 confessa que o seu defeito é confiar demasiado nas pessoas, dando sempre uma segunda oportunidade</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos perante o se feitio de confiar</p>
<p>E: Conta-me um bocadinho do teu dia-a-dia aqui</p> <p>P2: é acordar, fazer uma fascina, limpar ou assim, a higiene oral... ir para a escola, depois o, acaba a escola a manhã inteira, costuma ser formação a semana inteira, cabeleireiro, depois à hora de almoço almoçamos depois temos aulas até às cinco e meia, depois das cinco e meia até às sete temos Chapitô, eu aqui gosto de tudo é aproveitar todas as oportuidades que me dão e... depois às sete vamos tomar banho, tomar banho e vamos comer e depois nove horas mais ou menos vamo-nos deitar, depende da fase. Eu tou na fase 2, é às nove e meia. E</p>	<p>P2 descreve a sua rotina diária dentro do Centro e confessa ter gosto por tudo e aproveita todas as oportuidades dadas. P2 confessa ainda que por vezes é-lhe difícil acreditar que está presa e que um jovem institucionalizado, por se sentir habituado áquilo, não tem noção da realidade fora do Centro</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de aproveitamento das oportuidades dadas pelo Centro e da dificuldade em acreditar na sua situação pelo que revela sentimentos de habituação face ao Centro e desconhecimento da realidade fora do mesmo</p>

<p>pronto... Depois vou pra, depois vou-me deitar, às vezes não consigo dormir por causa que elas fazem bastante barulho das dez a irem ainda pro quarto delas. Cada uma tem o seu quarto mas é tudo perto um do outro e pronto... às vezes eu não, às vezes eu desligo e não acredito que tou aqui, parece tipo "eu? isto é uma prisão pra menores..." é mesmo difícil de acreditar que uma pessoa está presa, uma pessoa, por me habituar de tar aqui dentro, tipo às vezes tou a ver o arame farpado tou habituada a isto, uma pessoa não tem noção da realidade lá fora... e pronto...</p>		
<p>E: Do que sentes mais falta lá fora? P2: Ai, não sei! De passear... tar toda a hora a falar com as minhas amigas e os meus amigos no telemovel, tar com a minha familia.. e pronto... de fumar, sinto falta de tudo! De tudo um pouco</p> <p>E: Foi difícil deixar de fumar? P2: Aqui foi, muito! Mas também sei e toda a gente me diz e é verdade, é uma oportunidade para deixar mesmo de vez que era o que eu tava a tentar fazer lá fora deixar de fumar só que não conseguia mas olha acho que isto ainda bem que foi muito drástico foi uma decisão muito repentina, lá fora estava a deixar de fumar e fumava pouco, aqui fui obrigada a deixar de fumar, o que me deixa mais vontade ainda de sair lá</p>	<p>P2, após ser questionada do que sentia mais falta fora do Centro, P2 afirma ter saudades de tudo como dos seus amigos, família, telemóvel e fumar, revelando a dificuldade sentida em deixar de fumar mas grata pela oportunidade da obrigatoriedade de deixar o consumo de droga e tabaco, pois caso contrário não era capaz, apesar da vontade ser maior de sair e consumir,</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação perante o Centro pela oportunidade de deixar o consumo de droga apesar da sua vontade ser contrária</p>

<p>pra fora e fumar mas só espero lá fora de fumar e espumar-me e não querer fumar mais porque eu não quero fumar tenho é vontade de o fazer porque estou proibida aqui de o fazer. É mais isso, porque se não fosse assim tão repentino talvez eu não tinha fumado</p>	<p>fantasiando a medida drástica de quando experimentar novamente não conseguir mais</p>	
<p>E: Estás em regime semi-aberto correcto? Como é esse regime?</p> <p>P2: Sim, só se pode ir cinco dias a casa na segunda fase, férias... De férias, por exemplo, nas férias da páscoa, de natal e de verão tenho cinco dias pa ir a casa. Na terceira fase tenho oito dias, na... quarta tenho dez. As diferenças é de horários, da primeira é nove e meia, das terceira e quarta fase é as dez. Hm... pronto, rádio no quarto a partir da segunda fase, já se pode ter rádio e dois cds. E de resto não há muita diferença do aberto para o semi-aberto. Ah, a segunda fase, no aberto, pode-se ir um fim-de-semana a casa enquanto na nossa, na minha, na terceira fase é que se pode. Ainda não fui nenhum dia a casa, se tudo correr bem vou conseguir ireste verão oito dias a casa se passar para a terceira fase</p>	<p>P2 relata as diferentes fases do regime em que está inserida no Centro Educativo (semi-aberto) e as diferenças para o regime aberto e confessa o seu desejo em ir a casa no verão, quando passar para a terceira fase</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo ao seu desejo de ir a casa</p>
<p>E: Como era a tua expectativa antes de entrares no Centro? E o que é que mudou?</p> <p>P2: Quando eu vim para aqui no início só queria era, estava só a pensar em na</p>	<p>P2 revela as diferenças de perspectiva e comportamento sentidas desde que entrou no Centro,</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos</p>

<p>primeira oportunidade que tivesse de ir lá para fora não voltava mais e criar um papel aqui quer era o papel o papel de de "vou ser boazinha para quando chegar lá fora, para me deixarem ir lá fora e chegar lá fora e não voltar mais" era a minha ideia, sempre foi a minha ideia desde que cheguei aqui! Mas há muito tempo, isto foi nos primeiros meses, primeiro e segundo mês, mas depois comecei a pensar mesmo bem tipo pra quê eu vou tar a voltar lá pra fora se aqui posso, se aqui posso aguentar mais um tempo e ter mais coisas? E saber aproveitar porque uma oportunidade destas não vou ter tão tempo, não vou ter tão cedo. Eu lá fora não vou ser capaz de estudar pra carta por exemplo, porquê? porque vou tar no telemovel, facebook e aqui não, aqui eu sou obrigada a fazer e essa obrigação é boa, é positiva! É isso que eu quero agarrar e tou a fazer de tudo para agarrar e as obrigaçõe positivas que a gente tem aqui e que de outra forma não conseguia não era capaz</p>	<p>confessando que inicialmente o seu pensamento consistia em fingir ser alguém que não era e à primeira oportunidade fugir do Centro mas, com o passar do tempo, reflectiu sobre o que poderia ganhar em aproveitar as oportunidades que lhe eram dadas dentro do Centro e a mudar de mentalidade e opinião sobre a obrigatoriedade, julgando-a agora como positiva, exemplificando que, sendo obrigada, é capaz de estudar e tirar a carta de condução</p>	<p>negativos quando entrou no Centro e, atualmente, positivos e de gratificação pelo Centro pelas oportunidades oferecidas e pela sua maturação</p>
<p>E: Como sentias que ia ser o teu dia-a-dia? P2: Nunca imaginava como é que isto era, nunca imaginava eu acho que uma coisa muito boa daqui é isso, é as saídas. As férias a casa, a S. tava num colégio lá em cima que era</p>	<p>P2, após ser questionada pelo entrevistador, confessa que tinha uma perspectiva diferente do que é ser institucionalizado num</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos por ser possível ir a casa</p>

<p>completamente fechado, não se saía, era semi-aberto, mas mesmo aberto, semi-aberto ou fechado não se saía era as mesmas regalias e coisas assim. E aqui não, aqui há coisas boas disso de ir a casa e isso tudo!</p>	<p>Centro Educativo pois julgava não ter qualquer tipo de regalias como ir a casa e julga ver positivo existir neste Centro</p>	<p>durante a institucionalização</p>
<p>No inicio quando cheguei foi horrivel, não tava a espera mas depois com o tempo fui-me apercebendo "ah podia, as coisas podiam ser piores não são assim tão más", há coisas muito piores como por exemplo estar lá em cima. E isso mostra mais confiança, dá pra ver que eles os técnicos, que eles acreditam na mudança de uma pessoa e eles fazem tudo para a pessoa conseguir ir a casa, pra provar mesmo tipo que quer mudar. Não é só bom pra eles, que isso de acreditar na mudança é bom, mas bom pra nós, pra acreditarmos que nós próprios conseguimos mudar. Nós próprios sermos fortes o suficiente pra ir e voltar e isso é bom neles, eles terem confiança em nós</p>	<p>P2 reitera o sofrimento psicológico sentido no inicio da institucionalização mas, com o passar do tempo, reflectir que poderia ser pior e considera ser um aspecto positivo a confiança transmitida pelos técnicos que o jovem consegue mudar no sentido que faz com que o próprio jovem acredite nessa mudança e adquira forças para, com as visitas esporadicas do Centro, consiga voltar</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos de confiança do Centro na sua mudança</p>
<p>apesar de ainda não ter tido essa coisa porque eu era pra ir a casa na páscoa, tava já na segunda fase mas não me deixaram ir</p> <p>E: Porquê?</p> <p>P2: Por falta de confiança, por ter dezanove anos, por... por ser mais velha, pelo menos as coisas que eles me disseram e, eu podia ter ido, tava na</p>	<p>P2 relata um episódio que perspetivava ir a casa numa determinada altura mas não foi por falta de confiança da parte dos técnicos na própria. Quando questionada sobre os sentimentos que</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desilusão, mágoa e sofrimento psicológico pela desconfiança do</p>

<p>expectativa que ia mas não fui.</p> <p>E: Como te sentiste nessa altura?</p> <p>P2: Desiludida, magoada, muito magoada porque... tanto tempo a lutar pra passar pra essa fase pra poder tar com a minha familia e isso tudo, pra que não, pra me tarem a dizer que não posso ir... foi muito mau, sofri muito, sofri muito mesmo! Porque uma coisa era se eles me tivesse dito na altura que tivesse passado de fase "olha não vais poder ir, ou se calhar nunca vais poder ir por isso passaste, vais poder ter rádio no quarto, as regalias da segunda mas isso de ir a casa não, não te convenças" agora não me disseram nada disso e três dias antes de ir a casa com as expectativas todas de ir já ter com a minha familia é que me dizem que não posso ir...</p>	<p>advieram a esse episódio P2 afirma ter-se sentido desiludida, bastante magoada, com um enorme sofrimento psicológico devido à negação da sua perspectiva e da sua família em sair</p>	<p>Centro em si que a impossibilitou de ir a casa</p>
<p>dizem que foi uma decisão muito difícil por isso é que demorou muito tempo mas mesmo assim acho que foi mau da parte deles, acho que compararam-me imenso com a minha amiga que está na Navarro Paiva, de ter saído e ter fugido, mais do que uma vez, mas eu não sou igual a ela, fiquei triste mas mesmo assim consegui pôr-me em pé e lutar pelas minhas coisas, com a esperança de sair, eu não sou igual a ela, eu quero mudar. O problema é que eles não acreditam, comparam-me com uma</p>	<p>P2, ainda sobre este episódio, revela que lhe foi transmitida a dificuldade da decisão por parte do Centro mas mostra não acreditar totalmente, julgando que a comparam com a sua amiga que fugiu do Centro quando saiu pela primeira vez. P2 reitera que é diferente das suas amigas e o seu desejo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desconfiança no Centro e tristeza por este não acreditar nela</p>

<p>peessoa horrível.</p>	<p>na mudança permaneceu, bem como a esperança de sair do Centro, confessando o seu sentimento de tristeza por não acreditarem nela</p>	
<p>E: Qual foi o teu pior momento no Centro até agora? P2: Não me terem deixado sair, e três dias antes, comprometi-me com a minha família, com toda a gente, estava tão excitada por sair daqui um bocadinho e foi mesmo injusto, 3 dias antes. Eu às vezes até sonho com isso, para não acontecer não sei... abusaram um bocado do poder que têm eu acho...</p>	<p>P2, quando questionada sobre o seu pior momento no Centro, responde que foi quando não a deixaram sair, sentindo-se injustiçada e desiludida pela altura tão próxima da saída que a avisaram e revela o seu sofrimento psicológico devido a esse episódio</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativos ao seu pior momento no Centro quando não a deixaram sair sentindo-se injustiçada e com sentimentos negativos face à autoridade exercida no Centro</p>
<p>E: E o teu melhor momento? P2: (silêncio reflexivo) Foi ter encontrado aqui a Sandra, eu já sabia que ela estava aqui mas foi mesmo bom, já não a via há imenso tempo. Mas foi um sentimento ambivalente, porque fiquei super triste por só a ver agora e estar num Centro, mas super contente também por estar ali, por tê-la ali comigo e quando ela saiu, agora há pouco tempo, pensei que já não tenho ninguém, senti fúria, do tipo se ela vai eu também vou, mas são essas coisas</p>	<p>P2, quando questionada sobre o seu melhor momento no Centro responde que foi encontrar a sua amiga dentro do Centro, apesar de mostrar a ambiguidade de sentimentos por ser dentro do Centro mas por estar a seu lado.P2 afirma ainda que, quando esta saiu, sentiu</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos ambíguos de ver a sua amiga no mesmo Centro e sentimos de abandono, fúria, revolta e solidão quando esta saiu do Centro</p>

<p>essa revolta que tem que se conseguir controlar.</p>	<p>abandono, sentiu-se sozinha, fúria por não ir também, e uma revolta que diz ser necessária de controlar</p>	
<p>E: Do que sentes mais saudades? P2: Da família não tenho tantas saudades porque vejo duas vezes por semana quando vêm à visita aos fins-de-semana... Sinto mais falta das minhas coisas, às vezes sinto-me tão farta de estar aqui, mais porque não tenho as minhas coisas todas, tou um bocado farta... Mas a verdade é que isto juntou mais a minha família, quer dizer, eu era próxima deles mas não tanto. E recebo o apoio total deles, eu até estava a espera porque eles se preocupam comigo, sempre se preocuparam e quiseram saber.</p>	<p>P2 revela que sente mais saudades da família e dos seus pertences, mas confessa que a sua ida para o Centro conseguiu aproxima-la da sua família</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação pelo Centro pela aproximação à sua família e saudades da mesma</p>
<p>E: E quando chegar o momento dos tais 8 dias neste Verão fora? P2: Ai vou fazer tanta coisa (silêncio refletivo). Vou a casa, ir ao facebook, tar com o meu namorado... quer dizer, eu tenho namorado mas é mais amigável, porque eu não confio, isto não é fácil estar com um homem que está com outra pessoa. Eu até falo com ele todas as semanas, ele liga uma vez ao domingo sempre, eu digo-lhe que tenho saudades, mas a verdade é que não tenho. Acho que é por ter outras</p>	<p>P2 relata o que irá fazer quando sair do Centro temporariamente, afirmando que tem outras prioridades que não o namorado pois não sente saudades e sabe que ele está com outra pessoa, sendo então a sua prioridade a sua família e amiga</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionados com sentimento de prioridade pela sai família e amiga após saída do Centro</p>

<p>prioridades... Depois também quero fazer mais coisas como tar com as minhas amigas, com a minha família, tar em casa com a mãe e tar com a Sandra, claro!</p>		
<p>E: E quando saíres definitivamente do Centro?</p> <p>P2: Isso eu sei bem, vou com o curso de cabeleireira, e viver com a Sandra que já combinamos tudo, acho que vou tirar o 12º ano no curso de esteticista que assim fica mais fácil de trabalhar no cabeleireiro porque ela já trabalha lá também então vamos viver juntas e trabalhar juntas, já falámos sobre isso.</p>	<p>P2, quando questionada sobre as suas perspectivas de futuro pós-institucionalização, afirma o seu desejo de estudar e trabalhar utilizando o curso do Centro e viver com a sua amiga</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativos à perspectiva de futuro de trabalho</p>
<p>Mas quando sair daqui levo comigo o que aprendi melhor cá, que foi saber engolir... aprendi a engolir e a saber ignorar coisas que me provoquem (silêncio) aqui não me posso exprimir, não posso dizer as coisas que quero como quero, as pessoas são injustas e eu não posso dizer nada porque posso-me prejudicar nas notas. Elas quando me estão a provocar, eu lá fora resolvia a situação, aqui tenho que saber ficar calada. Claro que vai ficando mais fácil porque me habituei mas é muito difícil ficar calada, mas existem participações e tudo</p>	<p>P2 revela o que aprendeu com o Centro que utilizará quando sair, afirmando que aprendeu a saber reagir a provocações pois não tem a liberdade para se exprimir como tinha lá fora pois existem consequências como as notas e participações no Centro</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação quanto à institucionalização que permitiu aprender a reagir a provocações e a refletir sobre as consequências</p>
<p>E: Conta-me um momento que tenhas tido uma má e uma boa participação</p>	<p>P2 relata um episódio de mau comportamento no Centro quando</p>	<p>Unidade de significado psicológico</p>

<p>P2: Quando levei uma má participação, que foram duas notas 1 foi porque tentei passar uma carta escondida na visita da minha irmã, e fui apanhada porque deixei cair... eles até leram a carta e está no processo, a carta dizia muitas asneiras e dizia como isto era, muito exagerado, a dizer que era uma porcaria e coisas muito más. Mas foi porque um amigo meu estava prestes a entrar num Centro Educativo e eu queria-lhe mostrar que isto é mesmo muito mau, que é horrível, mas exagerei de propósito porque eu só queria que ele parasse de fazer porcaria e para ele perceber para não vir dentro como eu... (silêncio) eu expliquei isso aos funcionários mas eles pensaram que eu não aceitei isto, mas eu expliquei que não foi pelo que sinto mas eles provavelmente não acreditaram, nunca acreditam em nada mesmo... fogo quando deixei cair a carta passei-me, fiquei mesmo stressada, pensei que foi mesmo tudo à toa ainda por cima foi burrice, eu se voltasse atrás era capaz de escrever a carta mas o problema foi porque foi mesmo burrice porque eu podia simplesmente mandar a carta para a morada dele normalmente por correio mas antes da visita nem pensei nisso e foi tipo impulso, escrevi e quis passar a minha irmã. Depois fiquei no quarto</p>	<p>tentou passar uma carta numa visita da sua irmã, afirmando que o fez para prevenir o destinatário de entrar também num Centro, num momento impulsivo. P2 reconhece sentimentos stressantes quando foi descoberta e de arrependimento na maneira como passou a carta e revela sentimentos de sofrimento psicológico aquando do castigo de ficar trancada no quarto três dias apenas com um colchão</p>	<p>relacionado com sentimentos de stress e arrependimentos relativos a um episódio de mau comportamento no Centro e sentimentos de sofrimento psicológico na consequência</p>
--	--	---

trancada três dias só com um colchão, foi horrível.		
<p>E: E agora, como te sentes ao pensar no tempo que ainda te resta aqui?</p> <p>P2: Eu sinto-me capaz de estar aqui mais 15 meses porque mais q tudo tenho a fé de ir e voltar a casa, e mostrar que o que pensam de mim é mentira, é mentira!</p>	<p>P2 confessa o desejo de mostrar que é uma pessoa diferente do que julga acharem dela e a esperança em voltar para casa</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de mudança da sua pessoa e esperança em voltar para casa</p>

ANEXO C – TRANSFORMAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO EM EXPRESSÕES DE CARÁCTER
PSICOLÓGICO DE P3

Masculino

18 Anos

Tempo de Institucionalização: 4 Anos (48 Meses)

Transcrição da Entrevista	Comentário	Unidades de Carácter Psicológico
<p>E: Gostava que me contasses um pouco da tua história de vida</p> <p>P3: Sempre vivi com os meus avós até aos dez anos, com alguns problemas... a partir dos dez anos tive que ir para uma instituição na qual também agravou mais as situações, mas quando vivia na casa dos meus avós vivia com a minha tia, ca minha irmão e com os meus avós. Tive que ir pra instituição devido a vários problemas, comecei a faltar à escola, a ter problemas de agressões e conflitos na escola e fora também...</p>	<p>P3 revela problemas familiares com os seus avós, conflitos na escola, ausência às aulas e agressividades pelo que foi institucionalizado aos dez anos</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos conflituosos, agressivos e problemas familiares, o que levou com que fosse institucionalizado</p>
<p>E: Porque sentias necessidade desses conflitos?</p> <p>P3: Às vezes... sei lá, não tinha liberdade pa tudo,</p>	<p>P3, quando questionado pelo entrevistador, revela que sentia necessidade desses conflitos para sentir liberdade, adrenalina e para</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de adrenalina e liberdade em conflitos, no sentido de</p>

<p>esquecia-me... não sentia o facto de liberdade mas que não tinha algum sentido de viver ou assim... Apenas fazia asneiras às vezes, às vezes mais por adrenalina, para esquecer onde eu tava a viver.</p>	<p>esquecer que era um jovem institucionalizado</p>	<p>esquecer quem era</p>
<p>No início fazia as asneiras sozinho, como faltar à escola, depois evoluiu muito com um ou outro, mas depois já, como tava na instituição já foi mais em grupos e, muito mais, coisas mais à frente, ia na conversa de um ou outro que me relacionava e comecei a fazer muitas asneiras. Foram poucas as pessoas que fiz amizade, eu nunca tive muitas... assim... tive mais sei lá conhecido, nunca tive assim mesmo, nunca fui muito próximo de alguém...</p>	<p>P3 relata que inicialmente fazia os delitos individualmente mas com a entrada na instituição começou a fazer em grupo e que nunca teve muitos relacionamentos de amizade nem nunca foi muito próximo de alguém</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativa à influência para a delinquência e dificuldade de se relacionar</p>
<p>Aquilo era um Centro de Acolhimento, onde só ia aos fins-de-semana a casa e férias. No primeiro início achava que era uma nova casa, mas depois... vi que</p>	<p>P3 revela que na instituição, sendo um Centro de Acolhimento apenas ia a casa aos fins-de-semana e nas férias e que com o passar do tempo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de percepção progressiva que o Centro de Acolhimento não era uma nova casa</p>

<p>não, também muitos miúdos tavam lá por não terem condições e... sei lá, muitas outras coisas, às vezes problemas familiares como era o meu que os meus avós não tinham mãos em mim... às vezes nem sei se tentavam era difícil perceber</p>	<p>percebeu não ser uma nova casa mas sim um local onde os jovens iam por falta de condições e por problemas familiares, revelando ser o seu caso o ultimo pois os avós não conseguiam mantê-lo em ordem, mesmo tentando</p>	
<p>E: Sentiste então que os teus avós tiveram uma grande influência em ti, enquanto pessoa? P3: (Silêncio reflexivo) tentaram mas não sei se no fim conseguiram, foi diferente eu nasci sem pais, se tivesse pais talvez era diferente. Foi à nascença, morreram os dois de toxicodpendência... tem sido assim, até ir parar ao Centro em VC, tive lá dois anos e meio e agora tou aqui há um ano. Sinto os meus avós, tipo família, mas como avós não como pais ou assim, como devia achar, sempre diziam que parir é dor criar é amor mas... nunca senti aquele afeto ou se calhar não sei</p>	<p>P3, quando questionado pelo entrevistador, revela que os seus avós tentaram influencia-lo na sua maneira de ser mas duvida que tenham conseguido pois não sente os seus avós como pais, faltando o afeto essencial que não sabe qual é, e confessa ser um pouco indiferente aos sentimentos. P3 revela que ambos os seus pais, à sua nascença, morreram de toxicodpendência</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de necessidade de afeto e, conseqüentemente ser indiferente a sentimentos</p>

<p>qual é, também por isso que se calhar a minha personalidade é assim, um pouco indiferente aos sentimentos. Eu não sei qual é o sentimento de pai e mãe por isso não sei se hei-de dizer que sinto falta ou não...</p>		
<p>E: E depois tiveste no Centro em VC... P3: Sim dois anos e meio. Primeiro tive na instituição dos dez aos quinze depois até aos dezassete lá em cima e aqui fiz os dezoito, mudei porque lá em cima já não tinha muito que fazer, fiz o nono ano quando tava na instituição já tava no oitavo ano porque...</p>	<p>P3 revela ter estado num Centro Educativo anteriormente, dois anos e meio desde os seus quinze anos, quando saiu do Centro de Acolhimento, até aos dezassete e afirma ter abandonado esse Centro para vir para o Centro atual para terminar os estudos</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativos à mudança de Centro Educativo devido à escolaridade</p>
<p>nunca tive dificuldades na escola só apenas faltava pa ir ocupar tempo noutro tipo de adrenalinas E: Que tipo de adrenalinas? P3: Fugir a polícia, fazer...sei lá, roubar assaltar, na altura não pensava, era...tava mesmo, sei lá mesmo desleixado,</p>	<p>P3 revela nunca ter tido dificuldades escolares mas ausentava-se por desejar ocupar o seu tempo com adrenalina como fugir à polícia e roubar, reconhecendo que não tinha consciência dos seus atos na altura, sentindo-se desleixado, despreocupado e destemido. P3 revela</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desleixo, despreocupação, poder e desejo de sentir adrenalina ao cometer delitos, o que levou com que fosse institucionalizado no Centro Educativo</p>

<p>não tava preocupado ca vida, não tinha medo de qualquer coisa no qual fazia tudo e mais alguma coisa na qual deu processos pra ir pra Centro Educativo.</p>	<p>ainda que esses sentimentos fizeram com que sentisse que podia fazer tudo, dando origem a processos penais e à ida para o Centro Educativo</p>	
<p>Depois vim aqui, ainda tou cá mas vim pra este, para a BV porque é o único Centro que tem o décimo segundo ano e... vou seguir agora o décimo segundo, vou acabar agora em Agosto, tenho feito tudo como deve ser mas isso são cursos EFA, é Educação e Formação para Adultos, lá em cima tirei em dois anos e meio o nono ano com um curso de empregado de mesa e bar e agora aqui tou a tirar o décimo segundo de desporto, três anos em um ano e três meses</p> <p>E: Foste tu que escolheste o curso aqui?</p> <p>P3: Não, era o único, foi... pronto não houve escolha tive que vir mas é bom</p>	<p>P3 reitera ter mudado de Centro para terminar os estudos e revela os cursos já terminados. P3 afirma ainda que atualmente está a estudar, sem escolha própria, desporto e que tem feito tudo como deve ser</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos face à conclusão dos estudos no Centro</p>
<p>E: Como te vais relacionando com as</p>	<p>P3 revela que no primeiro Centro Educativo, sendo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado</p>

<p>peças dos Centros?</p> <p>P3: Lá em cima como era particular, era dos espanhóis por isso as regras eram muito mais apertadas, eles tavam a fazer uma experiência, as regras era “posso” pra tudo, muitas complicações, qualquer coisinha aquilo tinha mesmo que ser robôs para evoluir lá e eu não gostava muito por isso nada a ver com este Centro!</p>	<p>particular, existiam bastantes regras e complicações e afirma que não gostava de lá estar, diferenciando-o do atual Centro</p>	<p>com sentimentos negativos face ao primeiro Centro, pois era complicado e demasiado rigoroso</p>
<p>Lá acordávamos de manhã tínhamos que pedir para ir a casa de banho, se não tivesse mais que três, pedíamos “posso” pra sair do quarto, “posso” pra entrar na casa de banho, fazíamos tudo lá dentro as necessidades normais, cada um com a sua tarefa que era, uns era limpar o corredor, outros a sala comum e o pequeno-almoço. Eu por exemplo tinha o corredor, fazia o meu corredor, o meu quarto, limpava tudo, esperávamos que todos</p>	<p>P3 relata toda a rotina semanal do primeiro Centro e afirma que tinha que estar constantemente a pedir autorização para tudo, cada um tinha a sua tarefa e revela serem vigiados por camaras. P3 afirma ainda que era sempre a mesma rotina e que apenas aos fins-de-semana era permitida a playstation</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionada com o rigor e rotina no primeiro Centro</p>

<p>acabarem, saímos todos em fila, íamos pro refeitório, tínhamos que esperar pelo técnico que acabasse de dar as colheres e tudo do pequeno-almoço, pedíamos todos pra sentar, sentávamos, tomávamos o pequeno-almoço, depois levantávamos e íamos pros quartos, íamos lavar os dentes a seguir, com o mesmo processo do “posso” e eles comunicavam tudo à portaria e eles comunicavam tudo à portaria porque a portaria, eles estavam sempre a vigiar-nos por camaras depois íamos um pouco para a sala comum, só pra esperar pra que as outras unidades tivessem todas prontas e avançávamos para as oficinas, tudo sempre em fila mesmo dentro do Centro... depois íamos pras oficinas, tínhamos aulas com os mesmos processos, do lá ali do “posso” e tudo, sempre com um técnico à</p>		
--	--	--

<p>porta, acabava ao meio-dia, meio-dia e tal e íamos depois pra unidade outra vez e fazíamos os mesmos processos para, pra ir almoçar e esperar tudo, acabávamos de almoçar e íamos pro espaço comum e aí podíamos jogar xadrez, damas, só... ao fim-de-semana é que era diferente, é que podíamos jogar Playstation de resto era sempre assim, a mesma rotina</p>		
<p>E: Como é que te sentias lá? P3: Ih, não sei, foi difícil lá mas tive que me aguentar com algumas participações e... mesmo nunca ter saído de lá... também arranjei algumas amizades, só saí mesmo pra idas a tribunal e médico de resto... tive sempre lá dentro. Sempre tive um comportamento... que se diga normal mas com as, com os seus erros, sempre tentei ter saídas aos fins-de-semana mas nunca me deram, depois tive que vir aqui para este Centro,</p>	<p>P3, quando questionado pelo entrevistador, revela a dificuldade sentida no primeiro Centro, tendo cometido alguns erros mas afirma ter conseguido algumas amizades e um comportamento normalizado. P3 revela ainda a tentativa de sair aos fins-de-semana, sempre negada e sofrimento psicológico</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a dificuldade sentida no primeiro Centro, apesar de retirar aspetos positivos como os relacionamentos com outros jovens e o seu comportamento</p>

<p>foi muito difícil, sofri mesmo apesar de tudo...</p>		
<p>E: Que erros foram esses que fizeste nesse Centro? P3: Às vezes eram conflitos entre nós, às vezes por exemplo não podíamos ter mp3 depois da recolha que era às dez horas da noite e eu às vezes escondia o mp3 pra ouvir durante a noite toda... de resto tinha o mp3 muito alto, que eles não gostavam assim... às vezes quando me falavam mal eu gritava, eu também falava com os colegas às vezes também tinha problemas não me dava muito bem com o outro ou com aquele e provocações também não era comigo.</p>	<p>P3 revela os erros que cometeu no primeiro Centro de modo a negarem a sua saída, sendo eles conflitos entre os jovens institucionalizados, a não obediência a certas regras (exemplificando que ouvia música após o recolher) e a reação à provocação de outros jovens</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desobediência e reação à provocação no primeiro Centro</p>
<p>Nós nesse Centro funcionávamos em grupo, éramos numa unidade éramos catorze noutra eram quinze, depois havia a das raparigas que era mais pequena depois havia a unidade um onde se acolhiam os jovens de início e eu muitas das</p>	<p>P3 revela o modo de funcionamento em grupo no primeiro Centro, as suas diferentes unidades e a sua evolução e regressão por créditos. P3 afirma que estava bastantes vezes inserido na unidade um por perda de créditos e revela que não era permitido sair</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos regressivos face ao seu comportamento no primeiro Centro</p>

<p>vezes ia pra unidade um, regredia outra vez, e lá era por créditos dois por dia um, ganhei outro à tarde e perdia muitos por causa disso mesmo, algumas brincadeiras também...que eles não gostavam. Na unidade um era mesmo, ficava-se mesmo dentro da unidade, fazia-se, ia-se uma hora lá pra fora pra se fazer atividade física, de resto depois íamos pra, fazer trabalhos cognitivos que era <i>cruzadex</i>, <i>sudoku</i> e de resto mesmo mais nada, só de manhã é que ia lás um professor às vezes dava um pouco de português mas era mesmo daquelas aulas primárias e...</p>	<p>nessa unidade, pelo que realizavam maioritariamente trabalhos cognitivos, aulas de português de manhã e apenas uma hora de atividade física no exterior</p>	
<p>por acaso não gostei mesmo nada daquele Centro! Era mesmo muito rígido e... procura métodos que não interessavam, era mesmo desumano aquilo, sei lá puxavam mesmo às vezes, os próprios técnicos, pelo psicológico e às vezes provocavam os jovens e não nos batiam nem nada</p>	<p>P3 confessa sentimentos negativos quanto ao primeiro Centro e revela não gostar do seu modo de funcionamento, afirma ser bastante rígido, desumano e relata as provocações dos técnicos para com os jovens institucionalizados, chegando muitas vezes a assistir a imobilizações,</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos face ao primeiro Centro por este ser rígido, desumano e provocador</p>

<p>mas quando era pra provocar e o jovem alguns mais alterados respondiam, chamavam logo a equipa de segurança e...imobilizações, muitas das vezes assisti a muitas imobilizações à minha frente, nunca fui imobilizado porque sempre fui mais inteligente que isso pra não ser imobilizado, sempre tive que ser forte psicologicamente pra não ir na onda de alguns técnicos</p>	<p>revelando nunca ter sido imobilizado por ser forte psicologicamente para não reagir às provocações</p>	
<p>E: O que sentias quando vias alguém a ser imobilizado?</p> <p>P3: Sentia... raiva, sei lá, podia ter sido eu ou se calhar podia ajudar de uma... não foi possível, ajudar no sentido de o meu colega não poder tipo tar preso ali, no braços do outro, sem se poder mexer, sei lá era mesmo, não gostava nada!</p>	<p>P3, quando questionado sobre os seus sentimentos ao ver alguém ser imobilizado, afirma sentir raiva e incapacidade para o ajudar a sair dos braços do outro, pelo que confessa sentimentos negativos face à imobilização</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos, de raiva e incapacidade para ajudar face à imobilização realizada pelos técnicos no primeiro Centro</p>
<p>E: Sentiste diferença de quando entraste nesse Centro para quando saíste?</p>	<p>P3 revela que era mais dado às brincadeiras e mais ativo até se aperceber que ficaria mais dois anos do</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos depressivos face ao</p>

<p>P3: Quando entrei lá eu era mais brincalhão, mais ativo, tava naquela de “hm vou passar aqui mais dois anos”, mas depois quando soube que tinha ainda mais dois, tive, tive também aí, descambei um pouco também ma depois tive que me habituar, já era de mim foi por isso que alterei o meu comportamento e pensaram que eu tinha uma depressão ou algo assim e por isso é que tou a ser medicado, falei várias vezes com um psicólogo, sempre que ia ao médico ia ao psicólogo, eu sempre tive psicólogo desde os oito anos mas nunca deu resultado com nada, falava e davam-me alta por isso...</p>	<p>que julgava num Centro Educativo, afirma ter alterado o seu comportamento e ter sido diagnosticado com depressão pelo psicólogo, da qual é medicado. P3 revela ainda ir ao psicólogo desde os oito anos mas não vê qualquer resultado</p>	<p>prolongamento da sua pena</p>
<p>Passado... dois/três meses, fui a tribunal outra vez. Eu não sabia que ia mudar de Centro, na altura eu pedi várias vezes pra mudar de Centro mas... nem o Centro me ajudava por isso se o Centro não quisesse eu não saía mesmo, só mudei porque tinha feito o nono</p>	<p>P3 afirma desconhecimento pela mudança de Centro e revela pedidos anteriores para mudar de Centro que nunca foram aceites, pelo que mudou apenas para obter a possibilidade de terminar os estudos. P3 revela ainda que já no</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de contentamento face à transição do primeiro Centro para outro</p>

<p>ano e quando se pensou em fazer o décimo segundo, logo... eles tinham que arranjar forma e quando tava aqui, quando soube que aquilo fechou fiquei mesmo contente, foi à falência, primeiro foi o da Madeira que era da mesma gerência depois foi o segundo. Mas a única coisa que eu consegui aproveitar lá foi mesmo a formação, empregado de mesa e bar, foi bom... posso servir em qualquer restaurante, em qualquer bar.</p>	<p>Centro atual teve conhecimento que o Centro fechou por falência e reconhece sentimentos de contentamento pois apenas conseguiu aproveitar lá a formação tirada em empregado de mesa e bar</p>	
<p>E: Trazes alguém de lá? Estavas muito sozinho?</p> <p>Aquele Centro sempre foi um pouco longe mas mesmo assim mantenho-me em contacto com alguns, no Facebook, também não gosto muito de falar no Facebook mas... não tenho contacto. Tinha visitas uma vez por mês, às vezes não tinha durante dois/três meses mas sim, tina visitas e era dispendioso para a minha família por isso também</p>	<p>P3 revela manter o mínimo contacto com os restantes jovens do antigo Centro e que lá tinha visitas bastante esporádicas pois era distante e dispendioso para a sua família, pelo que foi o próprio a comunicar para não o visitarem. P3 faz ainda uma comparação para o atual Centro, afirmando que se sente melhor pois já pode visitar a sua família aos fins-de-semana</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos face ao Centro atual por ser possível sair aos fins-de-semana</p>

<p>falei várias vezes pra não virem por telefone, contacta duas a três vezes por semana durante dez minutos, aqui já é menos tempo mas também não gosto muito de falar ao telefone e eu às vezes nem falo porque aqui já posso ir aos fins-de-semana já é melhor, muito melhor!</p>		
<p>E: Com quem tens um relacionamento mais chegado na tua família? P3: Quando tinha mais saudades quando saí era da minha irmã porque sempre me identifiquei, eramos os dois jovens praticamente, sendo ela a mais velha mas... muitas das vezes ela compreendia-me, várias vezes falava-me com ela, conseguia-me mudar os pensamentos mas quem me visitava mais era a minha avó era aquela que se preocupa mais comigo... ainda tou nos fins-de-semana, ainda vou tendo com ela algumas relações, ainda este fim-de-semana foi um batizado correu</p>	<p>P3, após ser questionado pelo entrevistador com quem tinha um relacionamento mais próximo, respondeu ser a sua irmã pois sempre se identificou e era quem o compreendia e conseguia obter uma mudança nos seus pensamentos, reconhecendo que quem o visitava mais era a sua avó pois é quem mais se preocupava e com quem ainda mantém contacto e uma boa relação, exemplificando com o fim-de-semana anterior quando foi a um batizado</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de identificação e compreensão com a sua irmã e sentimentos preocupação com a sua avó</p>

<p>tudo bem foi uma boa relação entre nós os dois</p>		
<p>E: E quando saíste do outro Centro para este? P3: Vim mesmo contente, quase não dormi, a viagem parecia uma eternidade, nunca mais cá chegava ainda por cima vinha na carrinha daquele Centro mas correu tudo bem, cheguei contente,</p>	<p>P3 revela sentimentos de contentamento e ansiedade aquando a mudança de Centro Educativo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de contentamento e ansiedade face ao momento da transição de Centro</p>
<p>o problema foi ter ficado três dias aqui no quarto mas... é normal, habituei-me, tive que ficar três dias fechado no quarto por causa dos procedimentos deste Centro, que era mesmo assim, pra, eles não me conheciam não iam ter assim logo, por isso, foi assim, depois fui evoluindo, foi assim... E: Como te sentiste nesses três dias? P3: Foram um bocado saturante, lá dentro, tentei dormir ao máximo pra que o tempo passasse mas... não podia fazer nada, era só mesmo estar a olhar pra rua e mais nada, e</p>	<p>P3 revela que à chegada ao atual Centro, e por causa dos seus procedimentos, ficou três dias fechado no quarto. P3 relata que o quarto apenas tinha apenas um colchão e uma colcha e revela sentimentos de compreensão pela atitude do Centro, sentimentos de saturação e de enclausuramento e afirma ter tentado dormir ao máximo para que o tempo passasse rápido</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de compreensão face aos procedimentos do atual Centro, apesar de sentir saturado e enclausurado à chegada ao Centro</p>

<p>dormir... com apenas um colchão e uma... uma colcha. Tava preso...</p>		
<p>Pensava, na altura quando cá cheguei, este Centro tem menos condições, o outro era mais novo mas este Centro tem menos condições entendi logo que aqui era mais... tinha melhor... acolhimento aqui, acolhiam melhor aqui, eram mais... típico caseiro aqui, mesmo um ambiente familiar aqui, vi logo, os colegas também me acolheram bem, já tavam cá dois que tinham vindo lá de cima que eu já os conhecia, disseram que aqui era totalmente diferente e comecei logo a ver que as coisas aqui iam melhorar. Naquela unidade onde eu fui, que era o A, não tem camaras, só agora esta que tou agora na RA é que tem camaras mas eles também não dão muito valor às camaras, confiam mais em nós, sinto-me mais confiável aqui, muito mais, mas também vejo</p>	<p>P3 compara o antigo Centro ao Centro atual e revela que a primeira impressão foram as melhores condições, melhor acolhimento e ambiente familiar, tanto dos técnicos como dos jovens, pelo que o fez ter uma perspetiva de um futuro melhor no atual Centro. P3 revela ainda sentir mais confiança dos técnicos no Centro atual e uma maior proximidade, não dando tanto valor às camaras como no antigo Centro e revela a sua evolução da unidade A para a RA</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de suporte, ligação familiar e confiança no Centro atual</p>

<p>que alguns técnicos, os técnicos, a equipa técnica é diferente</p> <p>E: Em que sentido?</p> <p>P3: Nas relações connosco, são mais... próximos de nós, lá em cima não podiam ser tão próximos, tinham que fazer o seu trabalho e é o seu trabalho, e eram também mais do Porto e isso mas também não fazia grande diferença serem do Porto ou aqui de Lisboa, era diferente a relação...</p>		
<p>E: Conta-me um pouco do teu dia-a-dia aqui</p> <p>P3: Aqui... Acordamos de manhã, não é preciso pedir pra sair do quarto, tamos mais à vontade, vamos, fazemos a fascina de manhã, tomamos o pequeno-almoço, depois voltamos aqui para o sector escolar, corre tudo bem até à hora do almoço, depois temos a reunião a seguir, lá em cima já não era assim com as reuniões, lá em cima era ao fim do dia, iam ao nosso quarto, faziam-</p>	<p>P3 relata a sua rotina diária no Centro atual e revela já não ter que pedir autorização para tudo e ter mais tempo para atividades lúdicas, sentindo-se mais livre e reitera a proximidade e acolhimento da parte dos técnicos pelas reuniões diárias grupais, e não individuais, nas quais desabafa sobre a sua evolução, sobre os seus erros e relacionamentos</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de maior liberdade, proximidade e acolhimento no Centro atual</p>

<p>nos a revista todos os dias, falavam connosco se tínhamos perdido ou ganhado o crédito individualmente e depois fechavam-nos, e aqui já não, aqui falamos todos a seguir ao jantar, conversamos sobre o nosso dia, a avaliação e depois temos o nosso tempo comum onde nós podemos falar, ler ou ver as notícias na televisão ou jogar PlayStation que aqui é todos os dias e lá em cima já não e aqui sempre é melhor... nas reuniões falamos se tivemos algum erro durante o dia, por exemplo, se respondemos mal ao adulto tínhamos que falar na mesa com o nosso Dr.º e com o técnico presente, falamos no qual nós tivemos errados ou o que nos pareceu bem, falamos praticamente, dizemos tudo das aulas que tivemos, se temos algum problema pra resolver ali mas normalmente não se dizem mas... fala-se de</p>		
--	--	--

<p>quase tudo, de relacionamentos, se tivemos notas negativas no que é que tivemos mal... Sinto-me mais acolhido aqui</p>		
<p>E: E achas que foi justa a condenação? P3: É assim... foi mas a medida foi longa de mais, foi o que me pareceu, não era preciso assim tanto, pelo qual me fez parecer com estas novas leis que têm vindo agora, o qual eu fui e tive aqui também o projeto que é “Justiça Para Todos” e fomos a uma simulação no tribunal e no qual disseram que não se podia ter 2+2 e eu perguntei o que é que tinha saído mas depois disseram que o que resolveram do meu foi dois cúmulos e... que as leis era diferentes e que se fosse agora já não era assim, que estes últimos dois anos tinha ido mas com, tipo... como os adultos, prisão preventiva, pronto mais ou mais ou menos</p>	<p>P3, quando questionado pelo entrevistador quanto à justiça da sua condenação, afirma sentir que a pena foi demasiado longa e que se fosse adquirida agora, com as novas leis, não poderia ser tao longa</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com dualidade de sentimentos face à justiça da condenação, achando justa mas demasiado longa</p>

<p>Já tou aqui há muito tempo, tou a ficar mesmo saturado disto, sempre a mesma rotina... desleixa uma pessoa, fico desleixado porque antes era mais ativo, agora já não tanto, é sempre a mesma coisa... Eu queria ter mais liberdade não é? Queria ter o meu trabalho, o meu dinheiro, as minhas coisas, os meus direitos, os meus prazeres que aqui não posso ter...</p>	<p>P3 revela sentir-se saturado da institucionalização, com a mesma rotina e que isso faz com que se desleixe. P3 reconhece o desejo de maior liberdade que institucionalizado lhe é impossível adquirir, como o seu dinheiro, trabalho, direitos e prazeres</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de saturação e desleixo face à institucionalização</p>
<p>E: Como vês o mundo lá fora? P3: No início, quando tava lá em cima pensava que era tudo muito fácil lá fora, mas não tava lá fora mas quando cheguei aqui e ia aos fins-de-semana comecei a me atualizar e tá um pouco difícil mas quem quer consegue, sinto que tudo é possível... comecei a ir aos fins-de-semana a casa há um ano atrás, foi mesmo neste momento há um ano atrás, comecei no verão,</p>	<p>P3 revela inicialmente ter julgado que era mais fácil estar fora do Centro mas, com as idas a casa ao fim-de-semana, já no Centro atual há um ano atrás, reconheceu que as coisas estão difíceis</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativos ao reconhecimento que a vida fora do Centro é difícil</p>
<p>a primeira vez num fim-de-</p>	<p>P3 relata a primeira vez</p>	<p>Unidade de significado</p>

<p>semana fui logo pra casa dos meus avós, já nem reconhecia nada, já nem reconheço lá ninguém do bairro mas vou-me lembrando, a primeira coisa foi arrumar o meu quarto, meter as coisas à minha maneira, limpar tudo, tava tudo igual porque quando eu fechei o quarto fechei à chave e... mandei a chave fora, tinha quinze anos e na altura estava institucionalizado mas eu fugia de lá e ia pra casa e na altura tudo aquilo que eu adquiria por mal eu metia lá dentro, às vezes vendia e depois comprava outras coisas e deixei no quarto por isso, deixei fechado à chave porque tinha lá coisas valiosas... mas quando cheguei tive que arrombar, comprei uma fechadura nova, arrumei tudo à minha maneira, limpei tudo tava tudo cheio de pó, comecei tudo de novo no quarto e depois, ao fim de um dia, tive que ir à praia era altura</p>	<p>que saiu do Centro Educativo e revela ter ido imediatamente a casa dos seus avós, onde deixou o quarto trancado e a chave atirada fora pois quando estava no Centro de Acolhimento fugia e deixava lá as coisas valiosas roubadas, e foi arrombar a porta do quarto e arrumar à sua maneira e no dia seguinte ter ido a praia. P3 revela sentimentos de contentamento por esse fim-de-semana, que se vai lembrando do seu bairro aos poucos e sentimentos de uma maior liberdade, apesar de ter que permanecer em contacto com o Centro, mas confessa que recomeçou a sua vida sexual. P3 revela ainda a dificuldade sentida ao voltar para o Centro, mas está conformado com esse facto</p>	<p>psicológico relacionado com sentimentos de contentamento e liberdade face à primeira vez que se ausentou do Centro e sentimentos de dificuldade e conformação em voltar</p>
--	---	--

<p>de verão, já não ia há algum tempo tava mesmo a ficar branquinho (risos) tive que ir com a minha irmã, foi excelente esse fim-de-semana... agora ia dizer uma coisa muito pessoal mas sei lá, já há algum tempo que não fazia umas práticas, sexo... tive que recomeçar e era um pouco mais de liberdade, não era toda porque tinha que me manter em contacto aqui com o Centro via telefone sempre mas... tinha a minha liberdade... fui numa sexta e vim no domingo, já foi mais difícil de vir mas... tive que vir e vim não é?</p>		
<p>Vim com a minha avó, só passado algum tempo é que deixei de vir acompanhado, dantes ia sempre acompanhado e vinha com um familiar, vinham-me cá buscar e trazer, agora é uma/duas vezes por mês ao fim-de-semana, naquela altura foi que é esta altura mais as férias, vamos cinco dias até oito dias, é mais</p>	<p>P3 revela que inicialmente era acompanhado de volta ao Centro mas, com o passar do tempo, deixou de ser e revela os dias que pôde sair do centro e a habituação pelas saídas</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de habituação nas saídas do Centro</p>

<p>tempo em casa, fui cinco dias, primeiro fui três que é esse fim-de-semana depois é que fui... mais três, mais outro fim-de-semana, depois fui mais dois, foi um sábado e um domingo, fui-me começando a habituar, uma pessoa tem que se adaptar, tipo... senão fica mais difícil, tem que se habituar</p>		
<p>depois disso fiz o estágio fora, faltava o estágio lá de cima, fiz um estágio num restaurante, o Chapiro, foi excelente, gostei, foi a minha primeira experiência de trabalho, lá fiz os meus cocktails, bebidas, servi a mesa... gostei. Senti independência, senti responsabilidade e que foi fácil termos responsabilidades, saí de um sitio que tinha várias regras e quando cheguei lá tinha que ser tudo certinho mas depois, até quase ao fim, tinha mais liberdade, fazia as tarefas um bocado à minha maneira, sem... incomodar os outros, das</p>	<p>P3 relata a sua primeira experiência de trabalho, no Chapiro, e revela ter gostado de sentir independência e responsabilidade, por poder evoluir e fazer as suas tarefas à sua maneira. P3 revela que o Centro descobriu que este consumiu droga com um amigo a dois dias de terminar o estágio pelo que terá que repetir e, a pedido do próprio, irá recomeçar e terminar este ano</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de independência, responsabilidade e poder face à sua primeira experiência de trabalho</p>

<p>formas que eu fazia e depois... tive um pequeno percalço foi... que já não, na altura, antes de ir pró Centro fumava, não fumava cigarros, fumava mais erva, depois quando fui pró estágio, como era perto da minha zona encontrei um amigo e quando, prontos, lá tivemos a fumar, depois vim praqui e eles descobriram que eu tinha fumado e pronto, faltava dois dias pra acabar o estágio mas vou recomeçar este ano... pedi que era pra acabar</p>		
<p>E: Sentes-te uma pessoa diferente? P3: Claro, anos após ano podemos mudar pouco mas mudamos, sinto responsabilidades também já tou a tirar a carta, ainda não me sinto completo por isso...</p> <p>E: O que é que te falta para te sentires completo? P3: Acabar mesmo, ter a certeza que tenho o décimo segundo ano, que tenho a</p>	<p>P3, quando questionado pelo entrevistador, confessa ainda não se sentir completo na mudança mas que sente uma mudança na sua pessoa, pois para isso necessita de acabar os estudos e cursos, tirar a carta e sair do Centro, afirmando que necessita da sua liberdade e poder utilizá-la a seu favor, não repetindo o que fez anteriormente</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de mudança em si e necessidade de terminar a escolaridade e sair em liberdade total para a mudança ser completa</p>

<p>carta, que tenho o curso e tenho que sair daqui pra me sentir completo claro, que a liberdade... o que me faz mais falta é a liberdade, essencialmente é... e sinto-me capaz de utilizar a liberdade a meu favor, já tou há tanto tempo privado da liberdade que não volto chegar lá fora e fazer as mesmas coisas não é? Senão... vou outra vez</p>		
<p>E: Qual foram os teus melhores momentos nos Centros Educativos? P3: O meu melhor momento lá foi quando saí de lá pra vir praqui, o melhor momento daqui foi mesmo... o primeiro fim-de-semana que fui a casa porque nunca pensei que esta fosse a minha casa, nunca pensei assim, muitas pessoas dizem que isto não é um campo de férias e eu sei, por causa da liberdade mas isto pra mim é como se fosse um campo de férias, não no sentido de liberdade mas no sentido de não ser a minha casa,</p>	<p>P3, após ser questionado pelo entrevistador pelo seu melhor momento em cada Centro Educativo, responde que o no anterior foi ir para o atual e que no atual foi o seu primeiro fim-de-semana de saída a casa pois nunca julgou que o Centro fosse a sua casa e sente o Centro como um campo de férias, no sentido que é um lugar de passagem e de reeducação</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde o P2 explica que sente o Centro como um lugar de passagem e reeducação</p>

<p>apenas um lugar de passagem da minha vida, mesmo que tenha que reeducar</p>		
<p>E: Sentes-te dependente daqui? P3: Tento que não, mas às vezes... às vezes penso que sim, já tou tão ligado a isto que parece que nunca mais vou sair mas... vou tentando, cada vez que vou casa, tentando fazer outras coisas e não pensar no Centro, já tive pra não voltar mas... é melhor, pra mim, ter que voltar e fazer tudo porque senão vou ter que recomeçar tudo de novo e vai ser mais difícil... se eu não voltar vão ter que andar atrás de mim e se calhar ia voltar a adrenalina outra vez e fazer coisas muitos piores e se calhar o melhor pra mim é mesmo ir e acabar tudo certinho, não ter mais problemas com a lei...</p>	<p>P3, quando questionado pelo entrevistador se se sente dependente do Centro, reconhece que por vezes, apesar da tentativa contrária, sente que sim pois, por já ter uma ligação tão forte, pensa que nunca irá sair. P3 confessa que já pensou em não voltar ao Centro mas julga melhor para si voltar e não ter que recomeçar de novo pois perspectiva que se fugisse voltava a adrenalina e a ser o que era e, pelo contrário, julga ser melhor para si não ter mais problemas com a lei</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de dependência face ao Centro e, apesar de confessar o desejo de fugir, reflete que será melhor para si não deter mais problemas legais</p>
<p>E: O que é que o Centro te deu que te fez crescer? P3: Deu-me mais cabeça, mais cultura geral...</p>	<p>P3 afirma que o Centro o fez crescer, dando-lhe mais cabeça, maturidade, cultura geral e uma mudança na</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação face ao Centro</p>

<p>maturidade, a forma de pensar... isso eu devo ao Centro, fez-me crescer muito, eu quando fazia os roubos sempre foi uma coisa individual porque na altura, como os meus avós não tinham muito pra me dar, eu pensei “vou fazer por mim” nas não era a trabalhar, era mesmo assim, era mais fácil por isso era assim que eu fazia...</p>	<p>sua forma de pensar e refere que quando cometia os roubos sempre pensou por si mesmo, individualmente, justificando ser assim mais fácil</p>	<p>pois fê-lo mudar a forma de pensar e deu-lhe maturidade e cultura geral</p>
<p>agora falta até Outubro, novembro, quatro meses pra eu sair e tento não pensar, que é pra passar rápido senão... se pensar sei lá, ainda tenho uma recaída ou assim, depois quando sair sei lá, vou viver, não ter a noção do tempo... vou para a Legião Estrangeira em França uns oito anos, porque é um desafio pra mim... é uma competição e eu sou muito competitivo, a nível mundial e depois... os meus avós também não percebem muito bem mas já falei com a minha irmã e</p>	<p>P3 refere não pensar muito no tempo que falta para a sua pena terminar e sair do Centro pois tem receio de uma recaída e perspectiva a sua vida quando sair, revelando que deseja viver sem ter noção do tempo e alistar-se na Legião Estrangeira por volta de oito anos, pois diz ser muito competitivo e querer ir sozinho e estar afastado, e de seguida trabalhar na sua área, em cruzeiros, sempre a viajar. Quanto ao alistar-se na Legião Estrangeira, P3 refere que os seus avós não</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com o receio de uma recaída após a saída do Centro e refere como perspectiva de futuro trabalhar num lugar distante</p>

<p>ela disse “vai e depois diz-me como é que foi” e depois disso vou trabalhar em cruzeiros com o meu curso, vou andar sempre em viagens. Acho que é mais fácil arranjar trabalho por ter estado aqui até, penso que vai ser mais fácil mas mais pela forma de eu ser se calhar, vou tentar ser mais comunicativo porque quase nunca fui, estrangeiros é diferente, olham pra nós de maneira diferente como nós pra eles por isso é sempre mais fácil e quero-me afastar daqui por isso também, vou sozinho...</p>	<p>compreendem totalmente mas que a sua irmã da o seu aval. P3 refere ainda que julga ser mais fácil arranjar trabalho por ter estado no Centro e pela sua maneira de ser e vai tentar ser mais comunicativo</p>	
<p>mas é mesmo difícil dizer um melhor episódio cá porque não tive assim grandes momentos... mas se calhar os melhores momentos se calhar os ateliers de Chapitô que é quando se aprende fazer circo, malabarismo e andar de monociclo, é quando penso noutras coisas</p>	<p>P3 reitera a dificuldade em dizer um melhor momento pois nunca teve muitos mas afirma que talvez os ateliers de Chapitô pois está concentrado noutras coisas</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativos à ausência de grandes momentos no Centro</p>
<p>mas não vou levar ninguém daqui no coração, não sou</p>	<p>P3 revela não levar consigo ninguém no coração pois</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado</p>

<p> pessoa de me afeiçoar, é difícil eu manter um relacionamento de amizade... e de amor, amor, amor nunca tive, curti várias vezes mas... também nunca quis manter um relacionamento sério, acho que é uma defesa minha por causa das vivências que tive quando era pequenino e se calhar nunca teve esse afeto pra não relacionar com alguém, se calhar tenho medo que me desiludam ou assim, por isso mesmo é que eu não, eu não o faço, já fui desiludido, involuntariamente, muitas vezes... se calhar essas pessoas não me queriam magoar mas no fundo magoaram-me... mas com o passar do tempo vou-me conciliando com isso </p>	<p> não é pessoa de se afeiçoar e para ele é-lhe difícil manter relacionamentos, seja de amizade ou amor e justifica essa maneira de ser afirmando ser uma defesa pelas suas vivências de infância e nunca ter recebido tal afeto de ninguém, confessando que tem medo de ser desiludido pois já foi muitas vezes desiludido e magoado, apesar de se dizer conciliado com esse facto com o passar do tempo </p>	<p> com sentimentos de dificuldade em manter relacionamentos como defesa pelo receio de ser desiludido e magoado como anteriormente </p>
<p> E: Mudarias alguma coisa? P3: A minha forma de ser... não tenho muitos relacionamentos, querer ser mais social e não sou... quanto às minha ações em </p>	<p> P3, após ser questionado pelo entrevistador, revela que mudaria a sua forma de ser pois nunca se relacionou realmente e deseja ser sociável e que, quanto às suas ações, </p>	<p> Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de arrependimento face ao seu comportamento delinquente apesar de referir que uma </p>

<p>certos pontos mudaria porque também se não fossem essas atitudes se calhar não era a pessoa que sou, os pensamentos que sou e os erros fizeram-me crescer, fizeram-me ver o que é a vida, o que é mau e o que é bom, porque não tinha essa noção e por isso mesmo é que eu fazia isso e tinha esse tipo de atitudes e... comecei a pensar melhor quando vim pra um Centro, lá pra cima... fiquei arrependido em certos pontos porque a minha personalidade é muito, sou muito indiferente aquilo que acontece ou que aconteceu</p>	<p>mostra-se um pouco ambíguo pois mudaria mas apenas em determinados pontos, referindo que foi com os erros e atitudes que teve que conseguiu aprender o que é a vida e distinguir o bom do mau, justificando assim o seu comportamento delinquente. P3 reconhece então que começou a pensar melhor quando chegou a um Centro Educativo, sentindo-se arrependido, apesar da sua personalidade de indiferença aos acontecimentos</p>	<p>ambiguidade de sentimentos pois assim conseguiu distinguir o bom do mau e refere sentimentos de gratificação face ao Centro pela mudança de perspectiva.</p>
<p>e acho que essa minha personalidade só mesmo em ultimo caso, não vou dizer que não vou cometer os mesmos erros porque sou um bocado frio nesse tipo de situações mas vou sempre tentar que não porque o pior é para mim não é pra mais ninguém...</p>	<p>P3 refere que, apesar de não dar certeza e da sua frieza nestas situações, irá sempre tentar não cometer os mesmos erros e reconhece que as consequências são suas e de mais ninguém</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P3 revela a sua personalidade fria face a cometer os mesmos delitos e refere a tentativa de não o fazer</p>

ANEXO D – TRANSFORMAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO EM EXPRESSÕES DE CARÁCTER
PSICOLÓGICO DE P4

Masculino

16 Anos

Tempo de Institucionalização: 2 Anos (24 Meses)

Transcrição da Entrevista	Comentário	Unidades de Carácter Psicológico
<p>E: Gostava que me contasses um pouco da tua história de vida antes de seres institucionalizado</p> <p>P4: A minha história... eu quando nasci era uma criança saudável, vivia num bairro depois os meus pais decidiram construir uma vivenda e isso e fomos pra lá. Depois os meus pais quando eu tinha onze anos separaram-se, foi cada um para o seu lado, eu fui viver pra casa da minha avó, calhei ficar mais perto da escola e tudo e às vezes ia pró pé da minha mãe e quando não ia ficava em casa da minha avó, depois quando... depois comecei a sair mais pra rua e isso, tar com alguns rapazes na rua e era sempre na mesma e isso, mas depois a minha</p>	<p>P4 relata a sua história de vida, nasceu num bairro e após a separação dos seus pais, aos onze anos, foi viver com a sua avó.</p> <p>Passado um ano começou a sair mais para a rua e a conviver com rapazes quando a sua avó morreu e foi viver com a sua mãe para casa da sua tia e revela ter começado nesse momento a fazer o que a fez ser institucionalizada</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde revela que cresceu num bairro social e que quando a sua avó morreu foi quando começou a delinquir</p>

<p>avó faleceu quando eu tinha os meus doze, foi assim muito... isto foi tudo assim muito rápido, a minha vida mudou assim muito rápido, a minha avó era como se fosse uma segunda mãe pra mim, pronto depois a minha avó morreu e a minha mãe foi lá viver lá pra casa da minha tia depois fui viver pra minha tia depois foi como comecei a minha vida, como o que me levou a levar aqui, a sair, a fazer as parvoíces que eu fiz e isso...</p>		
<p>E: Que parvoíces foram essas? P4: (Risos) Começou com um simples roubou, a roubar coisas assim de supermercado e isso, a roubar bebidas e coisas assim, com simples roubos. Depois comecei, comecei a tomar o gosto e olha comecei a avançar, já roubava pessoas e isso</p>	<p>P4, após ser questionada pelo entrevistador, relata que começou na delinquência com roubos de supermercado e bebidas e, com o passar do tempo, começou também a roubar pessoas diretamente</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P4 revela a evolução da sua delinquência</p>
<p>depois foi, depois parei imenso tempo porque apanhei um susto... que</p>	<p>P4 revela que parou temporariamente de roubar após um susto quando foi</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionados com sentimentos de susto</p>

<p> tinha ido ter parar ao CPCJ, apanhei um susto, parei! Bem... eu tinha, eu entrei num supermercado, fui eu mais um colega meu, a gente como tínhamos durante o verão íamos praticamente todos os dias ao C., porque é la na zona aquilo fica mais ou menos perto, íamos todos os dias de bicicleta e o que é que a gente íamos fazer? Íamos roubar, roubar roupa, cenas coisas assim, pronto que não tem utilidade nenhuma mas a gente roubava, depois a gente tava a vir pra cá, e a gente e eu virei-me pra ele e disse assim “tão vamos passar aí no Modelo? Vamos apanhar uns chocolates, uns sumos e não sei quê depois bazamos”, “ah tá bem bora”, fomos apanhei os chocolates, apanhei os sumos, ele ficou a pagar os sumos e eu saí e eu saí o segurança apanhou-me pediu-me pa eu esperar e quando ele veio também levou nós os dois lá pa </p>	<p> apanhado, num supermercado, a roubar com o colega com quem estava habitualmente nestas ocasiões </p>	<p> que levou a parar de roubar temporariamente </p>
---	--	--

<p>dentro, é eu não sabia mas ele também tinha roubado, tinha roubado umas latas qualquer para o carro ya, e foi assim, foi assim que eu apanhei o susto</p>		
<p>E: O que é que sentiste quando foste apanhado? P4: Eu tinha fugido mas tipo ele disse “espera aí que eu também tou à espera do teu colega “ senão tinha começado a correr mas olha, senti quê? Fiquei aflito, senti fiquei com aquela cena, aquele aperto...</p>	<p>P4, após ser questionado pelo entrevistador, afirma que, ao ser apanhado, sentiu-se aflito e com um aperto e que senão fosse o colega também ter sido apanhado teria fugido do local</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de aflição quando foi apanhado em flagrante e perspetivou fugir</p>
<p>depois olha fomos lá pró... praquela casinha dos seguranças e isso, ah tirei as coisas dos bolsos, tirámos tudo, ele virou-se pra gente “tão pra que é que vocês querem as navalhas?” “atão chefe quer o quê? Agora todo o garoto, não andamos sem navalha, anda aí com cada psicopata” ele começou-se a rir “tão tu!” pró meu colega, “tira o resto das coisas dos bolsos” eu olhei tipo com aquela cara “tão</p>	<p>P4 continua o relato do susto e refere que ficou surpreso quando reparou que o seu colega também tinha roubado e que pediu ao segurança para não chamar a polícia pois já estava sinalizado na CPCJ, tendo o segurança acedido ao pedido e deixou-os ir. P4 reitera que apanhou este grande susto que o fez parar de roubar</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionados com sentimentos de surpresa após perceber que o seu colega também roubou</p>

<p>mas ele também tem alguma coisa?!” ah o meu colega tirou as latas e depois “ah sabes quanto é que isso custa?” e eu virei-me “oh chefe eu tenho aqui dinheiro” “então tens aí oito euros?” “ah não pa só tenho dois” (risos) e ele assim “então olha vamos chamar a policia e tal” eu assim “ai oh chefe não faça isso, eu tou no CPCJ e tal” e o cota virou-se pra gente “vá desta passa mas tenham atenção e tal”, ah saímos, a gente desprendemos as bicicletas montámos nas nossas bicicletas, ainda tinha chocolates arrumei na mala e fomos pra casa... então foi esse o grande susto que fez parar ali!</p>		
<p>Depois ya... depois houve também umas confusões com a polícia porque do nada revistavam-me à toa</p> <p>E: Já te conheciam?</p> <p>P4: Já, eles conhecem-me já de costas (risos) fogo é injusto, porque eu sou muito parecido com o meu</p>	<p>P4 refere confusões com a polícia e injustiça pois era sempre revistado porque era confundido com o seu irmão que também cometia delitos. P4 revela que, não muito tempo após ter parado, começou a cometer os delitos ditos a sério e</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionados com sentimentos de injustiça face à polícia por ser confundido com o seu irmão e revela a progressão rápida para a delinquência</p>

<p>irmão e o meu irmão sempre andou nessa vida, eles confundem-me eu e o meu irmão, ya, depois olha, depois parei depois foi como comecei a fazer as coisas como vá a sério. Parei até aos treze, foi pouco tempo, não foi assim muito tempo mas depois deixei de ir ao CPCJ também e isso</p>	<p>deixou de se apresentar na CPCJ</p>	
<p>E: E o que é que te fez voltar? P4: O que é que me fez voltar? Um pedido, um pedido pra ajudar e eu naquela fui... foi assim, foi tavamos perto do Natal eu e o meu irmão tavamos a jantar em casa do meu tio e eu virei-me pra minha mãe “não vou-me embora não tou a gostar de aqui tar”, saí “porque se eu vou ficar aqui vou começar a discutir e depois pronto vai haver porcarias, vou pra casa”, “ah ta bem”, tava já em casa já tava deitado aparece-me ele todo todo elétrico “ei oh S. oh S. vem comigo vem comigo” eu</p>	<p>P4 revela que o que o fez voltar à delinquência foi um pedido do seu irmão, nove anos mais velho, que após uma discussão familiar em casa do tio P4, já deitado em sua casa, aparece o seu irmão num stress imenso e pede ajuda, P4 acede ao pedido e roubam uma loja conhecida, tendo o seu irmão cortado a perna no decorrer do roubo e P4 chamou imediatamente ajuda da sua mãe e tio com a mala dos primeiros socorros. Quando chegam a casa P4 refere que o seu irmão, ao contar o sucedido, omitiu que P4</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P4 revela a influência do seu irmão ao voltar a delinquir</p>

<p>assim “atão mas o que é que se passa?” “eu preciso da tua ajuda e tal” e eu assim “mas o que é que se passa o que é que tu trazes aí?” ele trazia daqueles sacos do lixo, mandou aquilo pro chão, bue maços de tabaco e não sei quê e eu “o que é que tu fizeste P.?” “ah e tal vem comigo que eu preciso da tua ajuda”, nós temos 9 anos de diferença, e eu fi buscar dois sacos do pingo doce, daqueles grandes quando chego ao pé da loja “ei oh mano ainda por cima nesta loja, eu conheço o dono e tudo” e ele “oh mas ajuda-me ajuda-me” ele bue aflito ya, enchemos os sacos, tou a sair pela porta porque ele partiu o vidro de baixo, tou a sair e ouço o alarme a apitar e penso o que é que este gajo fez, olho pra dentro ta ele ao balcão e eu assim “fogo sai já daí vamos embora mas é” ah depois como ele tinha problemas com drogas e isso ele deu-me os sacos</p>	<p>também estava incluído e refere que foi nesse momento que voltou novamente o gosto por roubar</p>	
--	--	--

<p>pra eu correr porque ele não aguentava muito tempo a correr, cheguei a casa primeiro, deixei lá as coisas entretanto ele cortou-se na perna ou o que é que foi a passar na porta, chegou a casa todo coiso a sangrar da perna, liguei pra minha mãe pra minha mãe vir rápido e pra trazer o meu tio e a mala dos primeiros socorros (risos), o meu tio fez o curativo ao meu irmão, depois o meu tio agarrou no meu irmão e nas coisas roubadas e levou, levaram as coisas, depois o meu irmão disse à minha mãe e ao meu tio o que é que fez, não disse que eu fui pra minha mãe não se chatear com ele, ah e foi aí que começou tudo, foi aí que comecei a apanhar o gosto outra vez...</p>		
<p>a minha mãe passou-se com ele, passou-se com ele e o meu tio disse mesmo “P. se fazes mais alguma destas deixo de te falar e tal, ainda por cima tiveste</p>	<p>P4 refere que a reação da sua mãe e tio foi de repreensão e refere que o seu irmão já tinha sido preso anteriormente, o seu tio levou então o seu irmão</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de repreensão por parte da sua mãe e desilusão pela influência do seu irmão</p>

<p>aquele problema há pouco tempo e eu não quero-te ver outra vez preso nem nada disso, vê lá o que andas a fazer da tua vida” a dar granda lição de vida, a minha mãe a mesma coisa e depois ele, o meu irmão e o meu tio saíram de casa, foram esconder as coisas. Depois apareceu, já com a perna curada e tal, com o curativo e isso, apareceram lá em casa todo elétrico e eu assim “fogo, a sério? Foram esconder isso ainda por cima depois de me chamar, ainda por cima a mim” e depois de eu dizer isso que não quero entrar nessas cenas.</p>	<p>a esconderem as coisas pelo que P4 ficou desiludido por terem escondido os itens roubados após ter sido chamado quando já tinha afirmado não querer entrar nesse tipo de cenas</p>	
<p>Depois foi um dia que cheguei ao pé dele e disse “tão como é que é? Deixa lá ir contigo que eu preciso de dinheiro” e ele assim “não não, não sei quê tas maluco não não” e eu “pronto então vou fazer as minhas coisas sozinho”. Fui, roubei dois rapazes, que é um processo que eu tenho, eu mais dois</p>	<p>P4 refere que voltou à delinquência quando foi pedir ao seu irmão para ir consigo roubar pois precisava de dinheiro, o seu irmão negou e decidi ir sozinho e dois colegas roubar. P4 revela que o seu irmão descobriu e repreendeu-o e aos seus colegas</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P4 explica que pediu ao seu irmão para voltar a delinquir com este mas este negou</p>

<p>roubamos eles, depois ele soube isso foi falar com os outros veio falar comigo, puxou tudo pra sala fechou a porta “agora vamos falar os quatro” depois começamos a falar, deu-me nas orelhas deu também nos outros, ele soube porque eu também não lhe escondi nada,</p>		
<p>porque quando era mais novo a gente mal se dava ou era, ou eu levava porrada dele ou eu fazia as coisas dele ou coisas assim mas, mas quando a gente, quando eu cresci ele caiu em si e tipo “fogo eu trato bué mal o meu irmão” depois começou-me a tratar bem depois foi viver lá pra casa outra vez e pronto, começamos a ser uma família a sério e como continuamos todos... foi isso, assim!</p>	<p>P4 refere que antigamente não se relacionava bem com o seu irmão pois este tratava-o mal, até ter crescido e começou a tratá-lo bem quando foi viver para a sua casa, e revela ter sido nesse momento que se sentiu em família</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a evolução da relação com o seu irmão e familiar</p>
<p>Depois ele disse “ah queres roubar né?” então olha vou-te levar comigo “vais apanhar um susto que não vais querer entrar mais nisso” e eu “ta bem, bora</p>	<p>P4 relata que o seu irmão aceitou ao pedido de ir com ele com o intuito deste apanhar novamente um susto que deixaria de vez, pelo que foram roubar um</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desejo novamente pela delinquência quando roubou com o seu irmão e</p>

<p>vou contigo” e ya, foi quando fomos roubar um carro e coisas assim, depois eu disse assim “tão? Só isto? Isto é pra meninas e tal” (risos) depois olha, depois comecei a ir com ele e comecei a meter nas drogas e isso, tipo heroína, ecstasy... e branca, foi aí que estragou tudo, mas nunca fiquei dependente disso... não! Como fumava praticamente todos os dias fiquei com dores no corpo e isso de não fumar... mas de resto... a branca era mais tipo de cabeça tás a ver de pensar mas não dava grande vicio e pronto, foi assim que começou foi assim que também a primeira vez que fumei foi com o meu irmão, ele tava a fumar e eu cheguei ao pé dele e “tão deixa lá experimentar isso” e ele “ai é? Ta bem experimenta”, “tudo o que quiseres experimentar pede ao mano que o mano arranja que prefiro que experimentes comigo do que com outra</p>	<p>carro, P4 revela ter tido o efeito contrário, começou a ir com o seu irmão e a consumir droga (como heroína, ecstasy e cocaína) junto com o seu irmão pois este afirmava que preferia que experimentasse consigo, sabendo o que está a consumir. P4 reconhece ter sido nesse momento que se estragou, apesar de julgar não ter ficado dependente do consumo, consumia diariamente</p>	<p>iniciou o consumo de drogas com o mesmo, P4 revela sentimentos de arrependimento pelo mesmo</p>
---	--	--

<p>peessoa, assim eu sei do que é que tas a fumar”, depois experimentei e comecei a fumar também e eu e os meus outros dois colegas...</p>		
<p>E: Roubavam maioritariamente para a droga? P4: Sim, também e pra pra as outras coisas, comida e assim, não só pra droga...</p>	<p>P4, após ser questionado pelo entrevistador, revela que roubava não só para ter dinheiro para a droga mas comida e outros</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P4 revela que o motivo pelo qual roubava era maioritariamente drogas e comida</p>
<p>E: Como te sentias a roubar? P4: Como é que eu sentia? Era sempre alterado que eu roubava não sei, sempre tipo se não era outro tipo de drogas era ganzas... tipo comecei com treze anos, com treze não, isso foi... quando eu comecei a roubar mesmo foi em 2013, nos meus catorze anos, foi quando comecei a roubar mesmo a sério, ya... até ao principio drogas, foi assim os meus dias, à noite tava em casa, saía, ia ao café e isso, voltava... pra casa antes de tipo, da noite fumávamos e saímos, arranjar carro, depois arranjar relógios, sítios pra</p>	<p>P4 revela que roubava sempre com substâncias ilícitas no corpo, sentindo-se alterado e reitera que começou a roubar aos catorze anos. P4 relata ainda a sua rotina diária nessa altura da sua vida, consumia droga, saía de casa, roubava relógios, locais, pessoas e carros e com o carro e o dinheiro roubado enchiam o depósito e andava de zona em zona apenas a roubar, afirmando sentir que já estava viciado nessa rotina</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos alterados e quando roubava devido ao consumo de drogas e sentimento de vicio na rotina que tinha.</p>

<p>ir roubar ou pessoas... e era assim... eu sinto que já tavamos tipo viciados, era por exemplo “tão onde é que vamos hoje?” “hoje vamos lá pra S. controlar, dar uma volta” tão íamos pra S., tipo andar a toa tás a ver? Se a gasolina chegou chegou, se o carro parou apanhamos outro e era assim que a gente fazia, se roubávamos alguma coisa de jeito ainda enchíamos o depósito, roubávamos as cenas e depois íamos embora, íamos pra outra zona depois da outra zona íamos pra outro sitio que outro conhecia, depois voltávamos e íamos outra vez, tipo, era sempre assim, fazíamos trezentos e tal km...</p>		
<p>numa noite dormi no carro, fogo foi granda cena vou contar, fomos lá pra minha zona, e tipo “vamos onde?” “vamos à praia”, calcões e tal, fomos dar um mergulho, saímos da água começámos a olhar prós bares, ah e tal ya, depois</p>	<p>P4 relata um episódio marcante antes de ser institucionalizado quando foi com os seus colegas e irmão roubar um bar de praia e, de volta a casa, dentro de um carro roubado, foram mandados encostar por policcias, com</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionados com sentimentos de ansiedade ao quase ser apanhado novamente em flagrante e relata esse episódio</p>

<p>fomos abrir a porta e entrámos, fui eu que entrei primeiro porque era eu que abria as portas sempre, mal a porta abriu <i>ti ti ti</i>, depois o alarme disparou, corri, voltei, tirei as cenas corri outra vez pela porta a correr pro carro, eu tava no carro arrancámos, fomos pelo mesmo caminho e arrancámos e só mandávamos bocados da caixa fora, fomos pela autoestrada e tínhamos dois sacos do lixo cheios de bebidas e isso porque o bar era, tinha aquelas máquinas frigoríficas cheias de cervejas de sumos e isso, é enchemos os sacos e depois voltámos muito rápido pra tirar o dinheiro e isso, ya, estávamos a vir na autoestrada e do nada a gente olha, a gente abrimos os olhos “eia operação stop estamos lixado” eu fiquei logo do tipo tou lixado e tal ya, mas o que deu mais cana foi nós termos bué moedas do tipo dez cêntimos, vinte, dois...</p>	<p>droga e objetos roubados dentro do carro, P4 confessa a ansiedade que sentiu ao pensar que seria apanhado e que conseguiram passar ao enganar o policia e a sorte que teve por um carro fazer de distração para conseguirem ter permissão para seguirem viagem sem serem descobertos. P4 revela que decidiram ir vender os objetos roubados nessa manhã e que, após a venda foi consumir droga, confessando que esta era a sua vida, apenas roubar e consumir droga</p>	
---	--	--

<p>então parámos na cena da portagem e a policia reparou que tavamos a demorar bué tempo e mandou a gente encostar e eu tipo fogo, o carro não era nosso, tudo a mostra os sacos tudo a pensar fogo já fui ainda por cima com tudo dentro do carro, os sacos a droga tudo e pronto, mesmo a mostra a pensar que já estamos lixados, depois saímos do carro e tal começaram a revistar o carro e perguntaram porque é que eram aquelas bebidas ali e o meu irmão tipo “sabe, é que a vida tá difícil e tal, fomos prá pesca (risos), fomos prá pesca e o carro é de um colega meu, ele emprestou o carro à gente pra eu ir por o meu irmão a casa que ele não tem idade pra ficar até esta hora e pra ir pô-lo a casa e estes dois colegas vieram comigo pra não adormecer pelo caminho” e o polícia respondeu “ah ta bem mas vamos precisar do</p>		
--	--	--

<p>documento da viatura e o seu” “ah oh chefe a minha carteira ta em casa, ta la o meu BI e tal e os documentos do carro tão com o meu colega” “ah então não sei se sairão daqui já” e eu já fogo a tentar manter a calma pra não stressar e ya, ficamos a espera que o meu irmão viesse e ele entrou pra carrinha e eu do tipo a pensar “fogo será que ele já não sai de lá?” passa um carro a abrir, saem logo dois carros e duas motas da policia atrás do carro, depois ficou com dois agentes e tipo depois eles meteram só a matricula do carro e deixaram a gente arrancar eu só disse “ei granda sorte, até deixaste aí a droga, tudo a mostra e eles nem viram” (risos), depois seguimos e quando chegámos a V.F. o meu irmão disse que não podia levar aquilo pra casa, tão saímos da auto estrada e entrámos outra vez na auto estrada, fomos pra outra</p>		
--	--	--

<p>zona pra vender no café de manhã e ficámos dentro do carro, não tive paciência e deixei-me em cima das latas e deixei-me dormir em cima de tudo no carro, acordei com granda dores de costas tipo maldita hora que me pus ali, levantei-me e tava ali sozinho, comecei a abrir os olhos melhor a procura deles e tavam sentados na esplanada a beber, fui lá, sentei-me pedi um café também, e e fomos lá ao carro buscar as coisas pró café depois fomos pra casa fumar, era assim a nossa vida, roubar fumar...</p>		
<p>E: Achas que isso te fez o contrário do susto? Fez-te querer voltar a roubar?</p> <p>P4: Ao princípio como eu era tipo, até aos meus pais se separarem e isso eu era sempre muito certinho pronto, sempre a andar de mota e isso mas nunca tinha feito porcaria nem nada pra os meus pais chatearem-se comigo tirando a escola e isso,</p>	<p>P4 refere que até à separação dos seus pais era um rapaz certinho e responsável pelo que os pais nunca tiveram motivo para se chatearem consigo, em exclusão da escola e reitera que após o susto acalmou temporariamente e, quando recomeçou foi quando começou a sério e refere que foi esse o motivo pelo qual está</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P4 revela que o motivo pelo qual está institucionalizado foi o voltar a delinquir após o susto</p>

<p>sempre fui uma granda peça na escola, depois desse susto eu acalmei fiquei assim outra vez, do tipo “não, não é pra mim entrar nisso outra vez”, depois entrei comecei a fazer mais porcaria e foi a pala disso que tou aqui.</p>	<p>institucionalizado</p>	
<p>E: Sentes que a tua família tem influência no teu comportamento? P4: Não! Não, se eu fiz as coisas foi porque eu quis, eles não me obrigaram a nada... Mas lá tá, eu senti-me revoltado por algumas coisas que aconteceram no passado</p> <p>E: O que é que te revoltou na separação dos teus pais? P4: O meu próprio pai, não foi a minha mãe foi o meu próprio pai, as cenas que o meu pai fazia, o meu pai batia na minha mãe e isso e sempre foi uma granda revolta, tipo era a minha mãe... depois os meus pais separaram-se eu deixei de querer saber, deixei de respeitar a minha mãe, não</p>	<p>P4 afirma que a sua família não teve influência no seu comportamento pois fez o que quis e nunca se sentiu obrigado a nada, apesar de se sentir revoltado com o seu pai pois batia na sua mãe e aquando da separação dos dois P4 refere de ficou indiferente a tudo, a desrespeitar a sua mãe e a querer aproveitar o que tinha a aproveitar com os colegas mais velhos, afirmando que se sente mais velho e que a sua mãe sempre afirmou que este tinha mais maturidade que o seu irmão</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de revolta face à violência do seu pai contra a sua mãe apesar de sentir que a família não teve influência no seu comportamento</p>

<p>queria ouvir ninguém eu queria era aproveitar aquilo que tinha que aproveitar, queria andar com o pessoal mais velho... eu sempre me achei mais velho e a minha mãe sempre disse que eu tinha mais maturidade que o meu irmão, ya...</p>		
<p>mas olha, depois foi quando o meu irmão foi preso e isso, e eu virei-me e disse “fogo, fizemos porcaria o meu irmão foi preso e eu devo tar quase a ir também, só espero ir pró colégio antes porque ainda não fiz os dezasseis” e foi a minha sorte, ter ido parar a um colégio e não a uma prisão porque aquilo não é para mim...</p>	<p>P4 revela quando o seu irmão foi preso pensou no que fez e desejou que, se fosse para ir, queria ir para um colégio por ainda não ter chegado à maioridade. P4 reconhece a sua sorte ao ser institucionalizado num Centro e não numa prisão</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimento de sorte ao ser institucionalizado num Centro Educativo ao invés de numa prisão</p>
<p>o maior erro que eu fiz foi ir roubar com os ciganos, nunca se rouba com os ciganos foi o que eu aprendi, eles lixam-nos sempre, atão por exemplo, roubávamos dois mil euros e a dividir por quatro é quinhentos cada um, não eles tentavam sempre ficar</p>	<p>P4 confessa que sente que o seu maior erro foi roubar com os ciganos pois sentia-se injustiçado na divisão do dinheiro roubado e acabava por existir conflitos e violência</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de injustiça e erro ao roubar com ciganos, evoluindo sempre para conflitos e violência</p>

<p>com mais e eu com menos... eu não papava isso, cheguei a andar à porrada com um deles por causa disso, não os deixava paparem-me, depois houve confusão com um cigano e eu deixei de andar com eles, deixei de ir porque um cigano foi roubar um colega meu depois fui ter com ele, andámos a porrada outra vez... coisas assim que acontecem, agora quando vou a casa falo como deve ser pra tudo...</p>		
<p>e pá... o meu irmão tá preso se não me engano já fez dois anos, já fez dois anos e continua lá mais seis e eu ainda tenho um processo que me calhou agora que levei agora outra vez tenho mais dois processo que cheguei ao tribunal foi adiado pra Outubro, não sei porquê mas pronto... tenho que esperar...</p>	<p>P4 revela que desconhece se terá a sua pena prolongada pois tem um novo processo penal adiado e que o seu irmão, preso há dois anos, ficará mais seis anos na prisão</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desconhecimento face ao tempo real da sua pena</p>
<p>E: E como te sentiste no momento em que foste condenado?</p>	<p>P4 reitera a preferência pelo Centro Educativo ao invés da prisão e revela que</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo à sua necessidade de ter uma</p>

<p>P4: É assim, eu já sabia, eu sempre tive um pressentimento que ou ia parar a um Centro Educativo ou vou preso, portanto prefiro para um Centro Educativo porque a cadeia não é mesmo pra mim, que isto é mesmo assim, depois também tenho amigos meus que já tão num Centro Educativo e Casas de Correção coisas assim e eu falava com o pessoal “tão como é isso de lá?” “ah é assim e tal, tens que sair vivo não te podes deixar enganar e tal” “ah não, achas que eu vou deixar que me papem grupos? Não deixo”</p>	<p>se informou com os seus amigos já institucionalizado em Centros Educativos e que estes o avisavam para não se deixar enganar</p>	<p>perspetiva do que era estar institucionalizado</p>
<p>depois quando eles disseram, a juíza disse “já sabes a medida que vai ser aplicada?” e eu disse “sei, vinte e quatro meses” “epa estás bem informado” “tão, recebi carta em casa também falo com a minha advogada” “fazes bem, tão sabes que vais para o colégio e tal não sei quê” “sim sei”, depois fiz-me de</p>	<p>P4 revela que no momento em que a juíza aplicou a pena de vinte e quatro meses num Centro Educativo fez-se de forte para não chorar e mostrar o seu sofrimento psicológico mas não aguentou quando a sua mãe foi para o seu lado e afirmou à juíza que a condenação era merecida e começou a chorar, pelo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de enorme sofrimento psicológico quando lhe foi aplicada a pena de vinte e quatro meses</p>

<p>forte pra não chorar nem nada disso, chamam a minha mãe pra dentro da sala e eu assim “fogooo não! Mãe fica aí atrás pra não chorar” a minha mãe veio pro meu lado, falou também com a juíza e virase, a juíza vira-se pra minha mãe e diz “tão como é que correu? Acha que o que o seu filho fez foi, foi bem e tal?” a minha mãe “ele tem que cumprir com aquilo que ele fez, se ele fez a cama onde se vai deitar!”, a minha mãe disse isto e aquilo tocou-me mesmo, assim mesmo fogooo eu sabia que ela ia dizer isto, eu sabia que ela me ia dizer isto! Depois a minha mãe começou a chorar e pronto, foi mesmo quando eu fui abaixo comecei também a chorar,</p>	<p>que refere ter ido abaixo e chorou também</p>	
<p>depois saí do tribunal e tinha três semanas pra me apresentar no Centro, eu eu “fogooo este mês é que vou aproveitar mesmo a sério, vou gastar tudo o que tenho pra gastar” e gastei, gastei</p>	<p>P4 revela que tinha, após a condenação, três semanas para se apresentar no Centro e relata que decidiu gastar tudo o que tinha para gastar nesse tempo, pelo que na primeira semana foi</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de despreocupação pelo dinheiro e desejo de o gastar no tempo que tinha antes de ser</p>

<p>tudo em (risos)... noitadas, saídas, chegar a casa por exemplo como eu já era antes, tar a entrar mesmo em casa quando a minha mãe está a sair pra trabalhar e dizer bom dia, quando eu chegava a casa a minha mãe dizia-me assim “sabes que quando eu chegar vamos ter uma conversa” e eu tipo “tão quando chegares tamos aí pra falar é pra isso que serve, pra falarmos um com o outro”, tava na sala deitado, acordar só pra jantar e foi assim uma semana, uma semana foi assim, sempre, de o dia à noite... foi assim passado a primeira semana, depois a outras, as outras o dinheiro já tava a acabar, a droga também, e eu já tava “fogooo uma semana e já tou sem dinheiro, vou-me manter em casa, só gasto dinheiro agora pra ir ao café, vou ajudar a minha mãe e tal”, não pensei no dinheiro porque esse dinheiro não, esse dinheiro</p>	<p>então sair a noite todas as noites, chegar a casa quando a sua mãe tivesse a sair e ser repreendido e acordar apenas para jantar e, após essa semana, com a droga e o dinheiro que chama de dinheiro fácil que lhe dava a sensação que não valia a pena a acabar, ponderou e decidiu manter-se em casa e ajudar a sua mãe no tempo que faltava, bem como não voltar a roubar</p>	<p>institucionalizado e após esse gasto refletiu e permaneceu em casa sem voltar a delinquir</p>
---	---	--

<p>como é que se diz? Não é dinheiro ganho pelo suor, é dinheiro fácil, é o dinheiro mais fácil de ganhar e tinha sempre essa sensação que não... não vale a pena, é pra gastar e foi isso que aconteceu, gastei o dinheiro todo e gastei as coisas todas que eu tinha, passado... quando as coisas todas acabaram eu disse mesmo assim pra mim “não vou roubar mais”</p>		
<p>depois tava em casa, deitado a ver televisão, tocam-me à campinha, fui abrir a porta, eram os meus amigos, começam a entrar lá em casa “então mas o que é que vocês estão aqui a fazer?” “tão viemo-nos despedir de ti e tal” eu assim “não não, vão-se lá embora que eu não me quero despedir de ninguém” “não, não vais fazer isso” eu assim “fogo não, não quero aqui ninguém quero estar aqui sozinho com a minha mãe” “não vou sair daqui, só vou</p>	<p>P4 revela que estava em casa no último dia antes de ser institucionalizado e os seus amigos tiveram, apesar de o mesmo ter dito que queria apenas ficar com a sua mãe, a noite inteira com ele a chorar para se despedirem. P4 confessa ainda que é agora, quando vai a casa, que distingue quem é realmente seu amigo e lhe dá valor</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com o sentimento de sofrimento psicológico no ultimo dia em liberdade</p>

<p>sair daqui amanhã quando te fores embora” e foi assim, ficaram lá a noite inteira comigo, pá ficou lá a chorar, tudo a chorar, agora vou a casa, agora sim é que vejo quem são os meus amigos são aqueles que dão valor, e é a esses que tenho que dar valor não é aos outros, agora sim!</p>		
<p>Pá mas, há um outro que se vieram despedir mas depois, tando aqui dentro, falavam mal de mim nas costas mas pronto, isso é da vida, isso acontece. Mas vou falar com eles quando sair daqui, mas só por alto, para saber porque fizeram isso não é como antes, porque eu era muito impulsivo agora estou bué calmo, pra ser verdade desde que aqui estou que já nem me reconheço, a pessoa que sou agora que já não me reconheço, se calhar mesmo antes de entrar no Centro, uma semana antes já começava a não me reconhecer, bué</p>	<p>P4 revela que antigamente era uma pessoa muito impulsiva e que, com a ida para o Centro ou mesmo c a aproximação da ida, não se reconhecia, ficou bastante calmo e ponderado e exemplifica dizendo que o provocavam uma semana antes da sua ida para o Centro e que este não reagia e que a sua mãe confessou que já não o reconhecia, pelo que afirma ter sentido contentamento quando voltou a ver a sua mãe a sorrir</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com o sentimento de contentamento pelo facto de com a aproximação da ida para o Centro ter ficado um jovem mais calmo e ponderado</p>

<p>calmo, provocavam-me já não ligava estava mesmo calmo. A minha mãe até se virou pra mim a primeira vez que fui a casa e disse “tu mudaste mesmo, não estavas a falar só por falar mudaste mesmo” e aí caí na realidade, depois pronto, vi a minha mãe sorrir outra vez e fiquei mesmo contente, fogo, foi assim...</p>		
<p>eu sei o que é que a minha mãe sentiu quando o meu irmão foi preso, eu tava lá, foi diferente de como foi comigo, o meu irmão sempre foi ligado ao meu pai, e não, eu sempre fui ligado à minha mãe, foi pior, ainda por cima a minha mãe tem problemas de saúde tensão e assim e à cerca de quinze dias teve um AVC... e eu estou aqui dentro não a posso ajudar,</p>	<p>P4 refere que sempre teve uma melhor relação com a sua mãe e o seu irmão com o seu pai e que a sua mãe encontra-se doente e que se sente incapaz de a ajudar estando institucionalizado</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de incapacidade para ajudar a sua mãe doente por estar institucionalizado</p>
<p>mas olha... se eu não tivesse no Centro Educativo já tinha acontecido, tinha descontado em alguém, mas não eu tenho que me controlar, tenho que me</p>	<p>P4 reconhece que se não tivesse institucionalizado o desejo de descarregar em alguém já tinha passado a ação e que dentro do Centro sente obrigatoriedade de se</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação face ao Centro por se conseguir controlar e não reagir a provocações</p>

<p>controlar a sério, de vez em quando tenho essa vontade de descarregar em alguém, não vou tar a mentir porque tenho, mas não vale a pena, aprendi isso aqui...</p>	<p>controlar e não reagir, afirmando que não vale a pena</p>	
<p>da ultima vez que descarreguei não gostei dos resultados da outra pessoa, por aquilo que eu passei por isso é que eu não... dei-lhe tanta porrada, ele desmaiou e eu não parei, eu ceguei o puto, ceguei-o... depois quando ele foi para o hospital ele tinha o maxilar esticado, ficou sem dois dentes à frente, tinha a cabeça partida, isso é outro processo que eu também tenho de agressão pronto, mas também ele roubou-me com o grupo depois apanhei-o sozinho, tentou fugir e pronto não o deixei fugir se é forte pra me roubar também é forte pra me enfrentar...</p>	<p>P4 relata a ultima vez que reagiu ao seu desejo de descarregar em alguém, justificando que este o roubou. P4 reconhece que não gostou do que fez pois reagiu com tanta violência que, após o outro jovem desmaiar, cegou-o, partiu-lhe o maxilar e a cabeça e partiu-lhe dois dentes, ficando então com mais um processo penal de agressão</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de arrependimento após um episódio de violência que levou a mais um processo penal</p>
<p>E: E há quanto tempo estás aqui? P4: Aqui... tou há um ano e um... mês e pouco E: Achas que foi justa a</p>	<p>P4 revela que está institucionalizado há um ano e um mês e, após ser questionado sobre a justiça da condenação, confessa</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos ambíguos quanto à justiça da condenação, saturação do</p>

<p>condenação?</p> <p>P4: É simples, a gente nunca acha que é justo, eu apanhei dois anos, eu não acho justo apanhar dois anos mas pronto se a juíza me deu dois anos foi por algum motivo... agora vão-me por mais um ano, pelo menos um ano eles vão-me dar, mais um ano ou mais que um ano eu só peço pra ser um ano, já passa a ser até três, fogo, eu se eu pudesse não era mais que um ano senão... a minha cabeça vai encher outra vez, tou mesmo a ficar farto e mais tempo vai-se encher outra vez de problemas,</p>	<p>que não acha ser justo o tempo de dois anos de pena, apesar de reconhecer que se a juíza o fez foi porque teve motivos para tal, e refere que deverá ter um ano adicional de pena e que perspectiva que a sua cabeça será preenchida novamente de problemas</p>	<p>Centro e sentimentos negativos quanto à perspectiva do prolongamento da sua pena</p>
<p>o que é que aconteceu? Eu já tava a fazer planos pra quando sair, era primeiro aqui em Portugal depois ir pra fora trabalhar já tou a ver que não vou conseguir a ficar aqui mais tempo, eu quero tirar o nono ano, quero tirar o décimo segundo mas é à noite porque a minha mãe não pode trabalhar, com os</p>	<p>P4 afirma acredita que, com a prolongação da pena, não irá conseguir realizar as perspectivas que tinha quanto ao seu futuro e revela-as, seria ficar primeiramente a trabalhar em Portugal e de seguida no estrangeiro pois necessita de ajudar a sua mãe, que tem problemas de saúde, e dar o seu melhor</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativos à mudança de atitude perante a sua mãe, não sendo mais despreocupado</p>

<p>problemas de saúde que ela tem agora ela não pode trabalhar como era antes, ela precisa de ajuda... e eu tenho que ajudar, sou filho não é só... também tenho que ajudar, é assim, ela ajudou-me a mim, ela criou-me e agora também tenho que ajudar, ela fez a parte dela e ainda faz e agora só tenho de dar o meu melhor como filho, é ajudar, é quando sair arranjar um emprego, ajudar nas contas da casa é ajudar mesmo a sério, não quero fazer como fazia antes tipo lixar pra ela e não pensar tipo ela falar e virar-lhe as costas e sair porta fora, era chegar a casa ver ela a chegar e não ligar e ir direto pro quarto, e é assim...</p>	<p>como filho pois compara-se como era antigamente e refere que, despreocupado, lhe virava as costas e não lhe ligava</p>	
<p>E: Agora que aqui estás dás outro valor a tua mãe? P4: Agora? Agora a pensar no valor que dava a minha mãe, fogo! Agora não tem nada a ver, antes o valor que eu dava não dava valor</p>	<p>P4, após ser questionado pelo entrevistador, reconhece que, antes de entrar para o Centro, não desvalorizava a sua mãe, tratava-a mal, julgava que esta não queria saber de si e que não sabia o que dizia</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação perante o Centro que o fez valorizar a sua mãe e compreender as suas relações sociais</p>

<p>nenhum à minha mãe, agora dou o triplo, o dobro do valor. Agora sim, antes tratava-a sempre mal, pensava tipo que ela não queria saber de mim que tava sempre a lixar-me e isso mas não, a minha mãe só me dizia o que era bom e eu tinha a mania de dar palpites mas olha... digamos que agora abri os olhos, foi o que aprendi e vemos o que as pessoas realmente são.</p>	<p>e, atualmente, reconhece que abriu os olhos, aprendeu a valorizar a sua mãe e a conhecer realmente as pessoas em seu redor</p>	
<p>E: E quando chegaste aqui? Conta-me P4: A primeira noite... fogo, a primeira noite quando entrei, entrei mesmo “tem que ser já, bem eu vou-me entregar, vou-me entregar à polícia e tal, vou-me despedir da minha mãe e vou-me entregar portanto não vou chorar a frente deles, disse eu assim pra mim “não vou chorar à frente deles, se quiser chorar vou chorar sozinho no quarto”, fomos pra sala de reuniões lá em baixo que o meu tio veio-</p>	<p>P4 revela que quando se entregou à polícia que pensou imediatamente que não queria mostrar o seu sofrimento psicológico em frente à sua família pois refere querer mostrar-se de forte (atitude que mudou depois de chegar ao Centro, afirmando que agora chora se precisar de chorar) viu a sua mãe chorar e aguentou até ver o seu tio também a chorar, de seguida controlou-se e despediu-se</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com o receio de revelar o seu sofrimento psicológico perante as pessoas, antes de ser institucionalizado</p>

<p>me levar, a minha mãe começou a chorar e eu não chorei, quando olho assim pro lado vejo o meu tio a chegar e eu assim “nãaa, fogo a sério?” depois começam a falar e ouço a voz do meu tio tipo sinto o choro ya, comecei a chorar, não aguentei. Depois controlei-me, despedi-me... epá, não sei porque não queria chorar não sei, acho que queria mostrar o papel de forte mas agora... agora tanto faz, se tiver que chorar choro, antes não, fazia aquele papel de não chorar e pensava “agora controlo-me e não choro”, a maioria das pessoas chora não há problema.</p>		
<p>Primeiro eu entrei era uma terça-feira onze da manhã, entrei... e eles disseram pra fazer agachamento e eu “o quê?!” “ah faz agachamento” e eu “isso é o quê?” (risos) “põe-te que temos que fazer a revista como deve ser” eu assim “nãaa, não vou-me despir”, depois vieram os</p>	<p>P4 relata os primeiros momentos no Centro Educativo e afirma primeiramente ter recusado a ser revistado pois não se sentia bem com o ter que se despir mas foi dissuadido pelos seguranças que lhe deram confiança, de seguida foi para o quarto e refere ter</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de reflexão, arrependimento e sofrimento psicológico nos primeiros momentos no Centro</p>

<p>seguranças falar comigo, dar confia e tal e depois fiz as coisas, e depois fui pro quarto... e entrei no quarto e assim tipo “o que é isto pá? Onde é que eu tou?”, deitei-me, fiquei assim “fooogo” a mexer no cabelo que eu tinha o cabelo grande a mexer no cabelo fogo, deitei-me de barriga pra baixo e comecei a chorar, depois lembrei-me da minha mãe e pensei “tou mesmo lixado, não devia ter feito o que fiz, as porcarias que fiz que estúpido”, depois fui a porta e eles quiseram cortar-me o cabelo e eu assim “não! Não me vão cortar o cabelo, não quero cortar o cabelo chefe” “ah não queres então é agora que vais mesmo cortar o cabelo então”, pá depois eu ainda insisti muito e tal e noutra dia “então é hoje que queres cortar o cabelo?” “não” “ta bem então não sais mais do quarto” e eu “ta bem não saio do quarto”, fiquei mais</p>	<p>sofrido bastante a refletir no que fez e onde tinha ido parar e a pensar na sua mãe. P4 revela ainda que, por se recusar a cortar o cabelo, permaneceu no quarto fechado mais um dia e, quando decidiu cortar sentiu-se enganado pois teve que permanecer ainda mais um dia naquele quarto, de contenção, sem janela, até ir para outro</p>	
---	--	--

<p>um dia no quarto sem sair ya, e ao fim do terceiro dia foi “ta bem vou cortar o cabelo”, cortei o cabelo tipo apararam-me a barba, quer dizer a barba aquilo eram uns pêlos (risos), cortaram-me isso e depois viraram-se pra mim “vá pró quarto, só saís amanhã” e eu assim “fogo enganaste-me” enganaram-me né, entrei outra vez pró quarto depois troquei pró quarto do lado já com janela que o quarto de contenção não tem janela, tem tipo um autocolante pra gente não ver e isso ya...</p>		
<p>pronto depois quando mudei pró meu primeiro quarto tava lá só a olhar pela janela, disseram que não podíamos estar a janela mas eu estava sempre a janela não queria saber... depois eu pensei mesmo assim “não, se eu aqui posso ir a casa, posso tirar a minha escolaridade e só tenho que me portar bem, se eu quero ir a casa só</p>	<p>P4 revela que aquando da mudança para o seu primeiro quarto no Centro refletia, mesmo que proibido, junto a janela e pensou que se fosse para ter um bom comportamento no intuito de o permitirem ir a casa este teria e revela que, nos primeiros dias institucionalizado, quando se descontrolava,</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de descontrolo seguidos de sentimentos de concentração e calma para não reagir</p>

<p>tenho que me portar bem” e eu porto-me bem e tal, quando passo-me (suspiro) concentro-me mesmo (suspiro) mas aí falo com calma, pra não me passar e se vejo que não me tou a conseguir acalmar peço pra ir ao quarto, fico um bocado no quarto acalmo-me sozinho, falo com as paredes, desabafo mesmo o que tenho a desabafar depois volto... foi assim os meus primeiros dias era sempre assim, passava-me</p>	<p>concentrava-se e pedia para ir para o quarto onde, sozinho, se acalmava e desabafava</p>	
<p>e no primeiro mês era deitar às oito e aí ia pra cama quando alguém passava batia-me na porta e eu passava-me bué com isso, acordava sempre sobressaltado, entretanto consegui dormir como deve ser mas eu acordava sempre todo sobressaltado e isso, entretanto passei pro outro, nas primeiras noites não dormi bem só consegui quase, só comecei a dormir como deve ser praí... no terceiro mês. Não conseguia, estranhava a</p>	<p>P4 reitera que no primeiro mês institucionalizado descontrolava-se facilmente e que não conseguia dormir descansado, acordava sempre sobressaltado pois estranhava todo o ambiente e afirma que apenas começou a conseguir dormir descansado no terceiro mês no Centro</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de descontrolo, insónias e estranheza no primeiro mês institucionalizado</p>

cama estranhava tudo,		
<p>agora já vou a casa e sabe bem deitar-me na minha cama é tipo fogo, tou em casa. Foi brutal a primeira vez, por exemplo era a vez que ia a casa e na noite anterior não conseguia dormir tava mesmo bué ansioso, pronto deitava-me na cama e não parava de pensar tava bué ansioso não conseguia mesmo dormir</p>	<p>P4 revela sentimentos de contentamento a primeira vez que foi a casa e de extrema ansiedade na aproximação da saída temporária</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de contentamento e ansiedade com a primeira saída do Centro</p>
<p>e depois desse dia quando era hora de voltar pró colégio não me apeteceu, tava em casa sozinho no quarto a pensar “não, não vou pró colégio vou fugir” mas depois pensei que eles deram esse voto de confiança e não ia estragar isso, voltei pró colégio. Tinha que andar a fugir o resto da minha vida, ia estragar tudo então fui-me entregar outra vez, cheguei ao portão, entrei comecei a falar com os rapazes outra vez comecei a sorrir outra vez... depois já dormia mais uma horinha ou duas</p>	<p>P4 revela que, na primeira saída do Centro pensou em fugir mas, depois de refletir no voto de confiança que o Centro lhe deu e em como ia estar fugido o resto da sua vida, pensou que não podia estragar isso e voltou para o Centro, onde, em conversa com os restantes jovens institucionalizados, afirma ter sorrido e que podia dormir novamente mais calmo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de confiança da parte do Centro</p>

<p>já mais calmo,</p>		
<p>agora vou a casa parece nada, acordo de manhã desfaço a cama, faço a minha higiene, limpo o quarto e isso faço a minha fascina, parece que tou cá, depois domingo já não me custa, chego aí fico a falar com os seguranças à porta tipo mesmo habituado, ri-me, peço pra entrar, entro, tudo na boa já, já é normal já não estranho tanto estar cá...</p>	<p>P4 revela que atualmente, com a habituação em ir a casa, já não sente nada, refere que faz a sua rotina diária normalmente e que quando tem que voltar para o Centro já não lhe custa pois já sente como normal</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de habituação perante as saídas do Centro</p>
<p>é assim na primeira fase não podemos sair e isso faz muita confusão, na segunda nas férias já se vai uns dias a casa, isto no semi-aberto porque no aberto na fase dois já se pode ir a casa uma vez por mês e tipo na terceira fase no semi-aberto pode-se ir a casa uma vez por mês isto se não tivermos nenhuma nota negativa</p>	<p>P4 relata o funcionamento das idas a casa no regime semi-aberto no Centro e compara-o com o regime aberto</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativos ao modo de funcionamento do Centro</p>
<p>e este mês não posso ir a casa...</p> <p>E: Porquê?</p> <p>P4: É assim, o senhor coordenador propôs a toda</p>	<p>P4 revela que foi proibido de ir a casa no mês presente da entrevista pois começou a faltar a um programa proposto pelo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a receber consequência de mau comportamento</p>

<p>a gente um programa que era o JAM, que era artes, jogos e movimento, era uma coisa assim, é tipo como é que se diz tipo cursos mas se fosse lá fora a gente estava a pagar esses cursos que é áudio, vídeo e gráficos tipo mexer em gráficos e isso tá a ver? Pronto, montar e coisas assim e eu já me tava a fartar mesmo disso porque era sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa, á tinha feito aqui um e é sempre a mesma coisa e comecei a faltar e a ultima vez que fui a casa não vim, em vez de vir no sábado vim só no domingo, depois no domingo cheguei e fui pró quarto, saí não se passa nada, ya depois a Dr.^a queria-me tirar dois fins de semana mas o senhor diretor não aceitou e esse mês não fui a casa mas no próximo vez vou a casa, tenho que ir a casa de obriga, há festas e eu tenho coisas combinadas, e é assim, quando nos</p>	<p>Diretor e chegou um dia atrasado ao Centro, após saída de fim-de-semana. P4 reitera que, com mau comportamento, a consequência é não ir a casa e afirma que necessita de ir a casa no próximo fim-de-semana pois tem programas de festa combinados</p>	
--	---	--

<p>portamos mal não vamos a casa...</p>		
<p>E: Percebeste o porquê deste mês não ires a casa? P4: Ah sim... percebi mas também tive motivos pra não vir, eu não vim porque eu não quis mesmo, uma parte de mim queria que eu viesse né? Eu sei quais são as minhas obrigações mas também de manhã queria ver o meu irmão, não me deixaram entrar e eu comecei-me a passar, depois a minha prima tá doente, ela vem-me acompanhar pra não vir sozinho, enervou-se e sentiu-se mal eu não a ia deixar ir sozinha pra casa porque o meu irmão não tá, o meu irmão é como se fosse tipo o pai da família, o meu irmão foi de cana sou eu, sou eu que me sinto na obrigação de cuidar da minha família ya... levei a minha prima pra casa, dei-lhe os comprimidos e ela acalmou depois ligaram do colégio disse que aconteceu isto assim, assim</p>	<p>P4, após ser questionado pelo entrevistador, reconhece entender as razões que o levaram a ser castigado mas justifica que também teve os seus motivos, o facto de ficar stressado por tentar visitar o seu irmão na prisão e não o permitirem e, quando estava a ir para o Centro a sua prima, doente, sentiu-se mal e este, que refere sentir a obrigação de cuidar da família enquanto o seu irmão se encontra preso, foi cuidar dela. P4 revela ainda que avisou o Centro ao ser contactado pelo mesmo e que, quando regressou, no dia seguinte, estava com sentimentos de contentamento e indiferença em ter quebrado a regra, até o obrigarem a ir para o quarto, chateado mas reconhece que se tiver um bom comportamento poderá voltar a ir a casa e serão férias, isto é, um</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de indiferença e contentamento por quebrar uma regra do Centro mas compreensão pela consequência</p>

<p>e assim que não pude ir ao JAM mas pronto “tou-vos a informar, não liguei porque não tinha dinheiro no telefone” depois cheguei aqui no domingo, cara a rir e a Dr.^a assim pra mim “então ainda te vens a rir” e eu “tão claro, tou contente não posso tar contente?” “podes mas vais ver daqui a uma hora” depois foi quando cheguei a unidade “S. vai para o quarto!” “ah hoje não é sábado... esqueci-me, ta bem vou pró quarto”, fui pró quarto um bocado lixado, mas olha, este mês não vou a casa mas para o próximo... férias ainda por cima, férias que na terceira fase temos oito dias, na quarta temos doze, ainda por cima subo para a quarta fase, dois fins de semana e doze dias para gastar pronto, agora é sempre a abrir, só quero é subir para a quarta fase, dia seis de Julho, se me portar bem mas isso do comportamento não é</p>	<p>tempo prolongado em casa de doze dias, ao inserir-se na quarta fase</p>	
--	--	--

<p>problema pra mim eu... eu porto-me bem (risos)</p>		
<p>E: Conta-me um bocadinho do teu melhor e pior dia aqui</p> <p>P4: O meu pior? Uma coisa assim coiso, que eu penso que foi o meu pior foi a primeira vez que eu fui pró quarto, pronto os piores dias mesmos foi quando cheguei mas sem contar com esses foi a primeira vez que eu fui pró quarto, eu entrei em Maio fui pró quarto em Julho foi no inicio, fui pró quarto tipo fogo o que me lixou mais foi que eu ia ficar no quarto três dias, e não podia ficar com os óculos mas ao primeiro dia não me disseram nada, ao segundo também não, chega ao terceiro dia chega um segurança pra mim “tãtas com os óculos? Dá-me já cá isso!” eu assim “assim não vejo” “dá-me os óculos já te disse, podes partir os óculos e usar de arma, rebentas alguém ou assim” “oh chefe acha que</p>	<p>P4 revela o dia em que se sentiu pior no Centro e afirma, para além do primeiro mês, terem sido os primeiros três dias fechado no quarto, não sendo sequer permitido usar óculos pois poderia fazer deles uma arma e, apesar de entender que é uma medida de segurança habitual, sentiu que não era confiável e a perspectiva de sair num dia e apenas sair no seguinte</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desilusão e não confiável por ficar trancado no quarto os primeiros três dias no Centro</p>

<p>vou partir uns óculos que comprei com o meu dinheiro? Eu não faço isso acha” “eu sei que tu não mas pronto são coisas que temos que fazer”, tipo senti-me que não confiavam e que apesar das regras serem assim não tinham que o fazer, abusaram nessa cena porque tinham poder porque tipo eu não ia fazer nada por isso essa regra é um bocado parva mas tipo até pode ser para segurança... depois fui tomar banho, voltei pró quarto e depois a noite fui buscar as minhas coisas cá a baixo, fui buscar as minhas cenas, o meu rádio, mentira não tinha rádio, fui buscar roupa e isso e já não saí do quarto a seguir, saí só no outro dia e isso foi só o que eu tive, assim...</p>		
<p>o meu melhor dia, foi quando fui a casa, a primeira vez! Tava mesmo “opa nunca mais chega a hora”, quando saí epa... a gente entra aqui parece que</p>	<p>P4 revela que o seu melhor dia institucionalizado foi quando saiu para ir a casa pela primeira vez, P4 compara o que sente dentro do Centro e fora do</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de leveza, contentamento e liberdade quando saiu temporariamente do Centro</p>

<p>pesa, eu falo por mim eu parece que tenho tipo um peso em cima de mim mas quando passei lá pra fora fico mesmo leve, brutal, sempre com um sorriso na cara não tou com aquela cena de não poder fazer qualquer coisa porque é regra, não há aquelas regras como há aqui, há regras mas não há regras do tipo não posso falar calão, lá fora não há esse tipo de regras, epá é sentimento do tipo... é sentimento que estamos livres, não tou dentro de quatro paredes, é isso, é uma sensação mesmo (suspiro) não dá pra descrever, é a sensação de sentir bem com nós próprios, quando saímos daquele portão claro, mas quando voltamos volta a mesma cena, já não volta tanto como no início, sinto-me um bocado mais leve mas ao longo da semana né, começa a vir as chatices, as pessoas começam a picar e quero</p>	<p>mesmo, afirma que dentro do Centro sente um peso enorme em cima de si, que não pode comunicar como quer, que existem demasiadas regras, sente que está preso dentro de quatro paredes, enquanto quando sai sente-se leve e livre, dizendo que é uma sensação que é impossível de descrever e se sente bem consigo mesmo. P4 revela ainda que, maioritariamente no início da sua institucionalização, com o passar da semana após a saída, que recomeçam as chatices e as provocações que deseja controlar para não reagir, começando a pensar demasiado e reitera que prefere para o quarto a responder</p>	
---	--	--

<p>controlar, depois as coisas chocam, quando começamos a pensar nas coisas e opa, quando eu começo a ficar assim, é depois de jantar quero ir pró quarto trancado, nesses tempos fico só a pensar a controlar, quando o pessoal diz assim alguma coisa que quero responder e não respondo prefiro ir pró quarto... nos outros dias fico aí a ver a novela ou assim, não há mais nada a fazer aqui dentro sem ser ver televisão e é quando podemos</p>		
<p>E: Como é o teu dia-a-dia? P4: Dia-a-dia... acordamos às um quarto para as oito, fazemos a cama, fazemos a higiene oral, a nossa higiene, limpamos o quarto, fazemos as nossas fascinas, que é a sala, não, a sala é à noite, fazemos os corredores, casas de banho, pequeno-almoço e o hall de entrada... depois tando isso tudo feito vamos ao pequeno-almoço, no</p>	<p>P4 relata o seu dia-a-dia no Centro, a divisão das tarefas por cada jovem institucionalizado, as atividades lúdicas e revela que sente que é sempre a mesma rotina pelo que quem se adaptar imediatamente a vida institucionalizada tona-se mas fácil, como é o seu caso, pois refere ser um jovem calmo e adaptador e que tenta que não se foquem nele</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de conformação e adaptação à rotina do Centro</p>

<p>pequeno-almoço já tem que ter a mesa pronta pra gente sentar e comer depois quando acabamos temos que ter ordem pra levantar, levantamos, o fascina depois tem que limpar tudo, as mesas e o chão, depois formamos, fazemos fila pra vir aqui pro centro, quando chegamos aqui é aulas até ao meio-dia e meia se não me engano, alguns fascinas do almoço metem a mesa e tiram a mesa e é sempre assim todos os dias é a mesma rotina, já tou aqui há quatro meses e a gente não viu nenhum tipo que mudou, logo de inicio há quem não se adapte, é difícil, quem se adaptar logo à rotina é muito fácil depois de já tar aqui dentro, e eu adapto-me... pode-se tar a passar uma granda cena eu tou ali no meu canto tou muita calmo, se não tou muita calmo tou ali no meu canto só pra mim depois falo com eles e tal passo mesmo nos pingos da chuva, tento</p>		
--	--	--

<p>que não se foquem em mim porque eu sou muito calmo... é uma coisa boa ser adaptador... e é assim, o meu dia-a-dia é assim... depois ao fim-de-semana acordamos às nove, vamos comer cereais e isso, depois temos Chapitô até a uma, temos visitas desde as dez até à uma depois temos das três e meia até às cinco e no Chapitô temos vários ateliers e à tarde ficamos na unidade ou vamos jogar a bola ou vamos pra piscina, quem não se porta bem durante a semana ao fim-de-semana vai trabalhar, vai fazer atividades fora do Centro... ao domingo é fascinas gerais, é limpar tudo e são as saídas ao médicos ou saídas lúdicas... e é assim...</p>		
<p>E: Quando saíres, sentes que mudaste ou vais voltar à vida anterior? P4: Não (silêncio reflexivo), vou de cabeça erguida não vou voltar a fazer o mesmo, eu mudei,</p>	<p>P4, quando questionado pelo entrevistador, revela que não voltará a fazer o mesmo, que não o deseja e que atualmente já não é impulsivo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo ao seu desejo de não voltar a ter o mesmo comportamento delincente</p>

<p>já não sou impulsivo e não quero voltar a essa vida.</p>		
<p>E: O que levas daqui? P4: O que é que eu levo daqui, levo a escola.... Levo a escola e a rotina, esta rotina que não tinha lá fora E: E enquanto pessoa? P4: Dou outro valor às coisas como disse e não vou fazer isso à minha mãe vou cuidar dela não quero voltar para um sitio assim, porque depois se não vier para aqui é para a prisão. Não não!</p>	<p>P4, quando questionado pelo entrevistador, revela que levo da sua passagem pelo Centro a escola e a rotina e que atualmente é capaz de valorizar e cuidar da sua mãe e reitera que não deseja voltar a ser condenado pois já não seria para um Centro Educativo mas sim para a prisão</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação pelo Centro pela aprendizagem escolar e por ser capaz de valorizar a sua mãe</p>

ANEXO E – TRANSFORMAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO EM EXPRESSÕES DE CARÁCTER
PSICOLÓGICO DE P5

Feminino

16 Anos

Tempo de Institucionalização: 1 Ano e 6 Meses (18 Meses)

Transcrição da Entrevista	Comentário	Unidades de Carácter Psicológico
<p>E: Gostava que me contasses um pouco da tua história de vida antes de seres institucionalizado</p> <p>P5: tão eu vivo num bairro, desde que nasci a minha família sempre viveu lá, dou-me muito bem com a minha mãe e com os meus irmãos, vivo também com o meu pai mas ele é como se não fizesse parte da família, ele vive lá me casa mas compra comida pra ele, não, não me dou bem com ele, não gosto dele, prontos e fui um bocadinho por culpa dele que eu fui parar a um colégio, foi por causa dele que desse colégio eu fugi e vim aqui parar porque... ele andava batido, porque ele discutia e droga-se e então... ele então prontos ele começou</p>	<p>P4 revela que vive num bairro social e tem um bom relacionamento com a sua família, à exceção do seu pai, referindo que este, apesar de viver na mesma casa, é como se não fizesse parte da mesma família. P5 revela que o seu pai consumia drogas e álcool e agredia a sua mãe e, dos três irmãos, esta era a única que enfrentava sempre o seu pai, discutindo, gritando e agredindo de volta, autointitulando-se de má, pois a sua irmã tem medo e o seu irmão, por ser o mais velho, apenas atuava quando era realmente necessário com receio de fazer algo desastroso. P5 confessa ainda que julga que foi um pouco devido ao comportamento do seu pai</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo à influência do seu pai no seu comportamento e sentimentos negativos e agressivos perante o pai</p>

<p>a beber, a fumar e a bater na minha mãe e eu ficava chateada, eu batia-lhe, ele batia-me prontos... batia-me porque eu separava e ele então... prontos... a viver lá em casa são mais três irmãos, mas o meu irmão A. é só da parte da minha mãe, só se metia mesmo quando era preciso porque ele também não gosta dele e é muito mais velho que eu então se fosse meter as mãos podia acontecer um desastre então não tocou... a minha irmã é a frágil da família, teve sempre medo, tem medo do meu pai, o meu irmão R. tem doze anos e ele chorava, ele berrava, ele segurava-se à minha mãe enquanto estava a acontecer isso, a única que era mais má, mais maluca sempre fui eu da família, sempre, sempre bati, sempre discuti, sempre berrei, tudo...</p>	<p>que foi para um Colégio e de lá fugiu, tendo sido institucionalizada no atual Centro Educativo</p>	
<p>E: Porque dizes que és má ao defender a tua mãe?</p>	<p>P5, quando questionada pelo motivo de se autointitular de má quando</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos</p>

<p>P4: Porque eu sou a ovelha negra, porque a única pessoa da minha família que rouba sou eu, a única pessoa que falta às aulas sou eu, a única que teve presa a seguir ao meu pai sou eu...</p>	<p>protegia a sua mãe, responde ser a ovelha negra da família pois é a única a roubar, a faltar às aulas e, à exceção do seu pai, a única a ser presa</p>	<p>relativos a ser a única a delinquir na família, à exceção do seu pai</p>
<p>o meu pai teve preso dois anos, saiu e teve mais três e prontos, acho que foi por tráfico e outro foi porque esfaqueou, prontos... tinha sete anos, eu lembro-me de ir para a cadeia, tinha sete anos prontos, depois isto foi tudo pra tribunal, a minha mãe perdoou-lhe muitas vezes porque ele fazia aquela fita no tribunal, começava a chorar a dizer que nunca mais ia fazer isso e a minha mãe perdoou, tanto é que eu fugia muitas vezes de casa quando a minha mãe voltava com ele pra casa, eu fugia pra casa da minha melhor amiga,</p>	<p>P5 revela que o seu pai esteve preso dois anos mais três por tráfico de drogas e agressão com uma faca quando esta tinha sete anos e refere lembrar-se de tudo, do seu sofrimento psicológico aquando da detenção e que a sua mãe sempre o perdoara, o que a fazia fugir de casa e refugiar-se na sua melhor amiga</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de sofrimento psicológico face à condenação a prisão do seu pai</p>
<p>prontos e depois não sei o dia, sei que foi em 2012 tiraram-me de casa pra me levar pra uma instituição...</p>	<p>P5 revela que foi retirada de casa para uma instituição, após ser seguida por umas</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de sofrimento psicológico e e</p>

<p>eu andava a ser seguida por umas Doutoradas e naquele dia foram-me lá buscar e eu fui para uma instituição BP e tive lá um mês, ia à escola ia a tudo, ainda ia aos fins de semana a casa mas aquilo não era pra mim, não conseguia tar lá então fugia, todas as semanas fugia, depois fugi... chorei tanto, fiquei mesmo perdida porque, porque eu tou muito habituada à minha melhor amiga, sempre fui eu e ela pra tudo e perdia-a e fui pra uma... mas prontos, então fiquei mesmo perdida, tive que fugir. Voltava pra casa cada vez que fugia</p>	<p>Doutoras, e que de lá, por se sentir perdida, com um enorme sofrimento psicológico e com saudades da sua melhor amiga, fugia todas as semanas e ia para sua casa</p>	<p>de fuga quando foi institucionalizada numa Instituição de Acolhimento</p>
<p>e... a minha irmã também foi pra uma instituição porque dizia que aquilo não fazia pena de mim nem à minha irmã, o meu irmão R. na altura devia ter uns nove anos não sei e a minha avó responsabilizou-se por ele, a minha mãe pagava-lhe um tanto por mês pra ela ficar com ele</p>	<p>P5 revela que a sua irmã também foi institucionalizada e o seu irmão foi responsabilizado pela sua avó para não ir também para uma instituição. P5 refere ainda que a sua mãe recusou a sua transferência para as ilhas e, com a sua permanência em Portugal</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativos à negação da sua mãe em ser transferida pelo que iniciou novos processos penais</p>

<p>que senão também ia pra um colégio. Prontos e depois eu era, eu e a minha irmã eramos pra ser transferidas pra os Açores ou Madeira não sei, só que a minha mãe recusou então disso tudo de ficar cá, foram muitos mais processos de roubo de bater de furtos de...</p>	<p>Continental, teve novos processos penais de roubos, agressões e furtos</p>	
<p>E: Foi quando saíste do colégio que começaste a roubar? P5: Não, já tinha! Sei lá, lembro-me quando eu tava no quinto ano, quando me comecei a dar com os mais velhos prontos, comecei assim a roubar, era na escola depois começou a porrada, depois da porrada fui a uns roubos na rua, prontos... e depois comecei a roubar na rua com a minha melhor amiga, era sempre eu e ela, era eu e la sempre, prontos começamos a roubar, começamos a bater nas pessoas</p>	<p>P5 revela que começou a roubar, na escola, no seu quinto ano de escolaridade quando começou a relacionar-se com jovens mais velhos e que a partir daí evoluiu para agressões e roubos na rua que, sempre com a sua melhor amiga, agrediam pessoas</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativos à influência de jovens mais velhos na evolução da delinquência</p>
<p>e isso tudo ia pro tribunal porque já andava a ser</p>	<p>P5 refere que, como já estava a ser seguida, todos</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado</p>

<p>seguida, já não tinham mãe em mim, o trabalho comunitário nunca deu pra mim, nunca me propuseram isso não sei porquê, prontos e vim diretamente praqui dia dezasseis de 2014 vim praqui, foram-me buscar a casa e trouxeram-me praqui</p>	<p>os seus delitos iam para tribunal e que a sua mãe já não a conseguia controlar, revelando que nunca o tribunal propôs trabalho comunitário pelo que foi diretamente levada de casa para o Centro Educativo</p>	<p>com sentimentos de impossibilidade de se controlar perante a sua mãe e de injustiça face a não lhe ter sido proposto trabalho comunitário</p>
<p>E: O que sentias quando roubavas? P5: Sentia-me bem porque... porque era tudo lá em casa tá a ver? Lá em casa eram muitas discussões, muita porrada, muito ódio lá em casa e eu, eu sempre disse que era mentira mas ou ter que admitir, era por haver isso que eu agia da maneira que agia porque... sei lá, às vezes quando batia no meu pai, quando separava, sentia-me “ok tou a defender a minha mãe” mas outras vezes quando não conseguia o meu pai ameaçava dizia que ia por gás naquilo tudo, que ia explodir aquilo tudo, eu</p>	<p>P5, quando questionada pelo entrevistador, refere que ao roubar se sentia bem, distanciada do ambiente em casa, das discussões, das agressões familiares e do ódio e reconhece ser o motivo porque tem essa maneira de agir. P5 refere que ao reagir agressivamente com o seu pai sentia-se a proteger a sua mãe, até o seu pai ameaçar e esta ter medo do seu pai e do que este podia fazer, sentindo-se então incapacitada e com a necessidade de sair à rua e descarregar, roubando e agredindo as pessoas. P5 reitera ainda que se sentia bem em</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos, distanciada da violência no ambiente familiar quando roubava e sentimento de incapacidade para proteger a sua mãe perante o seu pai</p>

<p>não sabia o que fazer, se eu fizesse alguma coisa tinha medo que ele fizesse alguma coisa pronto então sentia-me mal, sentia-me mesmo incapacitada, então tinha que fugir, tinha que sair pra rua pra roubar e descarregar nas pessoas, roubar... e sentia-me bem a fazer isso...</p>	<p>descarregar nas pessoas</p>	
<p>E: Foram muitos os processos? P5: Muitos! Foram muitos, eu tou aqui por causa de dois roubos, dois furtos e por duas agressões, injurias, prontos... mas ainda tenho muitos a decorrer, alguns foram arquivados, outros ainda tão a decorrer</p>	<p>P5, quando questionada pelo entrevistador pela quantidade de processos penais que tem, responde que está institucionalizada por dois processos de roubo, dois de furto e duas agressões/injurias, contudo tem ainda bastantes a decorrer e outros tantos arquivados</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativos à quantidade de processos penais que tem</p>
<p>E: E quando vieste para aqui pela primeira vez? P5: Quando vim praqui pela primeira vez senti-me mesmo muito mal, senti mesmo que o mundo tinha acabado, pensei em fugir várias vezes quando olhava lá pra fora eu dizia “vou fugir” e quando eu tivesse oportunidade de ir ao</p>	<p>P5 refere que, quando foi para o Centro Educativo, no Norte, primeiramente sentiu-se bastante mal, com um enorme sofrimento psicológico, pensava que o mundo para si tinha acabado e planeando fugir bastantes vezes, até vir para Lisboa e mudou de perspetiva completamente,</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos, de sofrimento psicológico e de fuga o primeiro Centro e sentimentos positivos e de mudança no Centro atual</p>

<p>médico ou assim eu sempre disse que ia fugir só que entretanto nós viemos cá pra baixo, vimos praqui pra lisboa que nós tavamos lá no Porto e foi totalmente diferente, aí já, não conhecia elas, foi a primeira vez que dei-me com elas aqui e prontos, aqui deram-nos muitas oportunidades que não nos davam lá em cima então aí comecei a pensar em mudar porque quando cheguei aqui tive praí dois meses a insultar os técnicos a (suspiro), estava sempre fechada no quarto e era mesmo mal-educada</p>	<p>comparando os dois Centros P5 refere que no Centro atual deram-lhe bastantes oportunidades e, apesar de nos dois primeiros meses estar sempre fechada no quarto, mal-educada e insultava os técnicos, começou a pensar em mudar</p>	
<p>mas aí a dois meses de ir a casa do natal disseram-me não sei quê “tens oportunidade de mudar, tens oportunidade de ir a casa”, eu aí comecei a pensar que vale a pena mudar, foi quando eu comecei a tar atenta nas aulas, que comecei a não discutir tanto e a engolir mais e consegui ir a casa, toda a gente tava com</p>	<p>P5 refere que no Centro atual pensou que valia a pena mudar de atitude, estando atenta as aulas e a controlar-se para não reagir agressivamente que conseguiu ir a casa, apesar de julgar que todas as pessoas do Centro recearem que esta fugisse</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de mudança de atitude e de controlo no Centro atual, apesar de sentir desconfiança do mesmo</p>

<p>medo que eu não voltasse, toda a gente (suspiro)</p>		
<p>mas acho que isso fez-me um bocadinho mal porque tanta coisa que engoli que em Janeiro quando cheguei cá explodi mesmo tudo, bati numa miúda, comecei a insultar toda a gente também, rebentei mesmo, explodi mesmo tudo o que tinha a explodir, pronto... isso tudo porque a minha melhor amiga está fugida, ninguém me deixa falar com ela, ninguém me deixa mesmo falar com ela então ela fez anos em Janeiro, eu pedi à minha Dr.^a pra me deixar vê-la, pra me deixar falar com ela, ela disse que não e foi aí que eu explodi mesmo então também não me queriam deixar ir a casa, mas lá me deixaram, tiveram a falar com a minha mãe, tiveram a falar comigo, lá me deixaram... agora tou, agora passei de fase há um mês, passei de fase, agora tou a ir a casa, vou uma vez por mês a casa e tá tudo a correr bem</p>	<p>P5 refere que, apesar de ter conseguido ir a casa pelo seu bom comportamento, o mesmo fez-lhe mal porque após a saída, descarregou todo o peso acumulado por se ter controlado anteriormente e começou a insultar e agrediu uma jovem. P5 justifica ter explodido com o facto de não a permitirem falar com a sua melhor amiga, fugida à autoridade, pelo que hesitaram em deixá-la sair. P5 refere ainda que atualmente está tudo a correr bem pois passou de fase e vai a casa uma vez por mês</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos face à mudança que fez com reagisse violentamente</p>

<p>E: Sentes que esse voto de confiança fez com que, se calhar, mudasses um pouco de ideias de fugir?</p> <p>P5: sim, acho que sim, mas... vou-lhe ser sincera, acho que tantas vezes a ir a casa tá-me a fazer mal porque de ver tudo o que eu vejo, de ver as pessoas tristes não é, tá-me a fazer mal, tá-me a fazer ficar revoltada mesmo outra vez e... eu tou a engolir muita coisa que eu não engolia há um ano atrás quando eu vim praqui. As pessoas falam mal, eu engulo pra poder ir a casa, as pessoas fazem o que querem, eu engulo pra ir a casa e acho que isto tá a fazer mal, mas pronto... se eu não engolisse não ia a casa e o meu objetivo aqui é passar o menos tempo cá dentro...</p>	<p>P5, após ser questionada pelo entrevistador, reconhece que deixou a perspectiva de fugir do Centro por sentir um voto de confiança mas confessa que, por ir tantas vezes a casa e ver as pessoas em seu redor tristes faz com que esta sinta sofrimento psicológico e está a começar de novo a revoltar-se, pois compara-se com há um ano atrás e atualmente controla-se para não reagir a provocações e para poder ir a casa, sentindo que fazem de si o que querem, o que a revolta, apesar de estar a atingir o seu objetivo de passar o menor tempo possível no Centro</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de confiança do Centro e sentimentos de revolta pelo sofrimento psicológico das pessoas em seu redor</p>
<p>E: Não pensas nas outras consequências que advém da tua agressividade?</p> <p>P5: As outras consequências é eu ficar no quarto, e isso pra mim, já tive muitas vezes fechada</p>	<p>P5, quando questionada se pensa nas outras consequências que advém da sua agressividade, refere que lhe é indiferente, exemplificando que já teve fechada no quarto e não é o</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de indiferença face à sua agressividade e influência das restantes jovens institucionalizadas para a</p>

<p>no quarto, isso pra mim não é o pior... o pior é mesmo deixar de ir a casa, deixar de falar com as pessoas que eu gosto, de ver as pessoas que eu gosto porque se fosse só ficar fechada no quarto eu fazia, não mudava sequer, se não me dessem a oportunidade de ir a casa eu não mudava, começava a discutir, começava a bater, começava... tudo! Fazia tudo igual como eu entrei, até me chamavam bicho-do-mato quando eu entrei porque ninguém podia falar comigo que eu podia, era alguém chegar à minha beira que eu já me sentia atacada, já me sentia... que me vinham fazer mal então eu tava sempre na defesa mas... ninguém se afastou de mim, elas sempre acreditaram em mim, que eu ia mudar e eu acho que também foi um bocadinho por causa delas que eu tou assim... porque elas também são assim... e prontos...</p>	<p>pior, pois a única consequência que lhe custa é o deixar de se relacionar com as suas pessoas fora do Centro, pelo que se não fosse a possibilidade de ir a casa esta não mudava de atitude e continuava a ser a mesma pessoa que entrou pela primeira vez no Centro, uma pessoa que se sentia provocada quando alguém chegava perto, estando sempre defensiva. P5 acrescenta que o facto de, apesar das suas defesas, nenhuma jovem institucionalizada se ter afastado, ajudou a que mudasse de atitude</p>	<p>sua mudança de atitude</p>
--	---	-------------------------------

<p>E: Foste condenada a quanto tempo?</p> <p>P5: Um ano e meio</p> <p>E: Achaste justa?</p> <p>P5: Não! Não achei nada justa, mas agora tenho a plena noção que tá bem se calhar é justa não sei mas às vezes continuo a achar que um ano e meio foi muito, um ano chegava pra eu terminar a escola, pra eu... me organizar. Porque nem sequer tinham provas, não tinham, pra me pôr aqui porque fui julgada por um, os outros ninguém apareceu, ninguém foi lá falar, então não tinham provas e meteram-me aqui por causa de um processo... não quer dizer que não deveria ter vindo mas pronto, lá tá a dizer que eu sou julgada por sei lá quantos mas pronto, vim aqui parar</p>	<p>P5 revela que foi condenada a um ano e meio no Centro Educativo e que acha injusta a condenação, justificando que é uma pena muito longa e que um ano bastava para se organizar pois não tinham provas e as testemunhas de acusação não se apresentaram no tribunal, pelo que apenas afirma estar institucionalizada apenas por um processo, apesar de no seu processo penal estarem escritas mais acusações</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de injustiça face ao tempo de condenação</p>
<p>E: O que é que tu pensaste quando te disseram que ia ser um ano e meio?</p> <p>P5: Eu ri-me na cara da juíza e pensei “não me vais</p>	<p>P5 revela que, quando lhe foi adquirida a pena, esta riu-se para a juíza e que nunca iria ser apanhada, tendo sempre planeado fugir e refere que</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a fugir após ser condenada</p>

<p>apanhar”, porque já tinha mesmo... eu fui julgada a um de Abril, já tinha medida desde um de Abril então consegui fugir até dia dezassete de Junho, não foi muito tempo mas eu sempre disse que não vinha praqui mas prontos... apanharam-me!</p>	<p>conseguiu estar fugida dois meses até ser apanhada</p>	
<p>Eles terça-feira, dia treze tinham ido lá mas pronto só que eu consegui fugir e eu, eles tavam lá na, tocaram a campainha, disseram pra arrumar as minhas coisas, tavam a minha espera e eu “ta bem, podem descer que eu já vou lá”, comecei tipo a bater mal “mãe eu não vou, não vou”, meia a chorar “eles tão ali em baixo, o que vais fazer agora?” e eu comecei a descer as escadas para os ir enfrentar, mas já não consegui, vi que eles estavam distraídos e comecei a correr, comecei a correr e entrei numa casa lá de uma amiga minha, andaram-me a procurar</p>	<p>P5 relata o episódio quando conseguiu fugir primeiramente, com um stress e sofrimento psicológico enorme, apoiando-se na mãe, quando foram buscá-la a casa para ser institucionalizada e, aproveitando a sua distração, começou a correr e fugiu, refugindo-se em casa de uma amiga sua</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de stress e sofrimento psicológico quando estava fugida</p>

<p>mas ninguém me encontrou e eu também não atendia as chamadas da minha mãe, não atendia nada, prontos... tava na casa da minha amiga e prontos, sábado e domingo e segunda eu andava a vontade, não, sábado e domingo eu não fui a casa sequer, segunda é que fui a casa, dormi em casa</p>		
<p>e terça-feira, deviam ser praí umas três horas tinha, tava eu a prepara-me pra sair, tava a esticar o meu cabelo, quando me batem a porta e eu lembro-me que peguei numa faca (risos) e eu “não, ninguém me vai tirar daqui” e peguei numa faca e fui abrir a porta, tavam lá eles e fiquei a olhar pra eles, não tinha reação sequer, depois tipo comecei aos berros mesmo, comecei mesmo aos berros, a minha irmã grávida a ter pena de mim, eu... foi granda confusão, tava lá muita gente na minha casa, tavam lá os meus vizinhos, o meu padrinho e a minha</p>	<p>P5 relata o episódio em que foi apanhada após conseguir fugir, afirma que estava em casa descontraída quando chegam para a buscar, pelo que a sua primeira reação foi pegar numa faca e pensar que nunca ninguém poderia tirá-la de casa, abriu a porta e não conseguiu ter reação imediata, começando de seguida a gritar e, como estava muita gente em sua casa, a confusão instalou-se, P5 descontrolou-se e quatro guardas pegaram em si e levaram-na para o seu primeiro Centro, no Norte</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de stress e agressividade quando foi apanhada novamente</p>

<p>madrinha, toda a gente a berrar e aquilo já me tava a fazer confusão, a minha irmã grávida no chão porque o policia agarrou-a e mandou-a pro chão, eu a ver aquilo, ver a minha irmã, a mãe aos berros, o meu irmão R. aos berros, toda a gente a dizer “vai, é o melhor pra ti” e não sei quê, aquilo tava-me a fazer muita confusão então comecei ao berros a dizer que não ia, não sei quê, parti o vidro da minha casa porque foi granda confusão mesmo, os bonecos todos do chão caíram, tudo, depois veio quatro guardas, meteram-me algemas e levaram-me dois pelo braço, um em cada braço e um em cada perna, toda assim pelas escadas, prontos, meteram-me dentro do carro, avisaram o Centro Educativo de S.C. que eu fui apanhada e que ia pra lá e pronto...</p>		
<p>E: O que sentiste no momento que foste apanhada?</p>	<p>P5 revela, quando questionada pelo entrevistador, que ao ser</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de medo</p>

<p>P5: Senti-me mesmo medo porque eu não sabia o que é que estava a minha espera...porque prontos eu também não era, eu não batia bem da cabeça mas há piores que eu né por isso tinha aquela noção que eu ouvia muita coisa a dizer que em Centro Educativo violavam, que em Centro Educativo faziam muito mal, não só os presos mas também os que mandam, que faziam muito mal então bati mesmo mal a pensar que me iam fazer mal</p>	<p>apanhada sentiu medo pois não sabia o que lhe esperava e por ter ouvido falar bastante mal do Centro, que não só os jovens institucionalizados como os técnicos agrediam e violavam pelo que refere ter sofrido bastante e perspectivado que lhe ia fazer mal</p>	<p>e de perspectiva negativa face ao Centro antes de ser institucionalizada</p>
<p>então cheguei lá, trataram-me bem, fizeram-me a revista e eu não queria fazer a revista, deram-me um robe pra eu fazer os agachamentos, senti-me bem aí, depois um Dr.º veio lá falar comigo, a explicar-me as coisas, mas pronto... eu disse que não ia aceitar, eu disse que ia-me portar mal, que nunca ia seguir as regras, e tanto é que foi, portei-me sempre mal...</p>	<p>P5 revela que, quando chegou ao Centro se recusou a fazer a revista mas imediatamente foi acalmada por um Dr.º que lhe explicou as coisas, refere ter-se sentido bem apesar de responder que nunca iria aceitar as condições, que não ia respeitar as regras e que iria ter sempre um comportamento desadequado</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos face ao Centro no momento que foi institucionalizada apesar de planear ter um comportamento desadequado e desrespeitar a autoridade</p>

<p>houve uma vez que eu por dizer uma frase eu era pra dormir as oito e fui pra cama às onze horas da noite, meteram-me a limpar o chão, o corredor, as paredes, a casa de banho, tudo porque eu disse “bandida que é bandida não pára, dá um tempo, quando eu sair daqui vou voltar a ser o que era”, o Dr.º não gostou disso, de ouvir isso e meteu-me a limpar isso tudo,</p>	<p>P5 relata um episódio no Centro que foi castigada com tarefas domésticas após a hora de sono por afirmar que quando saísse nunca iria mudar de comportamento</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a um episódio em que recebeu castigo após desrespeitar o Centro</p>
<p>sofri, lá sofri, eu também não podia fazer nada lá em S.C. porque qualquer coisinha tau, em cima de mim logo, andei à porrada, deram-me contenção, prontos toda a hora a levar contenção, aqui também já levei contenções já muitas vezes</p> <p>E: O que é levar contenções?</p> <p>P5: É quando... é, como é que eu vou explicar isto? (risos) é quando nos fazem qualquer coisa pra nós pararmos, vamos ao</p>	<p>P5 revela que sofreu bastante no seu primeiro Centro pois refere que à mínima desadequação de comportamento sofria consequência e revela que se envolveu em violência física e era habitual levar contenção, isto é, ser imobilizada, o que a fazia sofrer bastante fisicamente</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de sofrimento psicológicos e agressividade no primeiro Centro pela rigidez</p>

<p>chão... imobilizar prontos! Eu sei que cheguei a ir com a minha mão até aqui, e doeu-me horrível, ouviu-se o braço mesmo a estalar... e é assim</p>		
<p>E: Conta-me um bocadinho do teu dia-a-dia nesse Centro em que tiveste um mês e meio P5: Tão, levantávamo-nos às sete e meia, eu tomava o pequeno-almoço, depois tinha uma horinha duas de estudo, depois almoçava, depois de almoço tínhamos um bocadinho de tempo livre e depois íamos fazer educação física, banho, um bocadinho de tempo livre, jantar e cama! Isso era eu porque eu era da primeira fase e os da primeira fase não se juntam com os da segunda, terceira e por aí...</p>	<p>P5 relata a sua rotina diária no Centro, inserida na primeira fase e distante fisicamente dos jovens das restantes fase</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativos à descrição da rotina diária no primeiro Centro</p>
<p>eu nunca passe pra segunda fase, já tive várias vezes perto só que quando tava quase a passar acontecia qualquer coisa, ou andava a porrada ou insultava alguém porque... eu agora dou-me bem com elas</p>	<p>P5 revela que sempre teve inserida na primeira fase no seu primeiro Centro e confessa fazê-lo de propósito, quando estava para passar à segunda fase agredia ou insultava alguém para ser impedida</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desapego, violência e mau comportamento pois planeava fugir do Centro</p>

<p>todas e lá também me dava mas eu lá fazia tudo pra não passar pra segunda fase porque eu não podia tar perto delas, eu não podia fazer o que elas fazem porque eu tipo eu não queria, não queria ter a minha roupa pessoal porque eu sempre tive a minha ideia “se eu vou fugir daqui pra que é que eu vou deixar aqui a minha roupa pessoal?” e como era da primeira fase ia sair dali limpa, ia sair dali sem nada pra não deixar nada aqui e pronto, foi sempre a minha ideia até nunca passei de fase por causa disso</p>	<p>de evoluir, justificando que, se o seu objetivo era fugir, não queria ter as benesses das seguintes fases, como ter a roupa pessoal, não querendo deixar nada no Centro quando fugisse</p>	
<p>E: Como te davas com os técnicos nesse Centro? P5: Muito bem, eles sempre falavam comigo, eles entendiam-me logo, alguns...</p>	<p>P5, quando questionada sobre a sua relação com os técnicos do primeiro Centro, refere que era mantinha uma boa relação com alguns pois comunicavam sempre com a mesma e entendiam-na</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos face aos técnicos do primeiro Centro</p>
<p>depois mudei pra cá porque o de S.C foi à falência e nós tivemos que vir pra cá e aqui foi muito difícil habituar-me aqui, fiquei</p>	<p>P5 revela que, como o seu primeiro Centro faliu, foi obrigada a mudar-se para o Centro atual e confessa que lhe foi bastante difícil</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de sofrimento psicológico, isolamento, atitude</p>

<p>sem visitas porque a minha mãe é lá do P., fiquei sem visitas, fiquei sem a minha terrinha, não conhecia ninguém aqui, nem conhecia elas sequer porque só tava com uma ou duas na inicial, na fase um, e foi muito difícil tar aqui então a minha defesa foi afastar-me delas todas e tentar ser má pra ficar sempre no quarto, não queria tar com elas...</p>	<p>habituar-se pois, pela distância geográfica com a sua família, não lhe era possível receber visitar e todas as pessoas lhe eram desconhecidas, pelo que a sua defesa foi afastar-se das restantes jovens e tentar manter uma atitude desadequada para permanecer sempre isolada no seu quarto</p>	<p>desadequada e difícil habituação com a mudança de Centro devido à distância geográfica com a sua família</p>
<p>depois comecei a ver que elas, que elas tavam do meu lado, que elas entendiam tudo o que eu tava a passar, porque era de longe, não tinha visitas elas começaram-se a juntar a mim, mas foi muito difícil, os técnicos, tudo que eu odeio que tenham pena de mim e as pessoas olhavam pra mim como uma coitada que não conhece aqui ninguém e tal, fora da terrinha e eu não gostava disso então começava sempre a discutir, a insultar e até a bater nos técnicos, nos técnicos não, nas</p>	<p>P5 revela que, com o passar do tempo e com a aproximação das restantes jovens institucionalizadas começou a entender que elas estavam do seu lado e entendiam o que esta estava a passar, apesar de afirmar que lhe foi bastante difícil pois não gosta que a tratem e olhem com olhar como uma coitada e, quando tal acontecia, descontrolava-se e discutia, insultava e agredia as restantes jovens</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de progressiva compreensão pelas restantes jovens institucionalizadas</p>

<p>peessoas, nas miúdas...</p>		
<p>prontos, uma vez ia bater numa educadora só que pensei “não isto é muito mau” então não bati, não cheguei a bater mas fui pro quarto porque comecei aos socos à mesa e ao armário, pra não bater na educadora, prontos e fui pro quarto durante uma semana... já tava a bater mal lá dentro porque bati, insultei e quando saí voltei a bater numa miúda...</p>	<p>P5 relata um episódio no qual o seu desejo era agredir a educadora e, para não o fazer, descarregou com violência aos móveis do quarto e, como consequência ficou no quarto durante uma semana, semana essa que afirma ter sentido um enorme sofrimento psicológico e, quando saiu agrediu novamente uma jovem</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desejo de agressão perante a educadora do Centro e a respetiva consequência</p>
<p>prontos e toda a gente pensava que eu não ia mudar, toda a gente pensava que eu não ia conseguir ir a casa e voltar e no Natal foi uma chapada de luva branca que dei a cada uma das pessoas... e agora vê-se que as pessoas têm confiança em mim, que as pessoas acreditam em mim, por cada saída que fazem eu tou sempre nelas, sou uma das escolhidas sempre, prontos...</p>	<p>P5 revela que inicialmente todas as pessoas julgavam que não ia conseguir regressar de casa e, quando saiu, sentiu que deu uma chapada de luva branca a quem duvidada dela e que, atualmente, as pessoas consideram-na de confiança e acreditam nela, exemplificando que é sempre uma das primeiras jovens escolhidas para sair do Centro temporariamente</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desconfiança inicial no Centro em si</p>
<p>E: Depois vieste para este Centro, longe da tua</p>	<p>P5, quando questionada pelo entrevistador, revela</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo à</p>

<p>família, como é o teu dia-a-dia aqui? É diferente?</p> <p>P5: É, porque nós viemos numa altura de férias então levantávamo-nos às nove, havia uma atividade que é “Eu e os Outros”, era tipo psicologia, prontos, depois era piscina e depois à tarde era ver filmes, ou então era arranjar o jardim, assim essas atividades ... depois quando começou a escola foi levantar às sete, tomar o pequeno-almoço, vir prás aulas, almoçar, vir prás aulas, tomar banho, jantar e mais nada e á assim o nosso dia-a-dia aqui dentro e tive que me ir habituando a esta rotina...</p>	<p>que, quando chegou ao atual Centro, a rotina era diferente da do anterior pois estavam em período de férias, com atividades lúdicas e relata a rotina diária quando começou o período escolar, baseado essencialmente em aulas e refeições</p>	<p>rotina diária no Centro atual</p>
<p>eu lá nunca fui às aulas, sempre tive na inicial e na inicial não se podia ir às aulas, tínhamos duas horas de estudo mas era lá na unidade com uma técnica e o que ela soubesse fazer e ensinar nós fazíamos, não era escola, aqui tamos a tirar um curso de cabeleireiro com equivalência ao nono ano,</p>	<p>P5 revela que no primeiro Centro não era permitido continuar a escolaridade, na fase inicial, pelo que apenas tinha uma técnica que ensinava o que soubesse, enquanto no Centro atual está a fazer um curso de cabeleireira com equivalência ao nono ano e confessa, por já estar na reta final e início de</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de saturação pelo curso que está a tirar no Centro atual</p>

<p>em Dezembro antes de sair eu vou conseguir ficar com o nono ano prontos, já tou a ficar farta do curso, já tamos mesmo na reta final de, até às férias e isso e tou mesmo a ficar farta, ficar sem paciência e acho que isso vai correr mal</p>	<p>férias, que está a esgotar a sua paciência e perspectiva que as coisas vão correr mal</p>	
<p>porque agora tou-me a irritar com tudo o que dizem, alguma coisinha que me mandam fazer ou alguma coisinha que já me falam alto eu já penso que me tão a atacar ou me tão a falar mal, já tão... não sei... a fazer qualquer coisa e eu irrita-me, odeio que me berrem, isso ainda não mudou em mim, odeio que me berrem, que me falem mal e principalmente odeio que me dêem ordens, que tentem mandar em mim, não gosto, e os técnicos aqui fazem muito isso só porque têm o poder está a ver? Pensam que podem mandar em tudo, nos jovens, prontos...</p>	<p>P5 revela que começa a ficar irritada à mínima palavra que lhe dirijam ou com a mínima ordem que lhe façam e começa de novo a julgar imediatamente estar a ser atacada, revelando que a dificuldade com a autoridade e com acatar ordens nunca mudou em si e que, no Centro, afirma que os técnicos julgam que podem utilizar a sua autoridade para mandar nos jovens em totalmente</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de irritação face à autoridade do Centro</p>
<p>sempre tive a minha liberdade, sempre fiz o que</p>	<p>P5 revela que está habituada a ter a sua</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado</p>

<p>queria, mesmo contra a minha mãe que ela sempre disse, ela sempre tentou dar a melhor educação mas... eu nunca quis saber da educação pra nada, nunca fiquei em casa a arrumar a casinha como a minha irmã, nunca quis ficar sentada no sofá com a minha mãe a ver filmes, sempre fui mais de rua, sempre quis tar mais na rua com os meus amigos, sempre fui isso...</p>	<p>liberdade e a fazer apenas o que desejava, apesar dos esforços da sua mãe para a educar esta confessa ser sempre indiferente e, ao contrário da sua irmã, sempre preferiu estar na rua com os seus amigos a estar em casa com a sua família</p>	<p>com sentimentos de gosto pela sua liberdade</p>
<p>E: Sentes que de alguma forma estás dependente deste Centro? P5: Sim! Quer dizer eu tenho a plena noção de que quando sair vou ficar desorientada porque aqui tenho gente que me trata da minha saúde, gente que trata da minha educação né, acho que sim, mas lá fora tenho a minha mãe pra me ajudar em tudo... mas sim, este Centro Educativo ajudou-me muito pra me ajudar na escola lá fora, pra me ajudar a encontrar uma escola que eu goste, pode</p>	<p>Quando o investigador pergunta a P5 se se sente dependente do Centro Educativo, esta responde de forma explicitamente afirmativa e revela que tem noção que quando sair ficará desorientada, sem a ajuda para tratar da sua saúde e educação, apesar de referir que tem a sua mãe para ajudar, afirma que o Centro a ajudou bastante na sua escolaridade e que perspectiva que essa ajuda lhe abra novos horizontes</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de dependência do Centro no sentido de perspetivar desorientação após a saída</p>

<p>ser que me abra novos horizontes</p>		
<p>E: É o que tu queres fazer quando saíres? Estudar? P5: Sim, quero tirar o décimo segundo ano, mas não vou conseguir manter o comportamento que tenho aqui lá pra fora, já disse isso a muita gente, não consigo porque lá fora é totalmente diferente, lá fora é pessoas totalmente diferentes destas pessoas, lá fora não vou ter ninguém que me proteja 24h sobre 24h a dizer “não faças isso, isso não é o melhor pra ti”, não vou ter e sei que se alguém me perguntar “queres vir?” eu vou, tenho a certeza absoluta disso, na escola, mas quero mesmo seguir a escola até ao décimo segundo mas se alguém disser “não sigas a escola vamos roubar” acho que não vou ter capacidade de dizer que não</p>	<p>P5 revela o seu desejo de terminar a escolaridade quando sair mas confessa que não conseguirá resistir a voltar ao mesmo comportamento delinquente e não vai ter capacidade para dizer que não se alguém a influenciar a roubar de novo, pois apenas no Centro tem alguém que a proteja durante todo o dia e que a faça ver o que é melhor para si</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de incapacidade de resistência se for novamente incentivada a delinquir após saída</p>
<p>E: Porquê? P5: Porque eu sempre fui muito... gosto de sentir o</p>	<p>P5 refere que gosta de sentir a adrenalina que sentia a roubar e de estar a</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos</p>

<p>que eu sentia a roubar, a adrenalina mesmo! Gosto de estar a fugir, gosto de estar assim a sentir aquela pica toda... e não consigo, eu quando vou de férias fico mesmo, olho para as pessoas e dá-me aquela vontade de ir lá ter com elas, falar como antigamente e perguntar “vamos?”, porque muitas vezes eu não era influenciada, eu é que influenciava as pessoas, eu é que puxava elas pra mim, pra roubar, sempre não, mas eu sempre dava aquele sorriso tipo “vamos?”, muitas vezes era eu mas muitas vezes quando tava na minha as pessoas chegavam à minha beira e “então, vamos?”, porque eu nunca dizia que não e as pessoas gostavam disso em mim porque eu alguma coisinha nunca os deixava ficar mal e prontos, vim aqui parar por causa disso (risos) não sabia dizer que não mas ainda agora não consigo dizer que não a</p>	<p>fugir pelo que afirma que quando vai a casa do Centro temporariamente toda a vontade para cometer os delitos é repostada, que continua a consumir álcool e droga e a sair a noite, e afirma que, apesar de realizarem testes no regresso ao Centro, está confiante que não lhe vão fazer pois o Centro confia em si. P5 revela ainda que, quando roubava era esta quem influenciava os outros a fazerem o mesmo, pelo que as pessoas em seu redor gostavam de si pois nunca os deixava ficar mal</p>	<p>de adrenalina ao roubar e desejo de delinquir e o consumo de droga e álcool são repostos</p>
--	---	---

<p>muita coisa, a fumar não consigo dizer que não, a sair À noite não consigo dizer que não... continuo a fumar, continuo a beber e continuo a sair à noite... nunca vão saber, por isso (risos), agora fazem testes mas eu tou confiante que a mim não me vão fazer porque eles confiam em mim...</p>		
<p>agora vou sair não é este fim-de-semana é pro próximo, fico muito ansiosa antes de sair, as pessoas dizem que já não falo já não consigo falar muito, que já não brinco tanto... porque eu sou simpática (risos) eu sou simpática, sou mesmo brincalhona e quando conheço as pessoas eu dou-me muito bem com elas, gosto de brincar com elas, gosto de falar, gosto de ajudar só que quando me sinto ansiosa, nervosa é totalmente diferente, quando eu tou ansiosa não consigo falar com as pessoas, parece que não</p>	<p>P5 revela que, nas vésperas da saída, é confrontada com extrema ansiedade e lhe é dito que, apesar de ser uma pessoa que gosta de brincar, simpática, que se relaciona muito bem com os seus conhecidos, conversadora e que gosta de ajudar, fica uma pessoa isolada e calma, afirmando que é feitio e que não é capaz de mudar essa reação</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de ansiedade isolamento e calma com a proximidade das saídas a casa</p>

<p>consigo brincar, é uma coisinha má que eu tenho em mim mas que não consigo, não consigo lidar, não consigo...palavra certa...não consigo ser de outra maneira e isso vai tar sempre em mim</p>		
<p>E: Se fosse agora, mudarias alguma coisa do que fizeste até agora na tua vida?</p> <p>P5: Tentava ser um bocadinho mais esperta, nos roubos, porque eu sei que fiz muita coisa muito nas vistas, eu roubava uma pessoa cheia de pessoas à volta e eu mesmo assim ia ter com elas, eu se visse alguém que tinha problemas eu ia ter com ela ia começar a discutir com ela, ia bater nela à frente de toda a gente e isso prejudicou-me porque tinha muitas testemunhas, muitas pessoas que viram e podiam dizer o que se passou... e eu sozinha não conseguia-me defender das pessoas todas então fui muitas vezes, pronto,</p>	<p>P5, quando questionada se mudaria alguma coisa no seu comportamento, confessa que apenas tentava, durante os delitos, ser mais esperta pois roubava e agredia à frente de bastantes testemunhas pelo que tornava difícil a sua defesa e as pessoas já a conheciam no bairro, sendo criticada. P5 confessa então que não mudaria o ato de roubar mas si a maneira como roubava</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de arrependimento pela maneira como roubava, apesar de não mudar o ato de roubar</p>

<p>criticada por causa disso mesmo lá no meu bairro as pessoas olhavam-me de lado porque as pessoas já sabiam que quando eu vestia fato treino era porque... eu ia mesmo fazer a minha vidinha e não devia ter feito assim as coisas...</p> <p>E: Portanto o que tu mudarias era a maneira de roubar e não o roubar em si?</p> <p>P5: (risos) sim exato é mesmo a maneira como eu fiz porque roubar...</p>		
<p>eu digo-lhe isso e já disse a elas que isso tá em nós porque de vez em quando estamos aqui a falar e não sei quê e alguém já pega na caneta e guarda, isso já é instinto mesmo já não... guarda mas isso não é por mal é mesmo, pá não sei já é de nós... e ninguém sai daqui totalmente curado, podemos sair daqui bem, acredito que alguns consigam sair daqui bem, consigam fazer a sua vida normal, agora eu que</p>	<p>P5 refere que os comportamentos delinquentes estão inculcados nas jovens institucionalizadas e exemplifica com o instinto de roubar uma simples caneta, confessando que, apesar de acreditar que há jovens que conseguem sair do Centro bem, com a sua vida organizada, ninguém consegue sair do Centro reabilitado e reitera que, como vai voltar para o mesmo meio não será</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desacreditação na reabilitação das jovens institucionalizadas</p>

<p>sempre vivi num bairro, vivi com pessoas muito... que gostam de experimentar de tudo, agora sair e voltar pró mesmo meio que eu vim (suspiro) não! Não vou conseguir dizer que não. Eu já disse, já tive num Colégio, já tive num Centro Educativo, quando sair vou parar à prisão porque... eu não consigo parar, não consigo dizer que não... é pena, dá pena eu sei mas não consigo dizer que não</p>	<p>capaz de negar e que, apesar de dar pena, já teve num Colégio, num Centro Educativo e posteriormente irá para prisão</p>	
<p>E: Nem esse pensamento de ires para uma prisão te consegue mudar?</p> <p>P5: Não, eu tento várias vezes só que... eu penso mesmo “não, vou sair daqui, vou prá escola” só que não dá, eu tenho a certeza de quando vir as pessoas que eu me dava vem-me logo aquele sorriso e vai-me logo... porque nós quando estamos a roubar é “agora não vamos ser apanhados, nunca!” é o nosso</p>	<p>P5 reitera que não conseguirá resistir em voltar ao mesmo comportamento e que tenta várias vezes pensar que irá terminar a escola. P5 refere ainda que enquanto rouba julga sempre que nunca será apanhada apesar de já ter sido enumeras vezes pois roubava com bastantes testemunhas</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de indiferença ao roubar pois julga nunca ser apanhada</p>

<p>pensamento sempre e eu cada vez que roubava era “não vou ser apanhada”... mas na verdade já fui muitas vezes apanhada, lá está e fazia as coisas mesmo cara podre, quem quisesse via quem não quisesse tapava os olhos, prontos...</p>		
<p>agora faltam seis meses pra sair... E: E tens planos para estes últimos seis meses? P5: Pra já ainda não sinto nada, não tou ansiosa não tou nada mas quando tiver na reta final vai-me começar a pensar muito bem as coisas e se vale a pena e coiso mas é de mim, não consigo dizer que não...</p>	<p>P5 refere que faltam seis meses para terminar a pena e, quando questionada pelo investigador, esta revela que ainda não sente nada, nem ansiedade mas quando estiver na reta final sabe que irá pensar se vale a pena voltar ao seu comportamento delinquente, apesar de confessar que não vai ser capaz de o negar</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos ambíguos quanto ao voltar ao comportamento delinquente</p>
<p>e já mudei muito e acho que tou a voltar a ser o que era porque já tou a engolir muita coisa, coisas que eu já não ando a gostar, já tou a ouvir muitas... muita gente a falar e já não tou a gostar também, isso eu não vou explodir agora tou mesmo a ser sincera por</p>	<p>P5 revela que mudou bastante desde que entrou para o Centro mas que atualmente julga estar a voltar a ser o que era, pois já são demasiadas as provocações que não reage e que não está a gostar, apesar de saber que não se irá descontrolar agora sabe</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de mudança desde que entrou no Centro e perspetiva de descontrolo quando voltar de férias do Centro</p>

<p>causa das férias mas tenho a certeza absoluta que depois de Agosto já não quero saber das férias, já não quero saber do fim-de-semana, não quero saber de nada eu vou mesmo explodir com esta gente toda, vou dizer o que eu tenho a dizer, dizem que quando eu tou chateada digo as coisas de uma maneira agressiva, de uma maneira mal-educada então dizem, prontos...</p>	<p>que isso vai acontecer quando vier de férias não irá aguentar e vai explodir perante o Centro</p>	
<p>e eu vou dizer as verdades que eles não vão gostar de ouvir</p> <p>E: Quais é que são essas verdades?</p> <p>P5: As verdades... olhe... (risos) não posso dizer isto, isto é muito mau... não, tou a falar dos Doutores, dos Educadores, de tudo porque aqui as pessoas falam porque têm poder tá a ver? Porque sei que daquele portão pra fora ninguém fala nada, ninguém diz nada e aqui as pessoas falam muito por causa do poder, gostam</p>	<p>P5 revela que irá dizer umas verdades ao Centro e, quando questionada por essas verdades pelo investigador, esta responde que os técnicos do Centro gostam de rebaixar os jovens, que apenas falam e mandam porque têm poder e não acreditam na sua mudança, ao contrário das restantes jovens institucionalizadas</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de humilhação e uso impróprio da autoridade no Centro</p>

<p>muito de mandar, gostam de rebaixar as pessoas só porque, só porque sim, só porque estamos internadas e “vá, vamos rebaixar esta porque esta está internada”... não sei, tipo nós, eu tou a falar com uma pessoa e dá pra ver que eu tou mudada e vem uma pessoa de fora e diz “mudada não sei quê a sério? E só te lembrás da mudança agora? E lá fora?!” não sei quê, e depois começam, eu tento-me defender e as pessoas dizem “tu? Tu nunca vais mudar? Tu? Oh, menos”, começam a falar assim e não é as miúdas porque as miúdas sabem aquilo que eu valho e isso é, e sabem que eu até posso mudar se eu quiser mas agora os técnicos que deviam ser as primeiras pessoas a dar-nos a mão não, são as pessoas...</p>		
<p>e não só, os professores também tal e qual, há uma stôra que me diz diretamente “sabem vocês</p>	<p>P5 relata um episódio que uma professora do Centro afirmou que os jovens saem piores do que</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desconfiança e</p>

<p>aqui saem piores do que aquilo que entraram”, diz, essa stôra diz, agora as outras... não são todas mas uma ou duas gostam muito de falar daquilo que não sabem, prontos e uma pessoa vai-se abaixo e depois e eu quando dou problemas engulo tudo, engulo, engulo, engulo e eu não gosto de falar com a minha Dr.^a sobre isso porque... tenho medo que ela mande uma folhinha a parte para o tribunal porque eu não sei o que vai daqui para o tribunal, não sei nada, sei quando vêm os relatórios que eles dão-me pra assinar agora podem mandar muita coisa para o tribunal que eu não sei e tenho medo que aquilo que eu falo sobre o meu pai e sobre a minha melhor amiga... não tenho confiança aqui em ninguém, tou-lhe a contar tudo agora porque prontos mas há muita coisa aqui que quando no último dia depois das férias vou</p>	<p>entraram no Centro e que, ao ouvir isto sofre psicologicamente e que se controla bastante pois não gosta de falar com a psicóloga sobre essas situações e revela que tem receio que o que fala com esta, sobre a sua família, possa ir, sem saber, para o tribunal pelo que confessa não sentir confiança em ninguém e por isso irá explodir quando as suas férias terminarem</p>	<p>desacreditação na sua mudança por parte de uma professora do Centro</p>
---	--	--

mesmo arrebentar...		
olhe desde que fiz uma queixa sobre o, dum segurança porque o segurança agarrou-me de uma maneira que não devia ter agarrado, agarrou-me pelos cabelos que eu voei do chão, eu saí do chão completamente, ele agarrou-me por aqui... uma miúda aqui tinha-me puxado os cabelos, eu tava de costas ela puxou-me pelos cabelos e eu, naquela reação, levantei-me, é verdade tentei-lhe dar um pontapé mas não consegui, não consegui bater porque as miúdas tavam-me a agarrar nas mãos e depois tava gente em frente a mim, eu não consegui bater-lhe, depois do pontapé não bati mais, assim veio o senhor, prontos o senhor segurança e agarrou-me pelos cabelos e eu voei do chão todo e depois eu disse “eu tou calma, largue-me, eu tou calma” depois ele “tas calma? Tas calma” e eu	P5 relata um episódio que fez queixa de um segurança do Centro Educativo pois, quando P5 estava em troca de agressões com outra jovem institucionalizada, tentou sem sucesso pontapear o segurança e este agarrou-lhe pelos cabelos e sufocou-a, deixando-a sem respirar cerca de dez segundos pelo que foi outro segurança quem a levou de volta à unidade levando-a por um braço, mais calmamente. P5 refere que o Diretor do Centro, juntamente com o Coordenador e a sua Dr. ^a , viram mas ficaram indiferentes à situação	Unidade de significado psicológico relativos a um episódio que sentiu violência por parte de um segurança do Centro

<p>“tou” e ele a dar-me mataleão e eu fiquei com o pescoço todo vermelho não conseguia respirar fiquei mesmo uns dez segundos sem conseguir respirar, mesmo sufocada e depois quem me trouxe foi outro segurança pra unidade, esse foi mais meiguinho, pegou-me pelo braço só que eu não conseguia respirar tive que beber água, o Diretor do Centro viu, o Coordenador viu, a Dr.^a viu, ninguém quis saber, ninguém quis saber de nada,</p>		
<p>prontos ok, e quando souberam que eu fiz queixa do segurança vieram todos tipo pra cima de mim, ok, eu vou dizer isto não devia falar sobre isto... o Senhor Diretor disse que aquilo foi no momento, já não me lembro muito bem quais foram as palavras dele mas deu-me a entender que, que aquilo não tinha sido nada de grave, que é a maneira dele intervir, prontos e que eu sou uma menina e não</p>	<p>P5 refere que apenas quando os técnicos do Centro souberam que esta fez queixa do segurança é que prestaram atenção ao sucedido e que se sentiu revoltada por lhe darem a entender que não passou de um mero incidente e que não tinha deixado sequelas, pressionando-a para retirar a queixa pois se não o fizesse não ia a casa no dia estipulado. P5 afirma então que foi alvo de um jogo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de revolta e sofrimento psicológico pela indiferença demonstrada pelo Centro quanto à queixa que fez do segurança</p>

<p>sei quê e disse que, eu disse “eu fiquei com as marcas” e ele assim “que engraçado ficaste com as marcas durante umas horas que depois no outro dia já não tinha nada”, aquilo revoltou-me, eu fiquei mesmo chateada só que pá tive que comer, engoli porque tava a um mês de ir a casa e foi mais porque eles quiseram fazer o jogo psicológico comigo a dizer que têm medo que vá a casa e não sei quê e eles começaram, eles fizeram um joguinho qualquer que eu acabei por tirar a queixa que eles deram-me a entender que, não foi por estas palavras mas deram-me a entender que “se não tiras a queixa não vais a casa, escolhe, ou tiras a queixa e vais a casa ou escolhe” eu escolhi tirar a queixa e ir a casa e a partir daí foi muitos risinhos foi muito... foram queridos a partir daí pra mim tá a ver? E eu acho que isso é tudo muita falsidade aqui, claro</p>	<p>psicológico de chantagem e que sentiu uma falsidade imensa a partir do momento que retira a queixa e começam a tratá-la bem, sentindo-se injustiçada por não ser permitida a queixa de agressão e confessa ter sentido um sofrimento psicológico imenso chorando e ficando incapacitada de comunicar</p>	
--	---	--

<p>que o Centro não queria ficar mal visto porque o segurança bateu numa, bateu porque aquilo foi agressão que eu tive a falar com o meu advogado e ele disse que foi agressão que não podiam ter feito isso e prontos... o Centro claro que não queria ficar mal visto e fez-me aquele jogo psicológico porque eu chorei, chorei a vir praqui, estávamos nas aulas eu chorava, não conseguia falar porque foi tão mau as palavras que eles me disseram e tudo o que eles me disseram que eu fiquei mesmo... (suspiro)</p>		
<p>E: O que é que sentiste em relação ao Centro? P5: Senti que o Centro tava mesmo a querer-me rebaixar, tava mesmo... não sei, ai! Aquilo foi mesmo muito mau, eu senti mesmo mal porque eles deram-me a escolher uma coisa que eu tinha razão pra o fazer, porque o segurança bateu-me, eu tinha razão pra fazer, tinha</p>	<p>P5, quando questionada pelo entrevistador do que sentiu em relação ao Centro a partir desse episódio, afirma que se sentiu bastante mal e injustiçada perante a situação de ser vítima de agressão e ter que optar entre retirar a queixa ou deixar de ver a sua família. P5 revela ainda que, no mesmo episódio, houve</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de injustiça e sofrimento psicológico face à agressão sentida</p>

<p>mesmo e tá na lei, o meu advogado disse-me que tá na lei, prontos... senti-me mesmo mal porque eu não pude fazer nada, tive mesmo que escolher entre ver a minha família e os meus amigos ou ficar aqui com a minha razão e eu preferi abdicar da minha razão pra ver a minha família e eles sentiram-se bem claro, retirou a queixa... ah e depois ainda me deram aquele, vieram pra cima de mim com uma conversa porque quando andei à porrada, em Janeiro, aquela porrada que lhe tinha falado, eu agredi um segurança, não foi o mesmo, mas agredi ao separar, tava a largar, dei pontapés, trinquei e comecei-lhe a dar socos só que esse segurança eu sempre me dei bem com ele então o senhor Diretor disse-me “ao tu fazeres queixa do senhor segurança, o outro segurança também pode fazer queixa de ti” não sei</p>	<p>outra tentativa de chantagem da qual não aderiu quando ameaçaram fazer queixa de si por ter agredido um segurança anteriormente</p>	
---	--	--

<p>quê e eu “tá bem, que faça, se tiver razões, se tiver na lei, pode fazer” e ele assim “mas tá na lei” e eu virei-me “então se tá na lei ele fazer queixa de mim, tá na lei eu fazer queixa do outro” e ele tipo começou a fazer joguinho tá a ver? Prontos... foi assim</p>		
<p>E: E o que é que tu sentes em relação aos Centros Educativos em geral? Sentes que é útil? Que não é útil? P5: É útil porque dá-nos oportunidade de juntar dinheiro, dá oportunidade de ter o nono ano, de ter um curso profissional sim, disso eu agradeço porque posso fazer coisas aqui que lá fora era impossível, isto do Centro tem esse lado positivo que podemos fazer essas coisas e acabar a escola que eu agradeço claro... mas de resto isto é, eu vou sair daqui mesmo desgastada porque há muitas, muitas, eu vou pro quarto a chorar quando apagam as luzes eu vou pro</p>	<p>P5, quando questionada sobre o que sente sobre os Centros Educativos em geral, reconhece ser útil apenas pela oportunidade de terminar a escolaridade pois sente que irá sair do Centro desgastada e confessa o seu sofrimento psicológico, chorando todas as noites, por se sentir farta de estar aprisionada, das pessoas e da autoridade imposta e refere que outras jovens institucionalizadas confessa-lhe o mesmo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de utilidade do Centro e gratificação pelo mesmo pela oportunidade de terminar a escolaridade e sentimentos de desgasto apesar do sofrimento psicológico sentido pelo aprisionamento</p>

<p>quarto a chorar pelo dia que passei e já não foi há muito tempo, foi anteontem que apagaram as luzes e eu chorava, chorava, chorava porque já tou farta de tar aqui dentro, já tou farta destas pessoas, já tou farta que tentem mandar em mim tá a ver? Isso ta mesmo a fazer mal ao meu psicológico, não ta a dar... não é nada útil para a pessoa porque isto tá-me a fazer mesmo mal e não é só a mim, ta a fazer mal a muita gente aqui dentro, tamos a ficar todas...</p>		
<p>vou-lhe dar um exemplo! De uma rapariga aqui, andava a se portar mal ao princípio, quando lhe deram oportunidade de ir a casa suportava muito bem, agora tá a sair e anda a dizer as verdades a toda a gente, já teve fechada no quarto, tivemos aí uma discussãozinha, já teve fechada no quarto e agora anda a falar mal pra toda a gente, porquê? Nós na reta final nós é que temos a</p>	<p>P5 exemplifica o porquê de julgar que estar completamente aprisionada ao Centro faz mal aos jovens, afirmando que uma jovem que, dentro do Centro inicialmente tinha um mau comportamento, até lhe darem a oportunidade de ir a casa e começou a ter um comportamento adequado e que, atualmente, na reta final da sua passagem pelo Centro, o mau</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos face à utilidade do Centro na mudança de jovens</p>

<p>coragem, já não temos nada a perder e dizemos aquilo que sentimos, tudo o que sentimos às pessoas todas e quem gosta gosta, quem não gosta temos pena que é assim mesmo, prontos... e as pessoas ficam chocadas só a dizer “ai uma pessoa que teve um percurso tão bom, chega ao fim e faz isto” mas é porque as pessoas não entendem o que vai aqui na nossa cabeça, que é muito mau tar aqui vinte e quatro sobre vinte e quatro fechada...</p>	<p>comportamento e as provocações da parte da jovem reapareceram, justificando esse comportamento com o aparecimento da coragem de revelar tudo o que sente quando já não tem nada a perder, quando está para breve a saída do Centro</p>	
<p>prontos... não é bem do Centro que eu penso isto é as pessoas, porque tem aqui muitas pessoas que gosto mas também tem outras pessoas que não posso ver à frente e pronto... acho que eu não... tem muitos estudos, muitas coisinhas pra trabalhar connosco só que não têm mentalidade, personalidade, tudo...</p>	<p>P5 revela que não é o Centro que julga mas sim as pessoas que não têm mentalidade e personalidade, pois reitera que o Centro oferece a oportunidade de estudar e trabalhar</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos ambíguos face ao Centro</p>
<p>E: O que levas daqui para o teu crescimento?</p>	<p>P5, quando questionada pelo investigador, refere</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado</p>

<p>P5: Acho que isso só vem de mim, acho que não... é o que eu digo, se eles não me dessem oportunidade de ir a casa eu não mudava, acho que essa mudança vem de mim e não daquilo que o Centro me deu, o Centro só me deu oportunidade de ir a casa mais nada, de resto, o esforço, tudo veio de mim não veio de mais ninguém, dizem que eu só mudei porque as pessoas aqui trabalham muito bem comigo mas não, eu só mudei porque eu quero mesmo ir a casa e se mudei foi por causa da minha mãe, foi por causa da minha família, dos meus amigos porque quero vê-los, de resto... o Centro não me deu nada, tá-me a dar o nono ano, é a única coisa de bom, o nono ano...</p>	<p>que não leva nada do Centro para o seu crescimento sem ser a oportunidade de ir a casa, que foi a única coisa que fez com que mudasse o seu comportamento, referindo que todo o esforço é dela. P5 nega ainda que tenha mudado pelo bom trabalho das pessoas do Centro e afirma que, se mudou, foi por querer a sua família e amigos pois a única coisa de bom que o Centro lhe proporcionou foi terminar a escolaridade</p>	<p>com sentimentos de auto recuperação</p>
<p>E: E como está a relação com a tua família atualmente? Com o teu pai... P5: Oh, quando eu vou lá a</p>	<p>P5, quando questionada sobre a relação com a sua família atualmente, revela que quando vai a casa finge estar tudo bem e que tenta</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativa ao esforço feito pela sua família para um bom ambiente familiar em casa</p>

<p> casa é fingir que tá tudo bem quando eu sei que não porque o meu pai fez anos e eu quis-lhe oferecer o bolo de anos e a minha mãe disse que não mas não me quis explicar o porquê, eu também cheguei a casa o meu pai, eu não gosto do meu pai mas como eu tou aqui, prontos... tentar-me dar bem com ele pra não... prontos, pra não meter mau ambiente lá em casa e prontos, eu cheguei lá a casa ele começou ao beijinhos comigo, ele começou a rir e eu vi que a minha mãe fez um grande esforço para lhe tratar bem, o meu pai igualmente, a minha irmã fez um grande esforço pra lhe falar bem porque a minha irmã também não o suporta, e toda a gente tá a fazer um grande esforço por mim porque... prontos mas eu sei que isso é só aos fins-de-semana que eu não vou a casa porque durante a semana toda nas chamadas eu ouço gritos, ouço a </p>	<p> ter um relacionamento razoável com o seu pai para não estragar o ambiente de sua casa pois refere que toa a família esta a fazer um esforço pela P5 e reconhece que só há um ambiente familiar quando vai a casa pois apercebe-se que, ao telefone, a família faz esforço para não mostrar o mau ambiente e refere ter receio pela sua mãe pois o esforço para terem um relacionamento razoável é também pelo seu sobrinho recém-nascido </p>	
--	---	--

<p>minha irmã a berrar com o meu pai a dizer “sai daqui” não sei quê e insulta-o até, depois ouço a minha mãe tipo a correr pró meu quarto pra eu não ouvir a discussão, eu apercebo-me de tudo de tar deste lado, apercebo-me de tudo não é só por estar deste lado que eu não sinto as coisas porque eu consigo perceber tudo mas muitas vezes eu não digo à minha mãe porque senão... tenho medo que ela se vá abaixo, e também tamos a tentar nos dar bem porque nasceu um bebé, o meu sobrinho, prontos e tamos a nos dar bem por causa disso</p>		
<p>E: O que achas que te influenciou mais para roubar? P5: O meu pai sim porque o meu pai, eu não gostava dele e sempre dei a entender que não gostava dele, prontos sempre lhe sempre tratei mal só que houve aí uma altura que ele soube que eu andava nas drogas tá a ver? Prontos,</p>	<p>P5, após ser questionada pelo entrevistador, refere que foi o seu pai quem influenciou o seu comportamento pois, apesar de ter sido na escola que começou a consumir e a roubar, o seu pai soube que esta consumia e, ao invés de fazer o papel de pai, convidou-a a fumar junto dele e a oferecer-lhe</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativos à influência do seu pai na sua delinquência e em tornar-se revoltada, chateada e desconfiada</p>

<p>começou na escola, foi quando eu me comecei a dar bem com eles, foi na escola prontos e quando o meu pai soube que eu andava a fumar, chegou à minha beira e disse “vais-me buscar, prontos, coisos?” e eu “tá bem”, ele deu-me dinheiro e eu fui comprar, e fui eu, mais a minha melhor amiga, mais o meu cunhado, mais a minha vizinha pró quarto dele a fumar todos e foi a partir daí que ele começou a juntar mais a mim mas prontos mas foi a partir daí, há uns meses antes de eu ter entrado no Centro que ele se juntou mais a mim por causa do fumo porque ele fumava, quando eu não tinha ele ia lá ele dava-me tabaco e cenas, todas as noites mesmo íamos com ele pró quarto dele fumar, ele já me mandou muitas vezes buscar pra ele pronto, teve um papel contrario de um pai totalmente e ele dava-me raiva dele, ele dava-me</p>	<p>tabaco e droga. P5 refere que sentia uma imensa raiva do seu pai por ter coragem de agredir a sua mãe e que, com o passar do tempo, a raiva e o ódio foi acumulando e sentia nojo, não lhe obedecia ou sentia respeito pelo que já não o sente como seu pai. P5 confessa que foi por isto que se tornou uma pessoa revoltada, chateada, raivosa e desconfiada</p>	
--	--	--

<p>muita raiva porque só vê-lo a ter coragem pra fazer aquilo à minha mãe dava-me raiva dele, prontos comecei a ganhar ódio aos pouquinhos e foi-se tornando numa bola, depois havia a altura que eu não conseguia olhar pra cara dele, dava-me raiva, dava-me nojo... prontos, eu já não lhe obedecia, já não tinha respeito por ele, já não o via como um pai, via como uma pessoa lixo... mas o que me dá raiva mesmo é que a minha mãe perdoa tudo tá a ver? E acho que foi por ver isto tudo que me tornei na pessoa que sou, revoltada, chateada, com raiva de tudo, desconfiada, tudo...</p>		
<p>E: E do teu dia-a-dia aqui, o que gostas mais de fazer?</p> <p>P5: Ir À piscina, vamos aos fins-de-semana à piscina, durante a semana estamos nas aulas é sempre a mesma coisa mas ao fim-de-semana é ver filmes e piscina, gosto! E o que</p>	<p>P5 revela que o que prefere fazer no Centro é ir a piscina ao fim-de-semana e confessa que durante a semana sente-se farta da rotina das aulas pois fora do Centro há sempre algum jovem que a distrai com o seu mau comportamento mas que, dentro do Centro</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos face ao desrespeito inicial pela autoridade e de saturação face à rotina atual do Centro</p>

<p>menos gosto é as aulas, não gosto nada de aulas fogo, tou tão farta, lá fora é muito diferente, a turma aqui é muito sossegadinha mas somos poucas, lá fora não, lá fora há sempre um que se arma em esperto e dá animação à aula então eu posso tar sempre no meu cantinho mas a gostar das aulas, aqui não, aqui é tudo caladinho a ouvir a stôra, dá o intervalo falamos mas depois calamo-nos todas outra vez e é sempre assim. Aqui há totalmente um respeito diferente pela autoridade, porque visto agora e visto há uns tempos atrás meu Deus, nós há uns atrás era 2 todos os dias, nós aqui somos avaliadas de 0 a 5 e nós todos os dias levávamos 2, eu era sempre, era raro levar 2 era sempre 1, qualquer coisa que fazia era 1 mas prontos, houve mesmo uma altura em que... isto era fixe também havia mais pessoas, mais jovens</p>	<p>atualmente existe um respeito pela autoridade inexistente inicialmente, quando recebia sempre nota negativa de comportamento e refere que preferia esse tempo</p>	
--	--	--

então...		
<p>E: Agora tens melhores notas?</p> <p>P5: Sim já há muito tempo, desde aquela porrada em Janeiro que nunca mais levei um 2, nunca mais levei um 0, nunca mais levei nada disso... ando-me a tentar esforçar mas lá está eu às vezes, eu preferia levar um 2 do que tar a guardar isto, mas não dá a pensar nos fins-de-semana mas é, preferia, gostava mesmo de levar um 2 e estar leve comigo mesma</p>	<p>P5 refere que desde o episódio de violência que se esforça para ter um bom comportamento, nunca mais levando nota negativa, apesar de referir preferir receber a nota negativa se pudesse igualmente ir a casa, pois guarda e controla tudo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com o esforço para manter um comportamento razoável no Centro</p>
<p>E: Sentes um peso muito grande?</p> <p>P5: Sim, tenho muita coisa guardada, eu sei que eu própria vou explodir, se não for este mês é pró próximo, se não for pró próximo é pró outro, sempre assim... já não tenho nada a perder a seguir às férias, é quatro meses e vou uma vez por mês aguento, se aguentei seis meses sem ver nada lá fora aguento quatro</p>	<p>P5 refere sentir um peso enorme em si e reitera que irá explodir após as férias, quando não tiver nada a perder</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de fardo guardados em si desde que foi institucionalizada</p>

meses...		
<p>E: Não tens medo do que possa vir a acontecer quando saíres daqui?</p> <p>P5: Eu sei que vou encontrar muita gente... eu sei que vou parar numa prisão a sério, eu tenho plena noção disso mas sim tenho medo mas sei que vou voltar a ver as pessoas com quem eu me dava e tudo mas eu vou cair muitas vezes e vai haver uma vez que eu vou cair e não me vou conseguir levantar, vai ser o meu fim mesmo, eu sei...</p>	<p>P5, quando questionada pelo investigador se sente medo do que possa acontecer após a sua saída, responde que sente mas tem a noção que quando reencontrar as suas pessoas vai cair bastantes vezes até cair de vez, sendo o seu fim numa prisão</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com receio do futuro e com a noção de que irá continuar com o comportamento delinquente</p>
<p>a minha ideia agora é fumar não traz nada de mal só que depois do fumo vem o roubo, vêm as noites, depois das noites... vem as drogas mais pesadas e vou voltar a ser o que era,</p>	<p>P5 revela que voltará a ser a mesma pessoa de antes pois vai começar a fumar e evoluir a partir daí para o roubo, noites e o consumo de drogas pesadas</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionados com a noção da evolução do mau comportamento quando sair</p>
<p>mal-educada, arrogante, antipática, que ninguém gostava porque lá no meu bairro há uma escola e mal eu saía as pessoas olhavam-me de lado porquê? Arrogante, porque toda agente me achava</p>	<p>P5 compara a sua maneira de ser antes e depois de entrar no Centro e refere que antes de entrar era uma pessoa mal-educada, arrogante, antipática, detestável, desconfiada e de quem ninguém</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos, de sofrimento psicológico e de revolta face à mudança que o Centro lhe proporcionou</p>

<p>arrogante, antipática, mesmo mal disposta porque eu não dava confiança a ninguém e agora estou uma pessoa totalmente diferente, uma pessoa que consegue falar, uma pessoa que consegue sorrir porque eu só fazia, só sorria, só falava com pessoas que me dava bem, por exemplo, há uns tempos atrás eu não conseguia tar aqui a falar consigo, porquê? Porque eu era desconfiada, não confiava em ninguém agora não, agora quando sair se calhar ganho mais confiança mas... acho que é temporário porque eu vou para o quarto e começo a chorar várias vezes por causa disso, vou pró quarto e olho para uma fotografia minha que eu tenho lá com a minha melhor amiga e penso “esta não sou eu, esta não sou eu!”... tou mesmo diferente e isso tá-me a dar raiva porque eu não gosto de mim assim porque há uns tempos atrás</p>	<p>conseguia abusar pois estava sempre em modo de ataque, enquanto agora refere estar uma pessoa completamente diferente, que é capaz de falar, sorrir e de se controlar para não reagir. P5 refere não gostar e sentir raiva por essa mudança no seu comportamento e sofrimento psicológico ao olhar para si e ver uma pessoa diferente pois sente-se ordenada e rebaixada, pelo que confessa necessitar de estar fora do Centro para reaver quem era anteriormente, no aspeto de conseguir reagir e defender</p>	
---	--	--

<p>ninguém conseguia abusar de mim, alguém falava, eu tava no ataque e então as pessoas acabavam sempre por se calar e eu conseguia sempre, tava sempre por cima, agora não, agora sinto que as pessoas me rebaixam, sinto que as pessoas fazem o que querem de mim aqui dentro, porque lá fora está tudo igual, mas cá dentro eu calo-me várias vezes, ou seja eu já não consigo falar contra a pessoa, porque acho que foi tantas vezes eu me calar, tantas vezes eu tar sujeita a isto que eu habituei-me e agora não consigo discutir, não consigo ser má para as pessoas, não consigo ser mal-educada, não consigo e isso tá-me mesmo a dar raiva e eu preciso de tar um dia fora disto pra ver se volto a ser o que era, pelo menos nesse aspeto, de conseguir falar, de me conseguir defender porque aqui tão a fazer muitos abusos comigo!</p>		
--	--	--

ANEXO F - QUESTIONÁRIO SÓCIO DEMOGRÁFICO

O meu nome é Inês Pereira, aluna do último ano do Mestrado em Psicologia Clínica do ISPA-IU, e estou a realizar um estudo no qual se pretende perceber a experiência do jovem institucionalizado no Centro Educativo.

Para tal gostaria de pedir a sua colaboração para o preenchimento de um questionário. Pede-se que seja o mais honesto possível, garantindo desde já que todos os dados serão confidenciais.

A todos os participantes agradeço a sua colaboração.

Questionário Sócio Demográfico

Idade _____

Sexo F M

Estado Civil _____

Grau de Escolaridade _____

Agregado Familiar _____

Qual o delito porque foi condenado _____

Há quanto tempo se encontra institucionalizado _____

Tempo de institucionalização _____

Qual o regime de institucionalização _____

Detenções anteriores _____

ANEXO G - REQUERIMENTO/PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO FORMAL

Exmo. Sr. Diretor Geral da Reinserção e dos Serviços Prisionais,

O meu nome é **Inês Sousa Coutinho Outeiro Pereira (número de aluno 20229)**, sou estudante do segundo ano do Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA-IU e estou neste momento a realizar a tese de mestrado com o Prof Doutor. Vítor Amorim Rodrigues.

A tese de mestrado debruça-se sobre a temática da Experiência de Jovens Delinquentes em Centros Educativos, por ser um tema em que a literatura ainda é muito escassa em Portugal, nomeadamente do ponto de vista do jovem.

Para a **recolha de dados** precisamos de uma população específica (jovem que, por consequência da execução de um delito, tenha sido direcionado para um Centro Educativo), aliado ao facto de primeiramente ser realizado um questionário sócio-demográfico para escolha dos participantes.

O **objetivo do estudo** prende-se com compreender a perspetiva do jovem institucionalizado quanto à institucionalização, tal como conhecer os seus pensamentos, o seu modo de pensar e de agir. Não obstante é de igual importância ter como objetivo deste estudo auxiliar os profissionais desta área a obter um conhecimento mais abrangente sobre o jovem e o processo de institucionalização.

Para tal o **instrumento** que se pretende utilizar é um questionário sócio-demográfico, de forma a descodificar os sujeitos que reúnam o maior número de critérios. Numa fase posterior pretende-se realizar uma entrevista e aglomerar todas as transcrições dos sujeitos num só texto com o intuito de ser minuciosamente analisado, tendo em conta os 4 passos metodológicos do Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi.

Por este meio vinha requerer autorização para **recolher os dados para a minha amostra**, num Centro Educativo.

O Aluno

O Orientador

(Dr. Vítor Amorim

ANEXO H – CONSENTIMENTO INFORMADO

Declaro ter conhecimento das condições de realização da investigação abaixo apresentada e que pretendo colaborar de forma voluntária na mesma.

Trata-se de uma investigação com vista a elaborar uma Dissertação de Mestrado na área da Psicologia Clínica do ISPA – Instituto Universitário (ISPA-IU), levada a cabo por Inês Sousa Coutinho Outeiro Pereira e orientada pelo Prof. Vítor Amorim. Será, nesse âmbito, feita uma entrevista individual, que poderá, caso o consinta, gravada. O tema será a Experiência de um Jovem Institucionalizado no Centro Educativo.

A minha participação neste estudo é **anónima, voluntária e gratuita**, sem que exista qualquer tipo de recompensa ou despesa pessoal. Posso desistir a qualquer altura da investigação, sem que essa ação se traduza numa penalização. A participação neste estudo não implicará nenhum tipo de dano seja físico ou psicológico.

Os dados recolhidos, desde que garantido o anonimato, poderão ser usados na referida tese de Mestrado ou dar origem a publicações de cariz científico, nomeadamente em revistas nacionais ou internacionais.

.....
Termo de Consentimento Informado

Eu, _____, aceito participar no estudo realizado por Inês Pereira, aluna de 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, no ISPA-IU, orientado pelo Prof. Doutor Vítor Amorim. Declaro que fui devidamente informado/a sobre objetivos e procedimentos, bem como da garantia do anonimato. Autorizo a gravação da entrevista.

_____ Data ____/____/____

Assinatura do/a participante

_____ Data ____/____/____

Assinatura do(a) investigador(a)